

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE AGRONOMIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**AGRÍCOLA**

**DISSERTAÇÃO**

**O MENINO E O SABIÁ: PROSEANDO ENTRE SABERES E  
EXPERIÊNCIAS CAMPONESAS NA COMUNIDADE RURAL  
DO VALE DO BONFIM, PETRÓPOLIS–RJ**

**FABIANO FRANCISCO DE AZEVEDO**

**2022**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**O MENINO E O SABIÁ: PROSEANDO ENTRE SABERES E  
EXPERIÊNCIAS CAMPONESAS NA COMUNIDADE RURAL DO  
VALE DO BONFIM, PETRÓPOLIS–RJ**

**FABIANO FRANCISCO DE AZEVEDO**

*Sob a Orientação do Professor*  
**Dr. Igor Simoni Homem de Carvalho**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica, RJ  
Novembro de 2022**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A994m AZEVEDO, FABIANO FRANCISCO DE , 1982-  
O MENINO E O SABIÁ: PROSEANDO ENTRE SABERES E  
EXPERIÊNCIAS CAMPONESAS NA COMUNIDADE RURAL DO VALE  
DO BONFIM, PETRÓPOLIS-RJ / FABIANO FRANCISCO DE  
AZEVEDO. - Seropédica, 2022.  
93 f.: il.

Orientador: Igor Simoni Homem de Carvalho.  
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação  
Agrícola, 2022.

1. Comunidade Rural do Vale do Bonfim. 2.  
Petrópolis-RJ. 3. Transição Agroecológica. 4. Saberes e  
experiências camponesas. 5. Escrivivência. I.  
Carvalho, Igor Simoni Homem de, 1980-, orient. II  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.  
Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**



**HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 5 / 2023 - PPGEA (11.39.49)**

**Nº do Protocolo: 23083.005625/2023-95**

**Seropédica-RJ, 03 de fevereiro de 2023.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**FABIANO FRANCISCO DE AZEVEDO**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: **24/11/2022**

---

Dr. IGOR SIMONI HOMEM DE CARVALHO - UFRRJ  
Orientador

---

Dra. ROSA CRISTINA MONTEIRO UFRRJ  
Membro interno

---

Dra. MARIESTELA BARENCO CORRÊA DE MELLO - INFES - UFF  
Membro externo

*(Assinado digitalmente em 06/02/2023 10:28 )*  
IGOR SIMONI HOMEM DE CARVALHO  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptECMSD (12.28.01.00.00.00.22)  
Matrícula: 1054069

*(Assinado digitalmente em 03/02/2023 16:37 )*  
ROSA CRISTINA MONTEIRO  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
CoordCGPsico (12.28.01.00.00.00.17)  
Matrícula: 387745

*(Assinado digitalmente em 04/02/2023 18:40 )*  
MARIESTELA BARENCO CORRÊA DE MELLO  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 795.202.437-04

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp>  
informando seu número: **5**, ano: **2023**, tipo: **HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE  
MESTRADO**, data de emissão: **03/02/2023** e o código de verificação: **c4d90eb0c2**

*Dedico esta dissertação a todas as mulheres camponesas e homens camponeses, ancestrais e atuais, que resistem às mais diversas formas de viver no campo com seus saberes, sabores e cores, conectados a toda comunidade de vida que compõem a grandiosa Mãe Terra. Dedico também em especial ao “menino camponês” de sorriso lindo e olhar radiante, por despertar em mim, o menino que vai caminhar por essas páginas, revivendo as mais diversas sensações de estar-se vivo e acreditando nas múltiplas dimensões do amor. A vocês, toda a minha reverência, admiração, respeito e gratidão.*

## AGRADECIMENTOS

Início agradecendo à energia superior, que aqui expresso como Natureza, por me proporcionar viver este momento nesse pedacinho de chão maravilhoso, sentir sua vibração, sua sonoridade, a abundância que a terra nos oferta com alimentos, água e toda a biodiversidade de seres com quem posso conviver.

À Comunidade Rural do Vale do Bonfim, lugar que nasci e vivo até os dias atuais dessa escrita. Aos camponeses e camponesas que me encontrei, conversei, e também aos demais que não consegui ter o prazer deste momento.

À todos/as os/as integrantes da Rede Bonfim Mais Verde, pelas vivências em Agroecológica e Agrofloresta que construímos nos encontros durante este período em que estive no mestrado.

À amiga Marjorie Silva e sua família, por disponibilizar o espaço do Sítio Vale Verde para nossas atividades da Rede Bonfim Mais Verde. *In memoriam* ao saudoso amigo, mobilizador comunitário, Robson Silva, por ter dedicado sua vida por muitos anos à Comunidade do Bonfim.

Ao casal Daniel Villas Boas e Clara Gomes, do Sítio dos Sonhos, pela oportunidade de fazer meu estágio profissional durante as vivências em agrofloresta.

À coordenadora Regina Moreira e à toda equipe do Projeto Gente Viva – Serviço Francisco de Solidariedade por me acolher no estágio pedagógico, assim pude contribuir com os fazeres construídos naquele momento na instituição.

Agradeço à minha família: mãe Vera, meu pai Manoel, minha irmã Michele, meu cunhado Diego ao meu sobrinho Miguel (que nasceu nesse período do mestrado), ao companheiro Olavo e minha filha (cadela) Kelly por toda compreensão e força nessa caminhada tão desafiadora.

À amiga Cirene Carius, por estar sempre presente e enviando vibrações, em momentos bem complexos, com uma conversa boa e gargalhadas para descontrair.

Às minhas amigas Michele Azevedo, Cleonice Fernandes e Juliane Souza, pela parceria e força nos momentos que foram tão difíceis de serem vividos em meio à Pandemia da Covid-19. Sempre estivemos juntas online ou presencial, fazendo trilhas, indo à cachoeira, desabafando nossas alegrias e angústias sobre o mestrado, entre outras questões pessoais das nossas vidas.

À analista ambiental Priscila Franco (Área de Proteção Ambiental de Petrópolis, APA–Petrópolis) e ao Prof. Dr. Rafael Coelho Rodrigues (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB), pela generosidade em redigirem as cartas de recomendação para que eu pudesse estar nesse mestrado.

Ao meu orientador Prof. Dr. Igor de Carvalho, por acolher a temática e a metodologia desta escrita, por estar sempre disponível para as orientações presenciais e online, pelas indicações de leituras e pelas várias conversas que tivemos ao longo desse caminhar.

À Profa. Maristela Barenco Corrêa de Mello, por me convidar para fazer parte do Grupo de Estudos FLORA (Filosofias, Lógicas e Reescritas Acadêmico-Afetivas) durante o período da escrita desta dissertação, por todos os aprendizados como educadora e amiga, construídos desde os meus doze anos de idade até os dias atuais. Por me acompanhar nessa trajetória como educadora, como orientadora do meu Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) em 2017 e por neste momento compor a banca examinadora desta dissertação. Minha gratidão!

Aos companheiros/as do Grupo de Estudos FLORA, pelas trocas de experiências, por todas as discussões acerca de vários temas e por nos possibilitar essa orientação coletiva que nos acolhe e nos fortalece para a construção de escritas sensíveis-coletivas-afetivas.

Agradeço à amiga Profa. Barbara Iung, pela sua sensibilidade e generosidade em fazer a revisão ortográfica do texto, com sugestões cuidadosas e precisas que enriqueceram a escrita desta dissertação.

Grato à Profa. Dra. Rosa Monteiro e à Profa. Dra. Mônica Benevenuto, por fazerem parte da banca da qualificação, pelas contribuições com sugestões de textos e livros e por compor também a banca examinadora desta dissertação.

A todos/as discentes da turma do PPGEA 2020, pelas trocas que tivemos online e principalmente na última semana de formação no final de março de 2022, que foi o único momento em que nos encontramos pessoalmente dentro do mestrado.

Aos professores/as do PPGEA pelas formações, disponibilidades de estarem na qualificação e pela receptividade quando nos encontramos presencialmente na UFRRJ.

*A ciência pode classificar e nomear os órgãos de  
um sabiá, mas não pode medir seus encantos.  
A ciência não pode calcular quantos cavalos de  
força existem nos encantos de um sabiá.  
Quem acumula muita informação perde o condão  
De adivinhar: divinare.  
Os sabiás divinam.*

*(Manoel de Barros, 1996, p. 53)*

## RESUMO

AZEVEDO, Fabiano Francisco de. **O menino e o sabiá: proseando entre saberes e experiências camponesas na Comunidade Rural do Vale do Bonfim, em Petrópolis–RJ.** 2022. 93f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2022.

A presente dissertação tem como objetivo a construção de um diálogo entre os saberes e as experiências camponesas da Comunidade Rural do Vale do Bonfim, em Petrópolis–RJ. Em consonância com a natureza que a envolve, essa localidade expressa a agricultura como um modo de vida que essas/es camponeses/as construíram ao longo de mais de setenta anos residindo na comunidade. Com o olhar aguçado e o ouvir sensível, essa caminhada pelo Vale do Bonfim possibilita encontros entre as memórias do passado com o presente numa prosa prazerosa. Eu, como pesquisador-camponês-agricultor, me disponho nessa escrita a ser ouvinte, narrador e aprendiz dos mais diversos conhecimentos que essas pessoas, caminhos e paisagens perpassam-me nesses quarenta anos. Por isso, minha defesa-proposta é por uma escrita afetiva, não sobre mim, mas a partir do envolvimento coletivo que me constitui como pessoa do campo e rompe com uma escrita acadêmica que direciona o sujeito pesquisador com o objeto pesquisa nas coletas de dados, investigações, interpretações e resultados. Dessa forma, a *escrevivência* de Conceição Evaristo é a base metodológica para que essas narrativas possam fazer seu percurso e propor reflexões a partir do cotidiano presente, com o desejo de construir espaços de diálogos circulares para que esses saberes e experiências possam se expressar na sua forma e no tempo que os interlocutores dessa roda de conversação se sintam mais confortáveis de se expressar. Somos resistência no campo ainda nos dias atuais, pulverizados por todas as manifestações de pré-conceito e desvalorização dos nossos saberes. Nesta discussão, temas importantes e atuais são abordados, como o retorno da fome, os efeitos negativos da agricultura industrial, os desafios da transição agroecológica, resistência da agricultura camponesa e propostas de reconexão com a natureza com fazeres criativos e inventivos coletivos. Assim, nesta *escrevivência*, o diálogo construído por narrativas entre o “menino e o sabiá” reúne a realidade e a ficção que percorrem as paisagens da comunidade. O encontro com sete agricultores/as possibilitou transcrever suas falas como poemas, que trazem seus saberes, seus pensamentos e emoções diversas. Esses/as são os construtores desse lugar comunidade que ultrapassa ser apenas um lugar de morada, mas sim de muitas formas de resistência e transmissão dessas experiências de viver no campo para as gerações presentes. Sua contribuição parte da realidade de um fragmento de conhecimentos que estão vivos na sua função de resistir no tempo e no que faz sentido como modo de viver.

**Palavras-chaves:** Comunidade Rural do Vale do Bonfim, Petrópolis–RJ; Transição Agroecológica; Saberes e experiências camponesas; *Escrevivência*.

## ABSTRACT

AZEVEDO, Fabiano Francisco de. **The boy and the thrush: chatting between knowledge and experiences in the Rural Community of Vale do Bonfim – Petrópolis-RJ.** 2022. 93p. Dissertation (Master in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2022

This dissertation aims to build a dialogue between the knowledge and peasant experiences of the Rural Community of Vale do Bonfim, Petrópolis–RJ. In line with the nature that surrounds it, this location expresses agriculture as a way of life that these peasants have built over more than seventy years residing in the community. With a keen eye and sensitive hearing, this walk through the Bonfim Valley makes possible encounters between memories of the past and the present in a pleasant prose. I, as a researcher-peasant-farmer, am willing in this writing to be a listener, narrator and apprentice of the most diverse knowledge that these people, paths and landscapes have permeated me in these my forty years. Therefore, my defense-proposal is for an affective writing, not about me, but based on the collective involvement that constitutes me as a person in the field and breaks with an academic writing that directs the research subject with the research object in data collection, investigations, interpretations and results. In this way, Conceição Evaristo's writing is the methodological basis for these narratives to follow their path and propose reflections based on the present day-to-day, with the desire to build spaces for circular dialogues so that these knowledge and experiences can be expressed in their own way. and in the time that the interlocutors of this conversation wheel feel more comfortable to express themselves. We are resistance in the field even today, pulverized by all manifestations of prejudice and devaluation of our knowledge. In this discussion, important and current themes are addressed, such as the return of hunger, the negative effects of industrial agriculture, the challenges of the agroecological transition, resistance of peasant agriculture and proposals for reconnection with nature with creative and inventive collective actions. Thus, in this writing, the dialogue built by narratives between the “boy and the thrush” brings together reality and fiction that travel through the landscapes of the community. The meeting with seven farmers made it possible to transcribe their speeches as poems, which bring their knowledge, their thoughts and different emotions. These are the builders of this community place that goes beyond being just a place of residence, but of many forms of resistance and transmission of these experiences of living in the countryside for the present generations. His contribution starts from the reality of a fragment of knowledge that is alive in its function of resisting in time and in what makes sense as a way of life.

**Keywords:** Rural Community of Vale do Bonfim - Petrópolis - RJ; Agroecological Transition; Peasant knowledge and experiences; writing.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Montanhas do Vale do Bonfim.....	7
<b>Figura 2</b> - Vista do Vale do Bonfim da trilha do Véu da Noiva.....	7
<b>Figura 3</b> - Girassol representando as formas de mandalas da natureza.....	10
<b>Figura 4</b> - Diversidade de alimentos do espaço Agroecovida – Bonfim.....	34
<b>Figura 5</b> - Vista do Vale do Bonfim do pico da Pedra da Alcobaça .....	35
<b>Figura 6</b> - Casa sede da fazenda Bonfim.....	38
<b>Figura 7</b> - Forma de plantios e consórcios das hortas no Bonfim .....	44
<b>Figura 8</b> - Hortas em meio as paisagens do Bonfim.....	45
<b>Figura 9</b> - Obra de Cleonice Fernandes - O menino e o Sabiá.....	48
<b>Figura 10</b> - Igreja Nosso Senhor do Bonfim - Vale do Bonfim .....	52
<b>Figura 11</b> - Centro Educacional Infantil Marluce de Sousa Pestana (Antiga Escola Rural do Bonfim).....	55
<b>Figura 12</b> - Poço do Paraíso - Serra dos Órgãos - Bonfim.....	58
<b>Figura 13</b> – Estrada que vai para o Sítio Vale Verde – mirante da Pedra do Cone – Bonfim	59
<b>Figura 14</b> - Pedra do Cone - Bonfim .....	60
<b>Figura 15</b> - Montanhas da Serra dos Órgãos - Bonfim.....	62
<b>Figura 16</b> - Pôr do sol no Bonfim. Ao fundo a Serra da Maria Comprida. ....	70
<b>Figura 17</b> - Entardecer na pedra do sítio Agroecovida - Bonfim .....	72
<b>Figura 18</b> - Organização do sítio Agroecovida em 2010.....	73
<b>Figura 19</b> - Construção da Agroecovida.....	75
<b>Figura 20</b> - Vista de cima do espaço Agroecovida.....	77

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1-</b> Algumas variedades de Flores que eram cultivadas no passado.....	40
<b>Quadro 2 -</b> Algumas variedades de hortaliças que eram cultivadas no passado .....	41
<b>Quadro 3 -</b> Algumas cultivares de roça do passado. ....	41
<b>Quadro 4 -</b> Algumas das cultivares de plantas medicinais.....	41
<b>Quadro 5 -</b> Algumas frutíferas que eram encontradas nos quintais no passado.....	42
<b>Quadro 6 –</b> 33 Variedades produzidas ao longo da construção do espaço Agroecovida.....	76

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA-Petrópolis	Área de Proteção Ambiental de Petrópolis
CDDH	Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Petrópolis
CECIERJ	Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro
CEDAP	Centro de Desarrollo Agropecuario
CEDERJ	Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro
CES	Centro de Estudos Supletivos de Petrópolis
CETAP	Centro de Tecnologias Alternativas e Populares
COMPERJ	Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro
CONPARNASO	Conselho Consultivo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos
COVID-19	Coronavirus Disease 2019
FLORA	Filosofias, Lógicas e Rescritas Acadêmicos-Afetivas
IBDF	Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
ITERJ	Instituto de Terras e Cartografia do Estado do Rio de Janeiro
LPs	Long play (disco de longa duração)
NPK	Nitrogênio, Fósforo e Potássio
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PARNASO	Parque Nacional da Serra dos Órgãos
PPGEA	Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola
PT	Partido dos Trabalhadores
TV	Televisão
UENF	Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>VAMOS SENTAR À SOMBRA DA MANGUEIRA! ME CONTE! COMO TUDO COMEÇOU?.....</b>	<b>1</b>
<b>1 O DIÁLOGO NA MANDALA: SABERES E EXPERIÊNCIAS – LUGARES DE PERTENCIMENTO COLETIVO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 O CAMINHAR COM PÉS DESCALÇOS PELAS FRESTAS DAS MEMÓRIAS</b>	<b>11</b>
2.1 O Reconhecimento – Infância .....	12
2.2 O Envolvimento – Convivência na Infância – Período da Escola – Acidente do Olho	13
2.3 O Despertar para a Adolescência.....	14
2.4 O Amadurecimento – Fase Adulta e os Desafios em Retornar aos Estudos .....	15
2.5 A Reconexão – Agroecologia .....	18
2.6 Trajetória dos Estudos .....	19
<b>3 RECONEXÃO COM A NATUREZA E PROPOSTAS PARA A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA .....</b>	<b>21</b>
3.1 Os Efeitos Socioambientais da Agricultura Industrial Capitalista.....	21
3.2 Os Desafios para a Construção da Transição Agroecológica .....	24
3.3 Resistência da Agricultura Camponesa em Tempos de Crises .....	29
3.4 Relação ser Humano/a com a Natureza: Reconexão para outras Formas de Fazeres Criativos e Inventivos.....	31
<b>4 COMUNIDADE RURAL DO VALE DO BONFIM.....</b>	<b>35</b>
4.1 Suas Paisagens, sua Gente .....	35
4.2 Suas Práticas e Modos de Vida Camponês.....	38
<b>5 COM LICENÇA, PODEMOS PROSEAR?.....</b>	<b>46</b>
5.1 O Encontro do Menino e o Sabiá.....	47
5.2 O Passeio pelos Lugares de Convivência da Comunidade.....	52
5.3 A Música do Rio e o Dançar das Águas .....	56
5.4 O Encontro nos Quintais - Fazer a Vassoura de Mato para Varrer o Terreiro .....	58
5.4.1 Transição.....	62
5.4.2 Trabalhava, mas tinha tempo.....	64
5.4.3 Acho que ela está morrendo .....	65
5.4.4 Legado .....	66
5.5 O Agroecovida Ecoa o Canto do Sabiá .....	71
5.5.1 A construção do espaço Agroecovida.....	72
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>78</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>81</b>
<b>8 ANEXOS .....</b>	<b>87</b>
<b>Anexos I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>88</b>
<b>Anexo II - Carta de Princípios do Flora.....</b>	<b>92</b>

## VAMOS SENTAR À SOMBRA DA MANGUEIRA! ME CONTE! COMO TUDO COMEÇOU?

A escrita desta dissertação tem como proposta entrelaçar as memórias e as vivências que me perpassam enquanto sujeito integrante da Comunidade Rural do Vale do Bonfim, Petrópolis – RJ, e apresenta como objetivo a construção de um diálogo entre os saberes e as experiências camponesas da comunidade, numa abordagem narrativa que tem sua imersão nos conhecimentos que teceram esse lugar epistêmico como camponês. No envolvimento de observar esses lugares pelo Vale do Bonfim, busco compor com essas paisagens uma escuta sensível, o olhar aguçado, o olfato apurado e sorrisos receptíveis aos encontros ao longo dessa caminhada. Nesses passos, vamos revisitar as memórias do passado em diálogo com o presente, para compreendermos como se deu sua construção e quais foram as mudanças que ocorreram ao longo do tempo; sentir nas conversas pelo passear o que as paisagens e os/as agricultores/as trazem em suas memórias e vivências de vida; na percepção com a natureza, observar como se encontram e transmitem as alterações que foram ocorrendo ao longo dos anos; o encontro entre os saberes e experiências como possibilidades para outras formas de reconexão com a natureza e contribuições para a transição agroecológica.

Envolvo-me aqui como um agricultor/camponês que nasceu na comunidade rural e me embalo dentro da sua construção como a geração de filho e neto que teve o próprio “umbigo” enterrado nessas terras. Por ter vivenciado na prática a agricultura até os meus vinte anos, já que muitos foram os atravessamentos, sempre senti que os saberes vividos e guardados na minha memória me acompanhavam nos processos da vida. Mesmo passando pela formação de licenciatura em Ciências Biológicas, me voltei para os saberes populares, que têm esses encontros com as vivências e experiências do papear, da poesia sem plural, do acolhimento, das palavras que saem do coração expressando a grandiosidade de pessoas tão sábias e invisibilizadas por residirem no campo e nas periferias urbanas.

A minha escolaridade ocorreu pela modalidade de supletivo (Ensino Fundamental e Médio), projetado e pensado para as mulheres e homens trabalhadores que só poderiam estudar nos tempos vagos ou a noite, para, assim, ter a formação exigida pelo mercado de trabalho. Por um lado, me sentia sempre habitando as bordas do sistema de ensino, já que essa modalidade não se demora no compartilhamento e na construção do saber coletivo, mas focam na formação individual, em que o tempo e a organização de estudos são responsabilidades de cada indivíduo. Por outro lado, me sentia no centro dos saberes ancestrais, que vivenciei na minha infância e adolescência.

Não estudei em consonância com o que a minha vivência camponesa me oferecia, mas dentro de um sistema mecânico e nada dinâmico, que objetiva decorar datas, eventos históricos, regras gramaticais e fórmulas matemáticas, mas em mim essa oralidade ardia e me isolava do mundo ao meu redor. Viajava no imaginário dos meus pensamentos, remontando e relembro todas as histórias que ouvia quando criança. No meu trabalho de conclusão em licenciatura em Ciências Biológicas em 2017, compartilhei experiências agroecológicas que vivenciei como contribuições para a educação ambiental, e não houve um aprofundamento para expressar esses saberes e experiências que em mim permaneceram. Como um chamado e um comprometimento de revivê-las e registrá-las por meio da escrita, essas memórias grandiosas que me movem para pensar outras formas de fazeres educacionais contra-hegemônicos não se distanciaram de mim e trago para compartilhar com todas e todos. Não é sobre mim que essa escrita vai se construir, mas a partir de mim esse diálogo vai aflorar e permear com seus conhecimentos, envolvimento e aprendizados diversos, com o coração

aberto para acolher e dialogar sobre as diversas experiências que me compõem como um camponês atravessado pelos saberes coletivos dessa comunidade.

Chego ao Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola – PPGEA com a proposta de trazer esses saberes e experiências para fortalecer e contribuir com os processos de transição Agroecológica. A comunidade do Bonfim, atualmente, tem a maior parte de suas práticas agrícolas convencionais e passa por inúmeras transformações em relação a essa modalidade de agricultura, mas nem sempre foi assim. Por isso, trago como menção essas experiências camponesas, que são o ponto central de sentir e observar o que a comunidade tem como conhecimentos a partir de seus integrantes. De início, vem a nossa cabeça as formulações de pesquisa que separam o sujeito (pesquisador) do objeto (pesquisado) como alguém de fora do processo de formação da localidade. No meu caso, sou parte dessa construção, e não me vejo com um olhar de fora pela formação acadêmica que tenho, mas desafiado a mergulhar nesse meu existir aqui na comunidade nesse momento. Verbos como caracterizar, conhecer, identificar e analisar fizeram parte do meu pré-projeto até à qualificação, mas que, em um instante breve e momentâneo, percebi ao caminhar pela comunidade vibrações e sensações dessas memórias que fizeram parte dos meus vinte anos dedicados a estar aqui como camponês, me convidando para uma relação mais íntima com essas realidades. Não há um foco determinado que se direcione somente para as técnicas-práticas de agricultura mais ecológicas utilizadas no passado, mas modos de se relacionar com a agricultura como o modo de vida que essas famílias construíram e cultuam há mais de setenta anos. Aqui, posso me expressar e trazer outras perspectivas de educação não formal, que tenham os sujeitos do campo como protagonistas desse diálogo.

Na proposta de trazer essas experiências a partir de uma escrita afetiva, trago as contribuições do grupo de estudos FLORA (Filosofias, Lógicas e Reescritas Acadêmico-Afetivas) no qual faço parte desde abril de 2021. O grupo é constituído por professores/as, estudantes e pesquisadores/as de várias áreas do conhecimento e instituições de ensino público, que sentem a necessidade de construir espaços de troca de saberes e experiências. Com o desejo de reinventar seus fazeres cotidianos dos espaços de convivências em que estão inseridos, debruçamos nas reflexões sobre as muitas realidades que nos perpassam. Essa iniciativa surge a partir do inconformismo com as lógicas monológicas de escritas acadêmicas coloniais, que não se deixam atravessar pelos múltiplos processos afetivos que nos constituem como seres humanos, inseridos em realidades diversas, as quais podem ser essas as potencialidades de reescritas vivas a partir dos diversos ambientes onde as vivências acontecem. Como prática, o grupo tem como proposta a orientação acadêmica coletiva, estudos de textos e livros e a construção de escritas coletivas.

Ao compartilhar com o grupo FLORA, minha pesquisa de mestrado e as inquietações de construir uma escrita que faça sentido e que expresse o meu lugar no mundo, o grupo me indagou: – Como um camponês escreve? E esse foi o ponto que me tocou para assumir esse lugar de camponês, me vestindo com botas, calça surrada, camisa manchada e um chapéu de palha para me proteger dos raios do sol, como fazem as grandiosas árvores ao cobrirem o solo das florestas. Não irei investigar, analisar ou dar interpretações sobre dados coletados, mas apalpar com os pés, mãos, abraços, sentindo o que esse solo, águas, florestas, montanhas e pessoas têm naturalmente para compartilhar nessa caminhada, deixando-me tocar pela brisa leve das palavras, das memórias dos/das camponeses/as que me encontro por esse passear.

O processo da pesquisa ocorreu em meio à pandemia da COVID-19 (causada pelo Coronavírus SARS-CoV-2), que até o atual momento dessa escrita causou a morte de mais de 690 mil pessoas no Brasil, o que também nos afetou de forma imediata. Tivemos que repensar as práticas de trabalho, o estudo e as relações uns com os outros. Em meio a tantas disputas políticas e graves problemas sociais que já enfrentávamos, nosso planejamento como mestrandos também foi afetado. Todo o nosso processo dentro do programa foi através do

ensino remoto, nos limitando muito em termos de estudo e relações, que são fundamentais para o que o PPGA se propõe a construir coletivamente. Com isso, a pesquisa também sofreu modificações, por não sabermos quais os passos que poderíamos dar, aguardando as orientações e liberações das autoridades para seguirmos.

A metodologia que permeia a presente pesquisa é inspirada na escrevivência da escritora Conceição Evaristo. O meu encontro com a escrevivência de Conceição tem se construído a partir de seus relatos sobre sua experiência de vida, sua relação com a escrita desde muito jovem e suas obras que trazem narrativas sobre memórias e realidades das mulheres negras invisibilizadas. Debruçando-me nas leituras de suas obras, como *Ponciá Vivência* (2003), *Becos da Memória* (2006), *Olhos D'água* (2014), *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), além de entrevistas e outros escritos da autora, fui tocado profundamente para compor uma “escrevivência camponesa”. Numa dessas leituras, Evaristo conta: “era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra escrevivência”. Relata que a escrevivência é fundamentada nas histórias de mulheres negras, mas pode ser experimentada por grupos sociais com outras realidades; ainda salienta que a “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem” (EVARISTO, 2020, p. 02).

A partir dessas palavras, me senti desafiado, pois sou homem-branco, mas venho de uma realidade do campo que traz muitos desafios, sofrimentos, lutas e perdas. Com uma oralidade muito forte que me permeou e, por ter essas memórias tão presentes em mim, peço licença à Conceição Evaristo por trazer para a minha escrita a escrevivência como metodologia, pois me encoraja e me inspira para assumir esse lugar do campo no qual me constitui, abrindo possibilidades de ampliar e fortalecer esse reexistir camponês que é invisibilizado e deixado de lado como algo do passado e atrasado.

Por uma escrita que nos envolve, que nos coloca despidos diante das emoções, nos eleva em gargalhadas com as alegrias, nos apoia reflexivos diante das dores, respiros profundos para suportar as angústias, lágrimas que vem e vão, como os raios do sol entre as nuvens que nos desafiam a pensar e assumir outras formas de contribuição. Nesse sentido, para que os espaços acadêmicos possam ter outros olhares em relação aos que vêm das bordas do sistema de ensino, o qual se objetiva a formatar e direcionar modelos reprodutivos e repetitivos:

Não é fácil se liberar das amarras das estruturas acadêmicas internalizadas que apontam sistematicamente para “regras” que, no momento de produção de um texto, se traduzem muitas vezes em uma preocupação maior para acertar na forma, ponto recorrente de desqualificação, o que me conduz, com frequência, a titubear, e em alguns momentos engessam a minha capacidade criativa (FELISBERTO, 2020, p 165).

Essa escrita afetiva perpassa por outras possibilidades de sentir o pulsar da vida. Para Evaristo (2005, p. 6.): “surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido”. Esta escrevivência que atravessa o meu ser como um todo se propõe a narrar acontecimentos que nos deixam marcas para pensar nossas escolhas e o nosso lugar no mundo.

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosia esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executou, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2005, p. 2).

A emoção que aflora ao relatar as histórias. Pensando sobre essa sensibilidade, a apreciação do ouvir sem a pretensão de aconselhar, estar disponível para ouvir a voz que vem do outro para compor as histórias e deixar que as emoções ao escrever venham para que seja vivenciado o momento. O envolvimento que emociona a partir de histórias que nunca foram construídas para uma personagem; os relatos que não são meus, mas quase são pertencentes, pois se assemelham com minhas histórias (EVARISTO, 2016).

A forma de escrita vai seguir pela escrevivência, através das narrativas de acontecimentos reais e, entrelaçados pela “ficção” e as frestas do lembrar, o que possibilitam trazer essas vivências e aprendizagem para que os relatos pessoais e interpessoais possam fluir na escrita. Como Evaristo (2016, p. 8) relata: “Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu”. Assim,

Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (EVARISTO, 2016, p. 8).

A construção de uma narrativa que parte da experiência pessoal apresentada na escrita em primeira pessoa, “eu”, em diálogo com a realidade ao seu redor, envolve um sentimento de pertencimento, responsabilidade e cuidado com o que vai ser relatado, pois são percepções que vão compor com as outras realidades que constituem a comunidade. Nesses passos,

Construir novas latitudes teóricas tem sido uma reparação epistemológica e uma verdadeira revolução, e o percurso de trazer as escrevivências para o mesmo pódio dos outros gêneros de textos acadêmicos concede a distinção de convocar a autoria a se fazer presente em primeira pessoa, sem modalizadores, fazendo com que essas novas produções sejam textuais, mas também sensoriais, pois têm som, têm cheiro, têm paladar, têm aconchego, mas também têm dor, e expurgar a dor é fazer as pazes com o presente (FELISBERTO, 2020, p. 173).

Assim, esse diálogo não tem a pretensão de ser um monólogo narrativo ou apenas de ficção entre o “menino e o sabiá”, mas um prosear com as paisagens, com os lugares de referência e com sete camponeses/as (cinco mulheres e dois homens, com idade entre 40 e 70 anos). São agricultores e agricultoras que estão à disposição para receber visitantes e pesquisadores, são referências e lideranças que compõem vários espaços dentro da comunidade, seja na participação da Associação de Produtores, na igreja local, centro educacional infantil e tantas outras funções; são pessoas que estão aqui desde o início da comunidade, fazendo parte das primeiras famílias que aqui vieram viver. Não trabalhei com critérios específicos para escolher essas pessoas, pois a meu ver todas e todos da comunidade são importantes para essa composição e esses sete foram escolhidos pelos encontros que se deram nesse meu caminhar pela comunidade. Teve como proposta conversas abertas, sem roteiros específicos e sem perguntas programadas ou sincronizadas cronologicamente, direcionadas somente para coletar dados. Os participantes partiram de onde se sentiam à vontade para começar seus relatos. Uma teia de lembranças, saberes, lamentos, problemas, alegrias, vibração na entonação da voz, emoções, saudades, minuciosidades em trazer fatos importantes sobre suas vidas e a construção da comunidade. Tudo isto ocorreu em meio ao quintal, trovões, chuvas e noites estreladas no verão de 2022.

O ponto de partida dessa caminhada inicia com o primeiro capítulo desta pesquisa: “O diálogo na mandala: saberes e experiências – lugares de pertencimento coletivo”. Para compor essa conversa na mandala, convido os autores/as Tenzin-Dalma, Antônio Bispo dos Santos,

Jorge Larrosa, entre outros, para esse diálogo na construção do ambiente, compartilhamento dos saberes e experiências que compõem uma roda de troca de vivências. Aqui, trago a importância em pensarmos espaços que os saberes e experiências se encontrem. Mais do que o simbolismo de estar em círculo, é propor lugares de escuta sensível dessas preciosidades que estão em cada pessoa, possibilitando que suas memórias, vivências e aprendizados possam “confluir” (SANTOS, p. 03, 2020).

No capítulo seguinte, em “O caminhar com os pés descalços pelas frestas da memória”, apresento um memorial narrativo sobre minhas percepções como criança, adolescente e jovem, numa trajetória que vai desenhar com as palavras os aprendizados que tive a oportunidade de encontrar ao longo da vida no campo. São fatos que evidencio para falar desses saberes da comunidade na qual nasci e cresci, local este que ainda me acolhe até a atual escrita. Seguindo essa reflexão, aqui me coloco como parte da comunidade conhecendo cada rua, paisagem, seus moradores e suas atividades, mergulhado nas mudanças que ocorreram nas últimas quatro décadas.

Em “Reconexão com a natureza e propostas de transição Agroecológica” trago os seguintes autores: Roseli Caldart, Ana Primavesi, Vandana Shiva, Paulo Petersen, Denis Monteiro, Claudia Schmitt, Igor Carvalho, Stephen Gleissman, Thiago de Mello, Luiz Zarref, Vinicius Dictoro, Ernest Gotsch, Cristine Takuá, Walter Steenbock e outros que trazem profundas reflexões sobre questões que permeiam a agricultura, como: os problemas socioambientais (insegurança alimentar e nutricional) causados pela agricultura industrial; os desafios para a construção de formas de transição Agroecológicas; a agricultura camponesa como resistência em tempos de muitas crises (socioambientais e climáticas); nossa relação como humanos/as com a natureza, na busca por reconexão através de fazeres criativos e inventivos, para construirmos outras formas de amenizar os efeitos desastrosos que nós, seres humanos/as, causamos na Terra.

Ao chegar ao capítulo quarto, na “Comunidade Rural do Bonfim” já se desenrola um passeio pela fazenda que virou comunidade, “sua gente, suas paisagens”, cartões postais dessa região. Aqui, revisito os trabalhos acadêmicos de Leonardo da Rocha, Ana Lourenço, Frances Corrêa e Sarah Lawall, que desenvolveram suas pesquisas na comunidade do Bonfim, registrando de forma histórica essa formação comunitária, compondo juntamente com as lembranças que me eram passadas oralmente.

E finalmente chego “Com licença, podemos prosear?”, capítulo que traz cinco narrativas que se relacionam entre si em diálogo profundo entre o “menino e o sabiá” com a natureza que os cercam e com os/as agricultores/as. Nessa caminhada pelas ruas e trilhas da comunidade, desbravamos as preciosidades dessas terras. Um texto introdutório compõe o início dessas narrativas, com o intuito de apresentar as entrelinhas que compõem essas cenas: “O encontro do menino e o sabiá”; “O passeio pelos lugares de convivência da comunidade”; “A música do rio e o dançar das águas”; “O Encontro nos quintais - fazer a vassoura de mato para varrer o terreiro”; “O Agroecovida ecoa o canto do sabiá”. Nas considerações finais, vamos entrelaçar as contribuições desse caminhar com as reflexões sobre esses saberes e experiências que resistem até os dias atuais.

A presente pesquisa propõe trazer reflexões sobre as paisagens sociais e ambientais que são modificadas pelas mãos dos seres humanos. Traz na sonoridade das palavras os vários cotidianos que passam despercebidos quando propomos nosso foco na investigação de pontos específicos. Não se trata de lançar ideias soltas, sem propostas, sobre as contribuições desse trabalho, mas entender que um lugar tem sua história, têm símbolos físicos e subjetivos que reúnem as pessoas, têm diálogos que, quando são ouvidos, se transformam em poesias e momentos prazerosos de acolhimentos e aprendizados. Nesse processo, percebi a necessidade de sentar, ouvir, acolher e compor com cuidado e respeito o que minhas memórias trazem a partir do contato com os/as camponeses/as. No entanto, me desafio a defender essa forma de

escrita-escrevivência, que me atravessa como camponês, educador, pesquisador e aprendiz da natureza. Venha para a sombra da mangueira, sente-se à grama e se permita viajar por essas paisagens nesse pedacinho da Serra Petropolitana, ao som da música “Aprendiz”, de Marco Gottinari (2011)<sup>1</sup>:

Foi na gota de orvalho  
Que aprendi a brilhar  
Na curva dos galhos  
Que guardei meus tesouros  
E me fiz aprendiz

Nas folhas ao vento  
Aprendi a voar  
Nas asas do pensamento  
Descobri o que é amar  
E me fiz aprendi

Foi nas ervas dos campos  
E no silêncio das flores  
Que senti seus perfumes

No espelho das águas  
Que te vi mais bonita  
Com seus laços e fitas

Brisa leve que paira  
Me abraça, me afaga  
Nas encostas da serra  
O zunir da cigarra  
Passaredo que canta  
Me levanto mais cedo  
Tu que vem de outros reinos  
E me conta os segredos do amor

Brisa leve que paira  
Me abraça, me afaga  
Nas encostas da serra  
Até a beira da praia  
Passaredo que canta  
Me levanto mais cedo  
Tu que vem de outros reinos  
E me conta os segredos do amor.

---

<sup>1</sup> “Aprendiz”, de Marco Gottinari: <https://www.youtube.com/watch?v=oce5zMpF-Ac>



**Figura 1 - Montanhas do Vale do Bonfim.**  
Fonte: do autor (2022)



**Figura 2 - Vista do Vale do Bonfim da trilha do Vêu da Noiva**  
Fonte: do autor (2015)

## 1 O DIÁLOGO NA MANDALA: SABERES E EXPERIÊNCIAS – LUGARES DE PERTENCIMENTO COLETIVO

Nossa caminhada inicia com “o diálogo na mandala”. Podemos pensar esse processo da mandala para além de uma *práxis* do sentar-se em roda, que compõe um encontro em que as pessoas apenas possam se olhar ou dissolver aquele aspecto de sair dos formatos quadrados, enfileirados. Sentir-se parte de um espaço circular-mandala é diferente, quando nos percebemos parte dessa dinâmica que possibilita a cada integrante se manifestar, compondo, assim, esse espaço de trocas. A proposta aqui é conversar sobre esses saberes e experiências sem a pretensão de trazer verdades a serem seguidas, mas, sim, propor um exercício de pensar como podemos ouvir essas vivências se demorando no seu tempo, para que esse falar que venha ao nosso encontro seja acolhido, sem que as interrupções que desejam determinar e direcionar essas narrativas desviem a percepção do sentir a vibração da prosa, que se demora no momento de cada pessoa. Se não der tempo para todos e todas prosem na roda “hoje”, haverá amanhã para compor essa mandala novamente, com movimentos em suas cores e vozes, sempre dispostas a se recompor para esse aprender da vida em coletivo. Trago essa possibilidade de “haver amanhã” para não amputarmos os encontros, determinando cronologicamente o tempo e impossibilitando que essas trocas aconteçam.

A representação da mandala traz a leveza na ambientação e nos convida a observar a natureza que se expressa em toda a sua potencialidade criativa, nas suas infinitas formas de vida que se manifestam. Para Tenzin-Dolma (2007), essa representação pode ser encontrada na natureza por onde quer que observemos. Podemos perceber “o formato em caracol, de uma concha, as pétalas sobrepostas de uma rosa, os anéis de crescimento de um tronco de árvore, os padrões formados pelas folhas desenhadas contra o céu [...]” (TENZIN-DOLMA, 2007 p. 10). Esse olhar para a natureza, com a sensibilidade de perceber e sentir sua organização circular é um convite para nos olharmos como humanos nesse lugar do círculo, onde não há um lugar de destaque, mas sim a possibilidade de que todos e todas possam se olhar, se ouvir e se expressar com seus saberes e experiências, compondo, assim, partilhas que envolvam todas e todos em cada modo de expressão.

Nesse movimento do círculo, observamos outras possibilidades de composição. O mestre quilombola Antônio Bispo nos apresenta como se constrói essa relação em seus espaços de encontros:

Nosso pensamento é um pensamento que nos permite dimensionar melhor as coisas, os movimentos e os espaços. Nos espaços circulares cabe muito mais do que nos espaços retangulares. E isso nos permite conviver bem com a diversidade e nos permite sempre achar que o outro é importante, que a outra é importante. A gente sempre compreende a necessidade de existirem as outras pessoas. (SANTOS, 2020, p. 04).

A proposta do círculo é construir espaços que sejam convidativos e inspiradores para que os participantes se sintam confortáveis para anunciar o que perpassa em suas experiências de vida. Não defendemos aqui um espaço somente de falas, mas que também acolham as diversas formas de expressões que possam se encontrar. Para Santos (2020, p. 06), “o saber orgânico é o que se desenvolve desenvolvendo o ser”. Um saber que é construído a partir das relações com a natureza e com os humanos e todas as suas potencialidades, criatividade, desejos e manifestações diversas, que possam emergir tantas formas de se viver em ambientes diversos. Não é falar sobre o ambiente do outro que está distante, mas do nosso que está sob nossos pés e que sequer tiramos nossos sapatos para sentir a textura do nosso lugar no mundo.

Nossa provocação aqui é pensar outras formas de encontros entre os conhecimentos diversos que nos permeiam, na relação que se constrói durante nossas interações e composições como humanos integrados à natureza. Nesse processo,

[...] a dimensão de uma educação como ato criador passa a ser descoberta na vida e na experiência e não apenas na escola. Então, o que acontece no caminho da escola, no trabalho, durante uma conversa... tudo isso dispara forças que despertam não propriamente um lugar epistêmico, mas, sobretudo, um estilo epistêmico: uma forma singular de conhecer em que, ao mesmo tempo, pode-se pensar o processo e o conhecimento (MELLO, 2016, p. 196).

Assim, as expressões “crítica, prática e emancipadora” nos remetem às contribuições da Educação Popular, que tem sua proposta educativa para os espaços escolares como também para os locais educativos não formais, propondo para os sujeitos formações que possibilitem transformações relacionadas às suas realidades numa composição entre esses diferentes lugares (PALUDO, 2012, p. 286). A seguir, observamos que os espaços não formais são os que possibilitam menos obstáculos para um diálogo entre os saberes e as experiências, pois não estão formatados dentro das regras educacionais que transmitem e reproduzem formas, verdades e padrões que vão sufocando nossas expressões mais sensíveis, construídas ao longo da nossa vida. Nesse sentido,

A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura. [...] Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo. (LARROSA, 2017).

No entanto, o cunho popular representa resistências culturais locais, fortalecimento das lutas do campo – onde o camponês se relaciona não só com a produção de alimentos, mas com a sua identidade comunitária –, os camponeses/as são os guardiões das diversas práticas de se relacionar com a agricultura e com as próprias urgências sociais, o cuidado com as variedades de plantas e sementes e das festas populares comunitárias de grande importância para a cultura e fé popular. Olhar para essa escrita que produz sentido a partir do que é vivenciado fortalece esses saberes populares, pois eles têm como base as experiências camponesas que traremos aqui em forma de narrativas vivas, com cheiros, cores e sabores; e identifica que esses conhecimentos estão na comunidade e podem dialogar junto às práticas Agroecológicas, pois estas integram inclusive atividades escolares e não-escolares, acadêmicas e populares.

Não nos colocamos contra os espaços escolares e acadêmicos, mas nos posicionamos no fortalecimento dos espaços de experiências coletivas. Pensar como esses saberes são construídos no decorrer da formação dos indivíduos requer um olhar mais aguçado para o entendimento de seus processos, pois,

[...] a relação com o saber é um conjunto das relações que um sujeito mantém com um objeto, um “conteúdo de pensamento”, uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma oportunidade, uma obrigação etc., de qualquer modo ligados ao aprender e ao saber – daí ela é, também, uma relação com a linguagem, uma relação com o tempo, uma relação com a atividade no mundo e sobre o mundo, uma relação com os outros e uma relação consigo mesmo, com mais ou menos capaz de aprender tal coisa em tal situação (CHARLOT, 2007, p. 45).

Nessa reflexão, percebemos que os saberes partem de uma relação entre o sujeito-objeto e sujeito-cultura, nesse caso os conhecimentos adquiridos a partir das relações do

cotidiano. Esse processo estará ligado à aprendizagem e aos saberes em concordância com a linguagem, o tempo e as atividades com o mundo e sobre o mundo. Seguindo a reflexão de Freire (1987, p.68): “Não há saberes mais ou saberes menos, há saberes diferentes”, no entanto, as relações conseguem em si mesmas e com os demais, maior ou menor capacidade de aprendizagem em uma específica situação.

Assim, ainda em Larrosa vemos uma reflexão do conjunto “saber + experiência = conhecimento” ao longo da vida; diz o autor que “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2002, p.21). Esses são processos que ocorrem em nosso cotidiano a todo momento. Somos convidados a se demorar neste percurso, se reconhecer naquilo que a vida proporciona, como propostas de aprendizados que estão em nós, numa interlocução desses conhecimentos com o outro, sem a pretensão de impor ou sobrepor essas experiências, mas simplesmente sentir o fluxo que é construído quando nos propomos a compor uma “mandala” de convivências.



**Figura 3** - Girassol representando as formas de mandalas da natureza  
Fonte: do autor (2010)

## 2 O CAMINHAR COM PÉS DESCALÇOS PELAS FRESTAS DAS MEMÓRIAS

Sento-me sobre uma rocha,  
Posicionada para o nascer do sol.  
Ao redor encontram-se manjericões,  
Cebolinhas, capuchinhas, sálvia, e flores de zina.

Esse mesmo lugar em um longínquo passado,  
Me desafiava a pensar minhas escolhas.  
Solo compactado, lavado, agonizando  
Ao sol forte do verão.

Indicava o esgotamento, uma pausa para o recomeço.  
Voz não ouvida, dificuldades à vista, negação dos sinais.  
O tempo passou, e o mesmo lugar se encontra renovado,  
Caminhando para a regeneração harmoniosa com todos os seres.

Ainda há de ser observar, assistir, e ouvir no silêncio do entardecer  
Os aprendizados sonoros que saem pelos poros da terra nos alertando  
Que a vida pulsa no invisível e silencioso escuro abaixo de nossos pés.

Há de se pensar, imaginar campos floridos, comida abundante  
Em meio às borboletas, abelhas, beija flores e joãos de barro  
Se achegando no aquecer da manhã de primavera.

O lembrar nos faz resistir sobre os erros que foram aplicados.  
Nos mostra que as escolhas não são individuais, mas sim coletivas.

Todos são envolvidos como fios em uma teia.  
Conectados no grande mistério da vida.  
Se acheque, ouça, se aquiete, observe as linhas sonoras e coloridas que engrandecem  
as combinações naturais.  
Fique descalço e sinta nas plantas dos pés a vibração do solo sagrado que te  
alimenta, sustenta e lembra que és pó.

Fabiano Francisco de Azevedo (2021)

Iniciar uma narrativa sobre nossas experiências de vida é algo muito particular e envolve uma série de emoções e formas interpretativas da escrita. Isso ocorre a partir do momento que repousamos para rememorar esses acontecimentos numa reflexão profunda, crítica aos aprendizados adquiridos através dos pensamentos. Reviver momentos do passado e que, ao mesmo tempo, fazem parte da atualidade através de saberes e vivências que marcam nossa trajetória de ser uma simples partícula na imensidão do universo. Dessa forma, minha proposta nesse primeiro momento é trazer um olhar de dentro dessa realidade rural que me constitui e que me faz retornar para esse lugar de camponês, com o privilégio de sentar-me e viajar nas memórias que vivificam todos os aprendizados possíveis de serem lembrados. Assim, fortalecem a minha escolha atual de retorno à terra, oportunidade esta que me foi presenteada pelas energias da natureza que sempre estiveram presentes se comunicando comigo. As entrelinhas dessas recordações trazem elementos reflexivos não apenas de uma forma de viver que hoje não é mais praticada, mas uma resistência viva desses saberes em mim. Convido a todas e todos para percorrermos esses passos nas próximas páginas.

## 2.1 O Reconhecimento – Infância

Era outono, o vento de maio me trouxe no dia 03, do ano de 1982, às 03h:45min. Signo de Touro, Lua em Virgem, planeta regente Vênus, signo ascendente Áries, segundo as orientações da astrologia. Meus pais e meus avós foram educados como cristãos católicos. Como a maioria das pessoas da comunidade seria batizado, eu participaria da catequese e seria crismado; tudo isso misturado ainda com as crenças que eram praticadas pelos mais antigos, como as rezas (quebranto, vento virado, caxumba, e tantas outras enfermidades que as crianças e os adultos apresentavam). Uma fé diferente dessa que hoje vemos nas Igrejas cristãs. Lembro-me perfeitamente da minha tia-avó me rezando de vento virado, quebranto e caxumba. Para a reza do “vento virado”, ela fervia um pouco de água, punha em um copo até a metade, colocava um prato e virava, por cima colocava um pente e uma tesoura aberta. Sobre a cabeça da criança, ela segurava com uma das mãos e fazia o sinal da cruz com a outra, rezando em voz baixa por cima desses objetos. A porta tinha que estar aberta e ninguém poderia ficar nela para não bloquear as energias. No quebranto, com umas três folhas de arruda ela fazia o sinal da cruz rezando e, em algum momento na reza, ela movimentava o braço em direção à porta, como se estivesse mandando ir para fora – ao final, se a arruda estivesse murcha, o quebranto estava forte. Na caxumba, um facão introduzido nas cinzas do forno à lenha era o objeto que ela usava, enquanto fazia o sinal da cruz para cortar a caxumba. Quando a reza era forte, só precisava ir três vezes que já estaria tudo resolvido. Outras rezas, como cobreiro, mau-olhado, espinhela caída, erisipela, fogo brabo, também eram praticadas.

Além dessas crenças, as plantas/ervas medicinais também estavam muito presentes em formas de chás, emplastos, xaropes e banhos. Uma relação íntima de respeito com a natureza também fazia parte dos costumes: quando uma criança nascia, minha bisavó apresentava-a para a lua e falava umas palavras; quando formavam tempestades, se recolhiam, acendiam uma vela e rezavam até passar. Na quarta-feira-de-cinzas, não plantavam nada, pois diziam que, se fizessem, as plantas não se desenvolveriam, se transformando em cinzas. Na semana santa, não cortavam lenha e nem varriam a casa, em respeito à crucificação. Tantas e tantas outras manifestações eram praticadas, e foram se perdendo ao longo do tempo. Na maioria das propriedades tinha uma cruz de bambu ou madeira e, em suas hastes lateral e vertical, garrafas de vidro – diziam que era para afastar os maus olhares. Nas portas, eram cultivadas plantas protetoras como espadas de São Jorge, guiné e dracena vermelha (“penacho de índio”). Algumas práticas eram cultivadas sem serem mencionados seus significados e, depois de muitos anos, fui descobrindo suas funções. Isso mostra a presença muito forte da natureza ligada intimamente à religiosidade e à fé popular. Eu ainda alcancei algumas dessas práticas. A partir da geração dos meus pais, isso não foi mais praticado. Em toda a comunidade, somente uma agricultora tem a prática de rezar, mas somente por extrema necessidade.

Como profissão, meus pais e avós eram “lavradores”, como se denominavam. Passaram por muitas dificuldades por morarem numa área rural, que não era tão distante do centro urbano, mas que não havia condução, energia elétrica e estradas pavimentadas, e isso dificultava a locomoção. Ainda peguei, nos meus primeiros anos de vida, esse período sem energia elétrica, sem condução, tendo que andar a pé. O objetivo final da maioria dos jovens, para concluir o ritual cristão, era casar-se entre as famílias da comunidade do Bonfim e Caxambu. Uma grande parte só estudava as primeiras séries do antigo primário e permanecia nas atividades da agricultura. Meus pais não foram diferentes.

Minha educação seria dentro dos padrões cristãos e sob a tradição familiar. Permaneci como filho único até meus oito anos de idade e tive alguns mimos (ficar mais em casa, estar sempre limpo, não ser obrigado a fazer tarefas na agricultura antes dessa idade). Aproveitava para ouvir todas essas histórias pela minha bisavó, tios, avós e meus pais. Observar era uma das minhas sensibilidades mais aguçadas e que me acompanhava na convivência com esses

mestres. Não havia o domínio da escrita e nem da leitura, mas eram oradores dos acontecimentos que trouxeram muitos aprendizados e faziam parte de suas vidas. Esse olhar também se apresentava em relação ao quintal, no cultivo de plantas ornamentais e medicinais, na criação de animais como coelhos e pássaros nas gaiolas, prática comum aqui na comunidade. Percebi em pouco tempo que isso era inadmissível e parei totalmente com essa prática manipuladora que traz um mero ego de satisfação em ter seres aprisionados. Esse foi um dos aprendizados que hoje avalio como negativo. Hoje, eu os tenho livremente cantando no meu quintal.

Essa forma de ser educado me colocou muito frágil ao mundo externo. A escola era um lugar desconhecido que eu não queria frequentar, e eu saíria desse aconchego familiar no qual estava acostumado. Eu era tímido e não me relacionava fora do convívio com minhas primas e primos. Outro fator que me desafiava era ter que andar quase uma hora para chegar à escola. Não tinha esse espírito aventureiro e tudo era estranho e temeroso. Duas lembranças são bem marcantes da minha infância. A primeira eu estava com uns dois anos de idade. Minha mãe com os afazeres me deixava dentro de um cercado de madeira pintado de vermelho, e eu passava a maior parte do dia ali para não ficar pela casa dando trabalho. A outra, eu tinha um pouco mais de dois anos. Eu sempre brincava com dez parafusos que ficavam guardados em uma gaveta do armário da cozinha. Não sei por qual motivo eles lá estavam guardados. Só sei que um certo dia coloquei todos na boca, minha mãe percebeu meu choro engasgado e foi retirando todos, mas faltava um que já estava descendo pela garganta. Ela colocou o dedo e eu dei vômitos, colocando para fora. Eu sinto essa sensação até hoje. Penso que minha timidez e retração ao falar pode estar relacionada a esses acontecimentos.

## **2.2 O Envolvimento – Convivência na Infância – Período da Escola – Acidente do Olho**

Meu primeiro ano na escola foi em 1989, estava com sete anos. Esse ano foi marcado pela professora que sempre faltava às aulas. Com isso, éramos divididos nas outras turmas, o que me deixava em pânico. As professoras gritavam com os alunos da 3º e 4º séries do primário, bem maiores que eu. Um ensino totalmente imposto, autoritário, que só reproduzia o básico para copiarmos. Não queria voltar a estudar. Nesse ano, tive catapora, fiquei vários dias em casa, e me distraía com as tarefas que a professora colava no caderno para eu ler, pintar e responder. Antes de ir para a escola, minha mãe me ensinou as letras e números e a escrever meu nome. Ela tinha dois cadernos da 4º série, eu adorava ficar folheando as páginas para ver a organização da escrita, desenhos e cores. Bem mais organizada do que eu. Aprendi muito pouco na alfabetização e fiquei de recuperação, mas passei de série.

Em 1990, ano de Copa do Mundo, estava na primeira série. A professora era totalmente comprometida, dedicada e trazia novos desafios para a turma e me senti pertencente ao espaço escolar. Lembro de momentos das aulas, merenda, o caminhar de uma hora para ir e uma hora para vir da escola. Um ano memorável. Ainda guardo uma foto com toda a turma. Já no ano seguinte, 1991, iria para a segunda série com a maioria dos meus colegas, mas estudei apenas dois meses. Em março (dia 07), como os demais dias, fui para a escola caminhando. Meu primo fazia umas brincadeiras de sopro, com um espinho de laranja enrolado em papel, como uma flecha, colocado em um tubo de antena de alumínio, e soprava nas mochilas. Quando viemos da escola, após pegar uma carona, estava a uma distância de 4 metros dele, olhando normalmente. De repente, sinto algo bater no meu olho esquerdo e cair ao chão. Era o espinho que tinha penetrado no centro do meu olho. Saiu um líquido, como lágrima, e ficou embaçado. Ele até me pediu desculpas, mas já tinha acontecido. Cheguei em casa e falei do ocorrido com minha mãe. No dia seguinte, o olho amanheceu infeccionado, fui ao médico, o mesmo disse que eu não voltaria a enxergar. Foi uma luta a semana toda com

medicamentos externos (colírios e pomadas), mas não fui medicado com antibiótico. A infecção aumentou e a orientação era que eu fosse para o Rio numa clínica em Botafogo para retirar o globo ocular. Recorremos a outro médico, que não garantia nenhum tratamento eficaz. Como não conhecíamos nada no Rio, um amigo taxista orientou para irmos para Juiz de Fora (tinha mais recurso e experiência nesses tratamentos). Minha mãe tinha uma tia que morava lá e partimos. Ao chegar na Santa Casa, o médico foi chamado e chegou em poucos minutos, me consultou, olhou no relógio e disse que daria tempo de ir para Rio, caso a gente ainda quisesse, mas caso não fôssemos ele assumiria o tratamento. Fomos para o consultório dele. Lá, ele fez uma ligação para o professor em São Paulo e pediu orientação sobre como proceder com o tratamento. Foi orientado aguardar três dias, colocar os medicamentos, para depois ser feita uma drenagem no olho. Assim fiquei. Após três dias, fiz a drenagem para retirar a secreção que, por sinal, era muita. Continuei a tomar os medicamentos e antibióticos, que demoraram a fazer efeito, não podia ter febre e nem dor. Quase tive que retirar o olho, mas a infecção foi reduzindo e curou. Sempre quando faço essa reflexão sobre esse acontecimento sinto todos esses processos em mim e reflito muito sobre os aprendizados que adquiri.

### **2.3 O Despertar para a Adolescência**

Após o acidente, não gostava de me olhar no espelho, a luz do sol atrapalhava. Com isso, me recolhi, não voltei para a escola (meus pais não queriam mais), meus amigos não me visitaram, somente a professora da primeira série em um domingo veio me visitar. O médico disse que eu poderia voltar à escola e ter uma vida normal, mas como eu era muito acanhado, não tive forças para reivindicar meu retorno. Eu ficava assistindo TV e brincava no quintal com as plantas. Nesse período, meus pais cultivavam flores e uma parte era vendida para um comprador de Juiz de Fora que as buscava na comunidade. Ele trazia muitas plantas e eu sempre pedia uma. De recordação tenho no quintal uma delas, uma palmeira. Havia uma caixa d'água em construção ao lado da minha casa, ali era um lugar que eu ficava por horas brincando sozinho, como uma casa alternativa. Saía muito pouco e tinha pouca relação com outras crianças. Aos 12 anos, comecei a apresentar crises de ansiedade e sintomas de pânico. Não me sentia bem assistindo certos noticiários, e ao anoitecer vinha aquela sensação de angústia, não conseguia dormir direito e nem sair. Fui ao médico, que prescreveu os famosos medicamentos de tarja preta, tomei por alguns dias, mas não passava aquela sensação de angústia e pânico. O certo seria um tratamento psicológico (terapia), mas não ocorreu. Segui a vida aprendendo a lidar com esses incômodos.

Neste mesmo ano, fui convidado a participar de um encontro no posto de Saúde da Família. Chegando lá, participei de uma atividade com educadoras e educadores do Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Petrópolis – CDDH<sup>2</sup>. A tarefa era construir algum objeto com argila, não lembro o que tentei construir, mas lembro com detalhes do violão que uma das educadoras fez e fiquei encantado. Como a atividade era durante a tarde, ficava complicado eu participar, porque contribuía com as atividades da horta e cuidava da minha

---

<sup>2</sup> O Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Petrópolis foi criado em 1979, com a finalidade de realizar, apoiar, assessorar e orientar iniciativas que contribuam para a concretização dos Direitos Humanos nas sociedades. Inspirado no lema “servir à vida”, o CDDH nasceu do movimento de um pequeno grupo de religiosos, que se reunia com o intuito de agregar a fé ao compromisso social. Leonardo Boff, filósofo, escritor e defensor da teologia da libertação é um dos fundadores da organização, da qual hoje é o presidente. A organização atua como multiplicadora de denúncias dos casos de violação de direitos nas sociedades e seus membros trabalham pela defesa dos que vivem à margem, dos excluídos socioeconômicos. Disponível em: <http://www.cddh.org.br/p/nossa-historia/>. Acesso em: 17/02/2021.

irmã pequena, que nascera em agosto de 1991. Esses mesmos educadores sugeriram realizar encontros à noite com os jovens da comunidade, e eu já participava do grupo de jovens da Igreja na comunidade do Bonfim. Eu fazia parte desse grupo e comecei a ir aos encontros do CDDH. Também frequentava o catecismo e sempre ia às missas. Os educadores traziam diversas dinâmicas de interação, temas para discutirmos e apresentarmos nossas reflexões. Não era muito tempo de encontro, mas era algo novo que nos desafiava a participar e falar o que pensávamos.

Outra atividade atrelada foi a aula de violão em grupo. Não tive conhecimentos de músicos, cantores e compositores na minha família. Meu avô paterno tinha um acordeão (oito baixos), mas não tocava bem. O pai dele também tocava, mas não sei se tocava melhor que ele. Ouvia em casa muita música brasileira e americana, atual e do passado. Meus avós maternos tinham muitos discos de vinil (LPs) de diversos artistas. Eles vinham de uma tradição dos bailes de acordeão, de estilo gaúcho, talvez pela mistura alemã, portuguesa e italiana das famílias.

Essa minha observação de ouvir, de querer saber informações, possibilitou esse gosto pela música e essa seria uma oportunidade de aflorar essa arte. Minha mãe conta que, quando eu tinha uns dois anos, ela estava cantando para mim e, quando parou, eu continuei. Voltando às aulas de violão, revezávamos com os instrumentos para que todos pudessem praticar. Ficamos alguns meses praticando e os que permaneceram e conseguiram algum resultado foram eu e mais uma prima. Permaneci por mais dois anos no curso e fui o único que aprendeu a tocar violão. Fui orientado a buscar um professor de violão clássico que, por acaso, morava no início do Bonfim. Lá permaneci por mais 4 anos e não aprendi somente música, mas tantas outras vivências que foram atravessando as aulas.

Eu não era um aluno disciplinado, então tinha dificuldades com toda a dinâmica que o violão clássico exige. Eu era muito afinado para cantar e nesse meio tempo, 1997, comecei a tocar na Igreja do Bonfim. No início, os recursos eram poucos e o instrumento não era bom e nem muito afinado. Permaneci por 13 anos nessa capela, compartilhando e ensinando algumas pessoas o instrumento, e um companheiro aprendeu e ficou no meu lugar. O professor de violão me convidou para fazer parte do coral da Igreja na Paróquia de Corrêas, em 1999, depois que me viu na missa da 7:00h.

Nessa época, eu estava me aproximando das atividades da Capela do Bonfim e ir à missa era um dos requisitos para ser catequista (fiquei nessa função de 1999 a 2002). Lá foi um lugar de muitos aprendizados, pessoas totalmente religiosas, mas com uma abertura de pensar, principalmente para outros estilos de música, não era algo focado somente na igreja. Havia um espírito comunitário que nos unia, eu era o mais jovem e a maioria tinha mais de 60 anos. Fiquei por 11 anos nesse grupo. Após o falecimento do professor de violão, fui aos poucos me afastando de todas as funções da igreja.

## **2.4 O Amadurecimento – Fase Adulta e os Desafios em Retornar aos Estudos**

*Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo.  
Raul Seixas (1973)*

Com a chegada dos meus 18 anos, nos anos 2000, fui orientado a buscar o Centro de Estudos Supletivos (CES) de Petrópolis. Reiniciei os estudos da primeira série do Ensino Fundamental, pois já estava há muito tempo fora da escola. Eu pensava que não iria mais voltar a estudar. Ocorreu uma tentativa em 1996, na Escola Rural do Bonfim. Essa escola foi construída com muita luta por uma parte da comunidade, que tinha o sonho de ter uma escola local para os filhos estudarem. As obras iniciaram em 1994, o terreno foi doado pelos meus

avós. Acompanhei a construção, as festas de arrecadação, já que uma parte da construção foi financiada por doações do exterior (Alemanha) e outra a partir das festas, outras doações e mutirões. Fiquei um ano nesse supletivo que contava com professores voluntários. Muitas descobertas também obtive ali, mas no ano seguinte, 1997, já não era possível por conta da organização da Secretaria de Educação. Estudei no CES-Petrópolis de 2001 a 2011. Concluí o Ensino Fundamental e o Médio na modalidade de supletivo público estadual semipresencial.

Dos 12 aos 20 anos, permaneci na agricultura com meus pais. Não tivemos experiências de venda em feiras, somente com entregas em mercados pequenos. No decorrer do tempo, eles cultivaram hortaliças, depois flores, e voltaram para as hortaliças, mas nesses intervalos meu pai trabalhou para dois agricultores parentes. Essas idas e vindas trouxeram uma instabilidade tanto financeira quanto emocional em relação à identidade de serem agricultores. Tivemos um período de entregas em dois mercados, mas a concorrência era tanta que não tivemos condições de permanecer. As dificuldades eram diversas, e nem sempre os cultivos atendiam essas necessidades, por se tratar de poucas variedades – em poucos anos, as culturas não conseguiam se desenvolver para atender a demanda vigente de centenas de unidades exigida pelos atravessadores. Tivemos uma experiência muito negativa com os cultivos de cebolinha e salsa (cheiro verde), chegando ao ponto de desistir por conta das pragas que atacavam, principalmente, a cebolinha (lagarta minadora), e foram utilizados diversos tipos de agrotóxicos, e nada resolvia. Tivemos que desistir. Seria mais uma das desistências que meus pais passariam.

Eu, desde novo, já tinha a clareza que não iria permanecer na agricultura. Não queria viver daquela forma tão sacrificada, se expondo aos químicos (agrotóxicos). Com essa crise que iniciou em 2000, minha mãe foi trabalhar com o primo que tinha outra estrutura, e eu ainda fiquei com meu pai, por mais um ano, mas logo apareceu uma oportunidade de trabalhar com minha tia fazendo doces. Ela já tinha uma vasta experiência como doceira. Sempre fui muito observador e aberto aos aprendizados, então eu topei ir. Meu pai desistiu da horta e foi fazer bicos com outras pessoas por um tempo. Em pouco tempo, consegui fazer todos os preparados, desde quebrar cocos, ralar e dar ponto nas cocadas, e tantos outros doces. Permaneci nessa função por seis anos (2002 a 2008).

Eu continuava estudando no supletivo e comecei a estudar canto lírico para melhorar a projeção para cantar na igreja. Participava auxiliando com a música em quatro comunidades, compondo músicas e construindo arranjos dentro das possibilidades que tínhamos, mas sempre com um pensamento crítico em relação a ser cristão. O período de 1994 a 2002 foi marcado pelo meu envolvimento em vários movimentos na comunidade, como também fora dela, embora muito lentamente e dependente do núcleo familiar até os meus 18 anos, momento que me apresentei ao serviço militar. Fui descartado e não foi necessário me apresentar por conta do acidente do olho. Não tinha vontade de prestar o serviço militar.

A primeira vez que saí sozinho foi aos 18 anos para me matricular no supletivo do Centro de Estudos Supletivos de Petrópolis (CES-Petrópolis) O mesmo processo educacional que me aprisionou por anos foi responsável por me libertar. Toda minha participação dentro da igreja, grupo de jovens, curso de violão e as minhas convivências familiares e com outras pessoas foram cruciais no processo de retorno aos estudos. Destaco aqui a importância de estarmos inseridos no contexto da comunidade, aprendendo com os saberes locais. Isso me auxiliou para lidar com a ansiedade, a aceitação do acidente no olho e o afastamento da escola. Viver a experiência de permanecer no local onde muitas dificuldades ocorreram tiveram suas potencialidades. No meu caso, eu não tinha como escolher outra trajetória, a não ser essa que meus pais com seus saberes me ofereceram, mas busquei sentido em tudo que se apresentava para mim, criando uma imaginação poética, artística em cada aprendizado que foi apresentado por todos que convivi.

Na primavera de 2007, fui buscar novamente os educadores do CDDH-Petrópolis, para ver quais possibilidades eles tinham para mim. Nesse momento, o Programa Arte-Educação (o mesmo que tinha realizado o projeto no Bonfim de 1994 a 2002 com os jovens) estava numa nova fase de reestruturação dos seus projetos e equipe. Coloquei-me voluntariamente para participar semanalmente nas tardes de sextas para auxiliar nas atividades com um grupo de jovens que permaneceram para um trabalho específico (Laboratório da Juventude). Havia uma proposta de um projeto de intercâmbio pela Rede Terra do Futuro Latino América<sup>3</sup>, na qual as instituições CDDH-Petrópolis e Centro Ecológico fazem parte.

No primeiro momento, em janeiro de 2008, professoras-educadoras e jovens agricultores (do Rio Grande do Sul vinculados ao Centro Ecológico) vieram passar uma semana em Petrópolis com os educadores e jovens do CDDH-Petrópolis. Participei de um desses encontros e conheci um pouco da realidade deles. Nesse meio tempo, fui convidado a participar do segundo momento desse intercâmbio, com famílias dos jovens agricultores agroecológicos e os jovens e educadores do CDDH-Petrópolis, no município Dom Pedro de Alcântara – RS. Como eu vinha de uma comunidade rural, pelo trabalho que o CDDH-Petrópolis desenvolveu na comunidade do Bonfim, eu estava interessado em conhecer os processos da agricultura Agroecológica. Aceitei, mesmo sem muitas informações sobre a Agroecologia. Lá permanecemos por uma semana, fomos divididos nas casas dos agricultores e vivenciamos suas dinâmicas de trabalho atuando junto a eles. Para mim, era tudo muito novo e animador. As famílias contavam suas duras experiências na agricultura convencional e como conseguiram mudar suas realidades com a Agroecologia. Essas famílias estavam organizadas em grupos, acompanhadas pelo Centro Ecológico. Aproveitei cada momento: práticas de cultivos agroecológicos, visita nas outras famílias, as conversas no café da manhã, almoço e jantar, as reflexões que fazíamos em grupo sobre o que estávamos vivenciando. Foram dias incríveis, com uma proposta de agricultura totalmente diferente da que eu experimentei e tinha desistido de praticar. Pena que foi somente uma semana.

Ao retornar, comecei as primeiras práticas, aplicando o que aprendi sobre as experiências Agroecológicas no intercâmbio. Segui com os manejos nas bananeiras nanicas e comecei a plantar diversas hortaliças em um espaço que já não era mais utilizado agrotóxicos. Voltei para o trabalho na cozinha de doces, firme no supletivo e dando continuidade ao trabalho voluntário no CDDH-Petrópolis. Como desdobramento do encontro, combinamos que dois jovens estariam nesse projeto piloto no Bonfim, semanalmente, para que houvesse uma continuidade das experiências que foram vivenciadas no intercâmbio, como também multiplicá-las na horta que estávamos construindo na instituição. Assim, seguiu o ano de 2008.

Nesse percurso, foi sendo discutido internamente a minha contratação para compor a equipe do Projeto Florescer, que iniciaria a sua nova fase em 2009. Depois de várias reuniões, em novembro de 2008 fui convidado a participar da equipe que estava em formação, seriam dois meses de adequações e participação de atividades que estavam agendadas, como o I Encontros das Educadoras e Educadores Ambientais do Parque Nacional da Serra dos Órgãos-PARNASO, palestra sobre a importância das nascentes e dos rios, e festividades de

---

<sup>3</sup> Na década de 80, *Amigos da Terra* e o *Futuro em Nossas Mãos* começaram a colaborar com organizações ambientais na América do Sul, África e Ásia. Juntas, todas essas organizações lançaram as bases para uma rede ambiental internacional. Muitas organizações naquela época achavam que o conhecimento da ecologia e da natureza era muito baixo. Eles já tinham experiência com os problemas da “Revolução Verde” de sementes híbridas e venenos agrícolas e consideravam que o desenvolvimento rural baseado na agricultura familiar orgânica era o caminho certo para reverter a tendência. As organizações que atuavam nas cidades acreditavam na capacidade das pessoas de mapear os problemas ambientais e encontrar soluções, bem como na importância de se organizar localmente e também internacionalmente para fortalecer-se e aprender juntos. Disponível em: <https://framtidisjorden.se/historia/>. Acesso em: 17/02/2021.

final de ano. Também me inteiraria da dinâmica do Projeto Florescer. Minhas funções no projeto seriam: ministrar as oficinas de educação ambiental, juntamente com outra educadora, manutenção da horta e acompanhar as outras atividades, os serviços administrativos, reuniões externas, formações e eventos.

Em pouco tempo, surgiram muitas possibilidades, outros pensamentos, conceitos que nunca tinha ouvido falar, pessoas com outras visões de mundo, e tantos outros desafios. Fiquei encantado e queria fazer tudo que surgia. Atuei também como estagiário do Programa de Educação Ambiental da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e Petrobras – Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (COMPERJ): formação em educação ambiental dos professores da rede pública do município de Itaboraí-RJ. Desenvolvi atividades de práticas Agroecológicas no Bonfim. Participava das atividades da Igreja de Corrêas e Bonfim. Comecei a me empenhar para concluir o Ensino Médio, me matriculei no Pré-Vestibular Social do Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro – Fundação CECIERJ, aos sábados, e não consegui dar conta do supletivo e nem de concluir o ensino médio naquele ano. O trabalho foi se tornando o ponto principal, pois era dele que eu ganharia meu salário, e tive que me adequar às mudanças que ocorreram e que não tinham sido combinadas anteriormente, como ocorrem na maioria dos empregos, mesmo sendo uma instituição de Direitos Humanos.

## **2.5 A Reconexão – Agroecologia**

A proposta, após o intercâmbio de 2008, para o nosso sítio no Bonfim tinha como objetivo produzir alimentos agroecológicos e ser um local para compartilhar experiências através de trocas de vivências. Tivemos um pequeno financiamento na construção de uma estufa para produzir mudas, sementeiras, substrato e sementes diversas, mas faltava o principal, que era um planejamento e a formação Agroecológica de produção e comercialização. Com isso, fiquei sobrecarregado e fiz uma nova proposta para o CDDH, que não continuaria com essa parceria paralela. E a partir de 2010 trabalhava quatro dias na semana e me dedicava exclusivamente ao projeto, e no quinto dia e nos finais de semana dava continuidade com as experiências Agroecológicas.

No período de 2008 a 2017, atuei como educador popular e ambiental no CDDH-Petrópolis. Muitos foram os desafios, aprendizados e conflitos, e ao longo desse tempo foram muitas atividades que envolveram as temáticas de Direitos Humanos, realidade das comunidades periféricas, Educação Popular, Educação Ambiental, Agroecologia, juventudes, a tantos outros temas, atividade e eventos que construímos ao longo desse tempo. A Educação Popular me acompanhou em todo esse período, paralela às discussões teóricas na qual a instituição realizava e participava. De 2018 a 2020, ocupei a função de coordenador do Projeto Florescer. Esse foi um momento de muita responsabilidade, mas consegui cumprir e concluir meu processo de 11 anos nessa instituição.

As formações em Agroecologia seguiram principalmente na minha participação como representante do CDDH na Rede Terra do Futuro, que possibilitou o intercâmbio com as famílias de agricultores Agroecológicos (2008). No ano de 2009, como continuidade dessa formação, participei do Seminário Juventude e Agroecologia, realizado pelo Centro de Tecnologias Alternativas e Populares – CETAP, em Passo Fundo – RS. Lá, permaneci também por uma semana. Após o término do Seminário, fiquei na casa de uma família camponesa participando da sua dinâmica. Ali, aprendi que devemos chegar nos lugares e sentir o que têm para nos ensinar. De tantos aprendizados, o que ficou marcado foi a forma como o casal fazia com os amarrados de cheiro verde (cebolinha com salsa). Após limparem, um pegava a cebolinha, o outro colocava a salsa, e juntos faziam o amarrado, colocando o

dedo para que o nó ficasse firme. Forma totalmente diferente da que minha família realizava (individual). O que importava era a tarefa ser realizada em conjunto.

As assembleias são reuniões que tem como objetivo reunir todas as instituições<sup>4</sup> que fazem parte da Rede Terra do Futuro, para construir documentos políticos, programas, projetos, troca de experiências. Esses encontros ocorrem anualmente. A cada ano, é realizado em um país diferente, de acordo com as possibilidades econômicas disponíveis para os gastos das viagens, hospedagem e alimentação. A instituição que vai receber o encontro faz todo um orçamento detalhado para garantir que os participantes/representantes possam fazer a viagem em segurança. Participei das Assembleias: San Bernardo – Chile (2011), instituição Ecobarrial; Rio de Janeiro – Brasil (2013), instituições Grupo Eco e CDDH–Petrópolis; Ayacucho – Peru (2014), instituição Centro de Desarrollo Agropecuario – CEDAP; Charagua – Aldeia de Ivitipora – Bolívia (2016), instituição Kawsay Bolívia (significa “vida” na língua quíchua); Intercâmbio de Gênero em Montevidéu – Uruguai (2018), instituição Comunidad del Sur; e em El Cairo – Colômbia (2019), instituição Serraniagua. O contato com todas essas instituições trouxe, para mim, uma visão ampla das resistências dos diversos grupos/povos da América Latina, que permanecem no campo, mantendo a produção de alimentos saudáveis, suas culturas, organização social, política e lutas por direitos.

Na assembleia na Colômbia, região cafeeira do Vale del Cauca – El Cairo, lugar incrível, místico e de exuberante natureza, tive um momento muito especial comigo mesmo. Na saída de campo, visitamos um casal de agricultores que são guardiões de sementes e produzem a partir de plantas medicinais vários preparados. Ele teve um câncer e fez seu tratamento também utilizando as plantas medicinais. Um quintal com uma energia maravilhosa naquelas montanhas me tocou muito. Tantos convites foram feitos para mim em relação ao retorno ao campo, mas esse era o mais forte e que me tocou profundamente. Ao retornar para o Brasil, decidi que estaria de volta ao campo para reviver a experiência de estar camponês, essa que nunca se afastou de mim. Isso seria muito complicado, arriscado, mas tinha todo um sentido na minha trajetória de vida, e aceitei iniciar esse novo ciclo.

## 2.6 Trajetória dos Estudos

Depois de alguns anos afastado da escola, como mencionei anteriormente, retornei aos estudos no período de 2001 à 2011, no CES-Petrópolis. Finalizei o ensino médio em novembro de 2011; em dezembro do mesmo ano fiz a prova para o vestibular do Consórcio Centro de Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro – CEDERJ, para o Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas – polo Petrópolis, pela Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro – UENF. Desde criança pensava em ser biólogo, assistia programas e documentários relacionados aos diversos temas ambientais. O curso era semipresencial, mas com um grau de exigência que dava muita qualidade e seriedade a essa modalidade de formação de ensino superior. Não havia uma turma específica, mas uma diversidade de pessoas de diferente idades e períodos compondo aquelas disciplinas. Esse foi um momento muito importante para me expressar, experimentar novos desafios na escrita e no pensamento, falar em público e atuar em grupo. Construímos relações e amizades que foram e são importantes até os dias atuais, que possibilitou permanecer e concluir o curso. Minha colação de grau foi em agosto de 2017, momento difícil, pois tinha perdido minha avó

---

<sup>4</sup> Um total de 23 organizações na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guatemala, Paraguai, Peru e Uruguai estão envolvidas na execução do programa na América Latina. As organizações trabalham em conjunto com sindicatos locais, grupos de agricultores familiares, organizações de povos indígenas, escolas e redes Agroecológicas. Disponível em: <https://framtidisjorden.se/latinamerika/> Acesso em 17/02/2021.

materna. Finalizei esse ciclo em um momento que era crucial para minha vida pessoal e profissional.

Tudo tem seu tempo, seu momento, quando buscamos harmoniosamente cuidar das relações que nos cercam, para, assim, seguir para outros desafios pessoais. Dei continuidade em outros cursos relacionados à graduação e a outros temas ligados à Agroecologia, mas sentia vontade de dar continuidade numa pós-graduação ou mestrado. A partir das duas visitas em 2018 e 2019 que fiz à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, pude ouvir sobre o Mestrado em Educação Agrícola e comecei a buscar informações e a mentalizar essa possibilidade. E aqui estou nesse novo desafio que me inquieta positivamente nas trocas de saberes que irão se desenhando ao longo dessa dissertação. Sigo com os pés descalços para sentir o caminhar nessa aprendizagem.

Esse percurso que fiz nas linhas anteriores são processos que se desenharam em meio a tantas outras realidades que convivi e que me atravessaram, pois não somos constituídos apenas de nossos acontecimentos, mas de uma dinâmica coletiva que nos cerca. Consigo perceber isso somente agora, quando paro para escrever essas memórias. Os lugares têm suas especificidades, e se tratando de uma comunidade que foi construída por famílias que já se conheciam, isso fica bem mais evidente. Os “lados”, como eles falam aqui, que são as terras, as casas e as ruas, organizadas cada qual ao seu modo. Algumas ruas ainda são de terra, outras já tem calçamentos há mais de trinta anos. As adaptações vão ocorrendo conforme as tecnologias e as condições financeiras que chegam.

Todos os lugares estão passando por grandes transformações, e aqui não é e nem será diferente, mas enquanto estivermos aqui, com esse sentimento de rememorar e trazer essas experiências vivas no nosso cotidiano, iremos resistir não como um museu velho, mas como sementes que são lançadas ao vento para dar continuidade da vida a partir de suas germinações. Nós somos dessa ancestralidade de camponeses/as que vieram de várias partes para se encontrar aqui. O protagonismo é nosso. De nós, foram extraídas tantas pesquisas e informações de pessoas de fora, e esse é o momento de nos apresentarmos como pesquisapesquisador vivos. Nosso modo de viver é potente para recriarmos outras formas, lógicas e relações com todos os seres. Habito as bordas desse sistema educacional para estar com um pé aqui fora e outro aí dentro, mesmo que esse dentro me dê lugar apenas na porta de entrada. Isso não é um desmerecimento ao sistema de ensino, mas um posicionamento consciente do meu lugar como pessoa que vem do campo.

### 3 RECONEXÃO COM A NATUREZA E PROPOSTAS PARA A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA

Se somos natureza, porque falamos tanto da natureza longe de nós?  
Somos constituídos com as mesmas bases biológicas que todos os seres.

Na beleza da vida, nos comportamos como seres evoluídos.  
Nas tragédias que nos rodeiam, como seres indiferentes.

Conectados na essência, mas rompidos pela arrogância.  
Essa dualidade de sermos múltiplos como humanos,  
Mas prevalece o desconectado e sobreposto.

Nos anéis do tempo em um tronco derrubado,  
Estão gravadas a lentidão da vida que é a mesma nossa.

Mas porque se sentir tão especial diante da criação?  
Lugar este que nos foi imposto como destaque.

Perdemos a mistura que nos compõem integrantes.  
No mistério da vida complexa, há um chamado.

Uma conexão conosco mesmos para assim,  
Nos darmos as mãos como natureza completa.

Sem separação ou distinção do que somos,  
Simplesmente seguir e sentir o chamado desse encontro.

Fabiano Francisco de Azevedo (2022)

#### 3.1 Os Efeitos Socioambientais da Agricultura Industrial Capitalista

Nossa proposta nesse diálogo é pensar sobre os efeitos destrutivos que o modelo atual da agricultura industrial capitalista tem causado às pessoas que residem nas áreas urbanas e rurais. Aspectos como a imposição em relação às técnicas de cultivo, redução das variedades de cultivares, preços abusivos dos insumos (agrotóxicos e adubos sintéticos), contaminação de mananciais, desmatamentos, dificuldade de permanência no campo, concentrações de terras, incentivo financeiro para os grandes latifundiários e mercados competitivos. Estas são evidências atuais de como o modelo denominado “Revolução Verde” foi imposto para os/as agricultores/as, causando um desmonte das múltiplas formas de agriculturas que eram praticadas anteriormente. Assim,

A forma de agricultura constituída pelo modo de produção capitalista, e dominante nas formações sociais capitalistas, é a agricultura industrial, que tem esse nome exatamente por buscar estabelecer uma correspondência estreita de procedimentos em relação à indústria fabril, modelo básico da produção capitalista (CALDART, 2017. p. 299).

Nesse contexto, esse modelo de agricultura industrial tem como finalidade ser um empreendimento empresarial capitalista, em que seus proprietários dominam esse modelo de economia, tornando lucro tudo o que é produzido. A agricultura, igualmente como os demais setores, é submetida a essa forma de negócio, que descarta todas as relações entre o que é produzido e comercializado, e não se leva em conta os processos degradantes que são causados nos biomas onde essas práticas são introduzidas (CALDART, 2017. p. 299).

Ana Primavesi em sua palestra na 1º Jornada Paranaense de Agroecologia, que ocorreu no município de Ponta Grossa – PR, em 2002, traz uma reflexão importante que explica a origem do nome que a agricultura também é denominada, convencional; além da agricultura, vários outros seguimentos da saúde, alimentação também utilizam essa expressão: “[...] que se chama convencional porque foi feito por convenção. A convenção foi entre a indústria que estava falida e a agricultura. Agora a agricultura está falida e a indústria está dominando” (PRIMAVESI, 2002). Não é só a agricultura que passa por essa dificuldade, mas todos os ecossistemas e seus recursos estão sob ameaças constantes por contaminações, erosões, desmatamentos e perda da biodiversidade. Mesmo assim, eles conseguem ainda nos oferecer o que precisamos para nossa sobrevivência. Até quando e a que custo esses ecossistemas irão suportar tal pressão causada por esse modelo explorador de se relacionar com os bens comuns como se fossem apenas produtos-objetos para o lucro de alguns setores dominantes do capital?

Nesse cenário pandêmico, observamos que a “segurança alimentar” não será garantida por essa relação de “livre mercado”. Segundo Ploeg (2021, p. 24), “a crise da COVID-19 mostra claramente que os mercados de hoje estão apenas aumentando os problemas: em vez de atenuar, contribuem para aumentar a escassez de comida e a fome”. Nesse sentido, diante dos problemas causados pela pandemia, os sistemas agrícolas globais podem passar por mudanças, levando muitos países a buscarem formas de produzir grande parte dos alimentos que consomem (Ibid., 2021, p. 21).

O que fica evidente no atual panorama é a ameaça de desabastecimento dos sistemas alimentares. Esses podem ser afetados por não haver incentivo financeiro para os pequenos agricultores/as. Para Vandana Shiva (2020, p. 03), “comer é um ato ecológico, não um ato mecânico ou industrial. A rede da vida é uma rede alimentar. Não podemos separar a comida da nossa vida, da mesma maneira que não podemos nos separar da terra”. Assim, as ações locais necessitam de mobilização em redes, para se fortalecerem e seres evidentes na sua potência em produzir alimentos com práticas que são menos agressivas à natureza. Ao contrário,

Esse sistema de produção massiva de alimentos, que utiliza de forma intensiva produtos químicos e combustíveis, dá origem a 50% das emissões de gases do efeito estufa que estão aquecendo o planeta e colocando em risco a agricultura. Destruiu 75% do solo, 75% dos recursos hídricos e poluiu nossos lagos, rios e oceanos. A agricultura industrial reduziu a variedade de 93% das sementes até quase a extinção. E 75% das doenças crônicas que sofremos hoje em dia têm origem em alimentos industriais. (SHIVA, 2020, p. 02).

Diante de todos os efeitos que destroem a vida em toda a sua dimensão, esse modelo de agricultura não pode ser a única forma de cultivar alimentos, que ameaça todas as expressões de patrimônio cultural, e de tantas formas de saberes e experiências em cultivar alimentos pelo mundo afora foram reduzidos em menos de um século (SHIVA, 2020). Se não formos capazes de ver a fome como o extremo que as desigualdades produzem em nossa sociedade, não seremos capazes de entender as múltiplas complexidades das urgências socioambientais que atravessamos. É a partir de olhar a nós mesmos que vamos fortalecer outras formas de estar no mundo. Cultivamos alimentos para vender ou para comer? Comemos para saciar nossas necessidades nutricionais ou por bel prazer? Em meio a isso tudo, há os que nem têm forças para entender o que seu corpo está sentindo. A poesia de Bráulio Bessa (2018) nos põe despídos diante da atual situação socioeconômica que passam os mais empobrecidos da nossa sociedade, e nos deixa essa indagação para pensarmos:

Eu procurei entender qual a receita da fome, quais são seus ingredientes, a origem do seu nome. Entender também por que falta tanto o “de comê”, se todo mundo é

igual, chega a dar um calafrio saber que o prato vazio é o prato principal (BESSA, 2018, p. 54).

O modelo de agricultura industrial está diretamente ligado à grave crise socioambiental que ocorre e que se agrava com os desmontes dos direitos sociais que levaram décadas para serem implementados, porém desmontados em pouco tempo. E aqui cabe pensar nos grandes problemas que estamos passando para dialogar com as microações locais, aquelas que fortalecem os saberes e experiências que já estavam abandonados, ou em estágios de esquecimento, como um convite para reanimarem, para conviverem e construírem práticas coletivas que possam resistir à grande crise socioambiental que atravessamos nessa segunda década do século XXI. Com a pandemia da COVID-19, a situação se agravou e coloca o Brasil novamente no panorama dos países com milhões de pessoas que sofrem com a insegurança alimentar e nutricional. Ficam evidentes nesse período os problemas socioambientais enfrentados nesses últimos anos, a partir dos desmontes nos direitos trabalhistas e sociais que afetam e que desencadeiam ameaças ao que é básico para a sobrevivência dos seres humanos, que é ter uma alimentação de qualidade (SCHAPP, 2021 p. 30).

O problema da fome, insegurança alimentar e nutricional é uma questão que vivenciamos no passado, que está no presente e, se não houver “transformação dos sistemas alimentares” (PETERSEN & MONTEIRO, 2020, p 01), se agravará no futuro. O sociólogo Herbert José de Sousa (Betinho), em 1993, em entrevista para o Jornal O Globo, destacava essa questão: "na luta contra a miséria, a agricultura é fundamental. E a agricultura, a nível federal, não assumiu efetivamente esta questão como seu eixo" (O GLOBO, 2017, p. 02). Por isso, ao observarmos os governos populares entre os anos de 2003 a 2014, a avaliação feita é a seguinte: para ter governança, o governo do PT – Partido dos Trabalhadores não pôde bater de frente com o agronegócio, a chamada "bancada ruralista", e as grandes corporações agroalimentares, o que concretizou no aumento dos investimentos na agricultura familiar e na agroecologia, sem confrontar a estrutura agrária perversa; manteve e ampliou os subsídios ao agronegócio, que resultou na enorme desigualdade que caracteriza o campo e a sociedade brasileira.

Realmente, a agricultura seguiu para o modelo industrial, não houve uma transformação que garantisse políticas permanentes para o fortalecimento da agricultura camponesa, o caminho foi inverso e as políticas sociais deram conta de amenizar a gravidade da insegurança, mas não fortaleceu essa junção de cultivos de alimentos com a segurança alimentar. Nos dias atuais, essa frase de Betinho retorna: "Olhando a cara de tantas crianças famintas, tem horas que tenho um medo desgraçado de ter acesso ao botão vermelho do fim do mundo" (O GLOBO, 2017. p. 02).

Entre os dois anos da pandemia da COVID-19, a insegurança alimentar aumentou de forma assustadora. O Relatório do 1º Inquérito Nacional sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil (PENSSAN, 2021, p. 10) identificou que “19 milhões de brasileiros(as) enfrentavam a fome”. Já o 2º Inquérito Nacional sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil (PENSSAN, 2022, p. 37) apresenta “33 milhões em situação de fome”. Os números são pessoas de diferentes idades que estão passando por essa situação, uma gravidade que nos remete à década de 1990, como mencionado anteriormente ao relembrarmos a entrevista com o Betinho.

Os anos de 2004 até 2013 foram de consolidação de políticas públicas sociais importantes. Destacamos aqui o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), que tinha dois objetivos diretos: “acesso à alimentação e incentivo à agricultura familiar” (BRASIL, 2012, p 03). Com essa política, o Programa adquiria alimentos produzidos pelos camponeses para serem disponibilizados às pessoas que estivessem em insegurança alimentar e nutricional. Para enfrentar as desigualdades, a fome precisa ser extinta, isso é primordial para dar

dignidade a todas as pessoas, processos que precisam estar em consonância com a agricultura camponesa, incentivando a produção, valorização de preço e segurança de venda, para essas famílias poderem dar continuidade às atividades agrícolas.

Outro efeito devastador desse modelo de agricultura está relacionado à degradação ambiental, afetando os bens comuns como a água, o solo, o ar, as florestas e toda a biodiversidade, recursos naturais que são essenciais para a manutenção da vida de todos os seres, assim como a nossa também é afetada, já que é preciso um alto custo para manter um padrão de vida básico. O viés da alimentação saudável, no sentido de diversidade e sem conter resíduos químicos prejudiciais, é o investimento que precisa ser construído urgentemente. Não é uma questão de pensar no recurso financeiro para adquirir alimentos industrializados, mas sim mudar a proposta de produção de alimentos, para que todos possam ter acesso a uma alimentação de qualidade e preços acessíveis. Nesse sentido,

Indo mais além, trata-se de uma estratégia triplamente ganhadora, na medida em que também traz consigo o potencial de produzir benefícios ambientais de suma relevância quando levamos em conta o fato de que os sistemas alimentares organizados segundo lógica técnico-econômica do agronegócio respondem pela emissão de quase 40% dos gases de efeito estufa, sendo ainda responsáveis por acelerados ritmos de desmatamento e perda da biodiversidade, de degradação da terra e dos corpos hídricos. Além desses efeitos desestabilizadores da dinâmica ecológica planetária, numerosos especialistas vêm apontando a relação direta entre surgimento de pandemias e os mega confinamentos nos criatórios industriais do agronegócio. (PETERSEN; MONTEIRO, 2020, p. 02).

Nesse sentido, observamos que tudo está interligado, o que foi percebido com mais intensidade durante a pandemia do COVID-19, pois esses processos já ocorriam anteriormente, numa crise maquiada e silenciada. Com a pandemia, os limites financeiros, os quais as pessoas já viviam, foram rompidos e ficou muito evidente a situação grave que as famílias já atravessavam. Assim, o modelo econômico e político capitalista que as sociedades estão formadas e funcionando não se sustentam, e é evidente esse efeito nos sistemas agroalimentares neoliberais (Ibidem, 2020). Ainda seguindo na reflexão de Petersen e Monteiro (2020, p. 04), essa realidade em crise vai “abrindo novos horizontes políticos para que a agroecologia seja socialmente assumida e defendida como um enfoque para a transformação dos padrões dominantes de produção, beneficiamento, distribuição e consumo de alimentos”.

No entanto, ficam evidentes os processos de dominação que geram as desigualdades e reafirmam um sucesso apenas para um pequeno grupo que tem o domínio sobre o esse sistema opressor. Bessa (2018, p. 56), no final da sua poesia, nos desperta para o que fazer: “Sendo assim, se a fome é feita de tudo que é do mal, é consertando a origem que a gente muda o final”. Essa “origem do Mal” é essa concentração e imposição de um modo de viver que acumula, destrói, manipula e extingue todas as expressões criativas de diversos povos que construíram seus saberes numa relação direta com a natureza, essa natureza que hoje é tratada como recurso, objeto, riqueza transportada para se ganhar dinheiro; a construção de espaços reclusos e individuais, que aprisionam os corpos e as mentes para que não possam sonhar coletivamente um mundo abundante, onde o viver seja compor com essa dimensão da vida que não dissocia os seres humanos dos outros seres.

### **3.2 Os Desafios para a Construção da Transição Agroecológica**

A palavra transição, segundo Ferreira (2001, p.720), é o “processo ou período de mudança de um estado ou condição para outro estado ou outra condição”. Trazendo essa

definição para os processos agroecológicos, a transição Agroecológica tem se evidenciado no campo das pesquisas a partir “das interações que se estabelecem entre processos sociais e processos ecológicos na coprodução do desenvolvimento rural” (SCHMITT, 2013, p. 173). Nesse contexto, diante das degradações socioambientais que o campo atravessa, a transição Agroecológica é uma das possibilidades para a construção de sistemas de produção coletivos autônomos, de menor impacto socioambiental.

Com um foco mais restrito, busca integrar diferentes campos do conhecimento científico no estudo dos sistemas de produção agrícola e extrativista com base em uma perspectiva de sustentabilidade, e na aplicação de princípios ecológicos ao manejo dos agroecossistemas em contextos socioambientais específicos. Em uma perspectiva mais ampla, procura dar conta, com base em um enfoque sistêmico e em diferentes níveis de abrangência, dos múltiplos fatores envolvidos na transição para uma agricultura sustentável (SCHMITT, 2013, p. 173).

A transição Agroecológica é um princípio central dentro da Agroecologia, sendo assim uma ação constante no processo de transformação a longo prazo, que substitui a forma de agricultura à base de químicos por uma agricultura que valorize práticas ecológicas (CAPORAL, 2013). A Agroecologia se propõe a fortalecer essas muitas formas de fazer agricultura que ainda resistem em meio a tantas dificuldades. Propostas de transição Agroecológica são urgentes para que esses sistemas que estão degradados nos aspectos social e ambiental possam se reorganizar a partir de suas demandas e realidades locais, produzindo maior diversidade que somam em qualidade nutricional, diversidade, autonomia econômica em relação aos insumos e valorização de preço justo. Assim,

[...] por se tratar de um processo social, isto é, por depender da intervenção humana, a transição Agroecológica implica não somente na busca de uma maior racionalização econômico-produtiva, com base nas especificidades biofísicas de cada agroecossistema, mas também numa mudança nas atitudes e valores dos atores, seja nas suas relações sociais, seja nas suas atitudes com respeito ao manejo e conservação dos recursos naturais (CAPORAL, 2013, p.288).

O processo de mobilização coletiva para essa mudança é desafiador, e só será possível coletivamente na junção dos atores do campo (camponeses e camponesas) com os parceiros e parceiros urbanos, compondo essa cooperação de produção e consumo. As trocas de saberes e fazeres que nos remetem às experiências de vida desses camponeses são os pontos-chave para pensar a transição Agroecológica. Segundo Carvalho (2018, p. 133),

É cada vez mais comum o uso combinado do termo “agroecologia” como movimento, ciência e prática – na maioria dos casos, os três significados estão fortemente interligados e muitas vezes sobrepostos, associado a visão política (movimento) com a aplicação tecnológica (prática) para alcançar os objetivos, e com o caminho para a produção do conhecimento (ciência) necessário (CARVALHO, 2018, p. 133).

Por isso, a Agroecologia é um dos caminhos para essa integração dos seres humanos com a natureza, possibilitando que os saberes populares e acadêmicos possam se encontrar, pois outras abordagens de agriculturas alternativas só visam a produção (técnica) sem insumos químicos, não evidenciando a riqueza cultural do campo com seus saberes orais, suas expressões artísticas e sua religiosidade. Pois,

A cultura local e a solidariedade são também fatores de grande importância nestes sistemas agrobiodiversos, pois estão vinculados à produção e ao intercâmbio de conhecimentos sobre manejo dos recursos e variedades adaptadas, que se revelam

em eventos como trocas de sementes e trabalhos em mutirão. Nestes agroecossistemas, a prioridade é a soberania alimentar e a autossuficiência (energética, medicinal, hídrica), sendo comercializado os excedentes da produção, que varia de acordo com a época do ano, e nunca ultrapassa a escala local e descentralizada de produtos (CARVALHO, 2013, p. 60).

Seguindo esse pensamento, Carvalho (2013) destaca que os agroecossistemas agroecológicos estão conectados com os ciclos naturais, relacionados ao cuidado com a fertilidade do solo e da água, possibilitando que esses possam se regenerar naturalmente. Toda a nutrição e manutenção que os cultivos necessitam podem ser elaborados e adequados a partir do que o espaço possa oferecer e, por meio desse cuidado com os cultivos, se constroem ambientes favoráveis para que muitas espécies possam conviver nesses agroecossistemas, contribuindo para o equilíbrio ambiental, sendo favoráveis aos cultivares. Assim, estabelecem relações que não agredem o solo e as reservas de água por químicos, além de ter um espaço organizado para enfrentar os extremos do clima, como as fortes chuvas, as secas prolongadas, e construindo barreiras verdes para conter os ventos, que no período da seca levam grande parte da umidade (CARVALHO, 2013, p. 59-60). Podemos pensar que tudo isso está fragmentado pelos aparatos de uma vida moderna, e não é sobre voltar a viver com as dificuldades do passado, mas reviver esses aprendizados para o fortalecimento da permanência no campo.

Para Gliessman (2016), a Agroecologia é uma possibilidade de repensarmos os modelos de produção e comercialização dos alimentos, com intuito de adquirir sustentabilidade nos aspectos ambientais, econômicos e sociais. Ainda salienta que, através de estudos transdisciplinares coletivos que transformem na prática, a Agroecologia agrega os aspectos científicos, práticos e inclui os movimentos que propõem transformações no campo social. Anteriormente, Gliessman, em seu livro em 2016, enfatizava três níveis que os camponeses podem aplicar em seus espaços de produção, que são: nível 1: a proposta aqui é ampliar a eficácia das práticas tecnológicas e de pesquisa, para diminuir os insumos que são de alto valor, dificuldades de extração práticas que são altamente contaminantes ao meio ambiente; nível 2: propõe trocar os produtos químicos e o modo de cultivo da atual agricultura capitalista por propostas ecológicas que já são utilizadas nas modalidades de agriculturas mais sustentáveis, com a modalidade orgânica e biodinâmica; nível 3: reorganizar os espaços que compõem o agroecossistema, para que este possa ter sua função inter-relacionada com princípios ecológicos que causem menor impacto possível ao ecossistema local (GLEISSMAN, 2016). Os outros dois níveis que foram acrescentados estão relacionados à organização do modelo alimentar dentro da dinâmica das relações sociais que os centros urbanos se organizam. Portanto, o nível 4 propõe outra relação que possibilite uma interação dos camponeses/as que cultivam os alimentos em sistemas mais sustentáveis com os consumidores, com a finalidade de parceria; e o nível 5 preza por estabelecer um outro modelo global de alimentos que seja “baseado na equidade, participação, democracia e justiça”, que busque a sustentabilidade, mas acima de tudo os cuidados com toda biodiversidade que mantém a vida na Terra, na qual fazemos parte e necessitamos todos para viver (*Ibid.*, 2016).

As pesquisas agronômicas sempre tiveram um foco voltado para a eficiência, chamadas de “agricultura de precisão”, que diz respeito ao desenvolvimento da agricultura industrial que produz sem se preocupar com os impactos que esse modelo causa aos ecossistemas. Mesmas essas tecnologias sendo precisas e reduzindo alguns dos impactos, não propõem práticas que reduzam a dependência desses produtos químicos que cada vez mais são utilizados na agricultura capitalista (*Ibid.*, 2016). Com isso, percebemos um conjunto de iniciativas que estão conectadas e exigem uma organização massiva da sociedade civil que, ao longo de décadas, luta e propõe outras possibilidades para a produção de alimentos sem o

arcabouço da indústria. Dessa forma, o poder público-político precisa estar alinhado para que essas iniciativas possam ocorrer no âmbito micro e macro, se adaptando às necessidades que enfrentamos no momento.

Seguindo esse pensamento, práticas mais sustentáveis são de extrema urgência e importância para pensar formas de transição Agroecológica que recuperem a fertilidade do solo, biodiversidade de plantas e animais e o contato mais próximo com a natureza. Com isso,

A incorporação de técnicas e práticas menos intensivas no uso dos recursos naturais, baseada nos princípios agroecológicos, levam a uma maior compreensão das múltiplas interações que ocorrem nos ecossistemas, sendo esse o primeiro passo à sustentabilidade no meio rural (THEODORO et al., 2009, p.27).

Nesse sentido, os autores mencionados anteriormente trazem uma abordagem para pensar a “Extensão Rural Sustentável”, que é um grande desafio para os dias atuais. Segundo Theodoro *et al.* (2009, p. 26), os saberes que esses camponeses acumularam em suas experiências de vida são de extrema importância tanto para a regeneração e manutenção dos sistemas naturais quanto para a produção de alimentos. No entanto, podemos destacar ainda, que “[...]a abordagem holística na agroecologia considera não apenas as áreas de produção, mas também todos os fatores bióticos e abióticos e suas inter-relações dentro de um determinado sistema produtivo” (*ibid.*, 2009, p. 26).

Para Altieri (2012), os efeitos da agricultura moderna são extremamente prejudiciais à natureza como também aos agricultores, que têm uma renda menor para acompanhar a evolução tecnológica que são impostas para a produção de muitas culturas. Outro ponto fundamental é o manejo do solo e o conceito de “microvida do solo”, que vai além dos insumos químicos, em sua maioria constituídos por NPK (nitrogênio, fósforo e potássio), que não fornecem todos os nutrientes para manter uma planta sadia. Na Agroecologia e na agricultura tradicional camponesa usa-se insumos orgânicos (esterços, adubos verdes e compostos). Assim, a matéria orgânica sobre o solo é a base para que os microrganismos possam seguir com sua função de fornecer os nutrientes necessários para um bom desenvolvimento dos vegetais. Nessa adaptação:

Em geral, as práticas Agroecológicas são relacionadas a técnicas novas ou adaptadas, que contribuem para uma agricultura mais ecológica e ambientalmente mais amigável. Nos países em desenvolvimento, elas costumam estar relacionadas à agricultura camponesa ou indígena, servindo para aperfeiçoar práticas tradicionais. As diferentes práticas Agroecológicas incluem: manejo de fertilidade do solo, conservação dos recursos naturais, baixo uso de insumos externos, manejo biológico de pragas, (re)desenho de sistemas agrícolas de forma a adequá-los aos ecossistemas locais, dentre outras práticas que evitam causar impacto ambiental significativo. (CARVALHO, 2018, p. 132-133).

Nesse contexto, segundo Primavesi (2008), é recomendável substituir os insumos químicos pelos orgânicos, constituídos principalmente por compostos complexos, tortas (mamona e algodão), farinha de ossos, calcário, esterços derivados de animais, como galinhas, bovinos e equinos. Os produtos químicos não são os mais adequados para ter uma agricultura saudável e podem comprometer a qualidade do solo. Pensar o manejo do solo a partir das orientações de Primavesi é o ponto central para a transição Agroecológica, pois toda a base para a produção de alimentos se encontra na fertilidade do solo. Portanto, o grande desafio é romper com o padrão de produção que mantém a lógica da utilização de insumos externos de alto custo para os camponeses. Para finalizar esta reflexão, é importante frisar todos os elementos, acontecimentos e envolvimento que ocorrem numa localidade. Seguindo essas orientações,

Trabalhar ecologicamente significa manejar os recursos naturais respeitando a teia da vida. Sempre que os manejos agrícolas são realizados conforme as características locais do ambiente, alterando-as o mínimo possível, o potencial natural dos solos é aproveitado. Por essa razão, a Agroecologia depende muito da sabedoria de cada agricultor desenvolvida a partir de suas experiências e observações locais (PRIMAVESI, 2008. p.09).

Toda a estrutura e os agregados do solo que não são levados em conta permanecem num ciclo constante de desequilíbrio, que traz grande desgaste aos camponeses que já não conseguem produzir sem esses pacotes. Nesse sentido, a teoria da Trofobiose é um dos pilares da Agroecologia. Chaboussou (2012) evidencia o fracasso da “Revolução Verde” ao afirmar que o uso dos agrotóxicos iria trazer um aumento da produtividade – mas a que preço? Pelo contrário, o que ocorre é um aumento de doenças no presente, que chegam aos milhares após a utilização desses produtos nas últimas décadas. Segundo a matéria da Rede Brasil Atual (2022), a liberação desordenada dos agrotóxicos se intensificou a partir do ano de 2016, que teve 277 produtos liberados; em 2017, foram 404 novos venenos liberados; em 2018, o total foi de 449 novos registros; em 2019, somou 474. Já em 2020, em meio à pandemia da COVID-19, foram liberados 493, e em 2021 esse total chegou a 550 novos agrotóxicos liberados e utilizados. Esses produtos são altamente tóxicos e podem chegar de inúmeras formas a todas as regiões do Brasil (REDE BRASIL ATUAL, 2022). No entanto, é urgente e de extrema importância construir um diálogo com os camponeses sobre a gravidade do que está acontecendo em relação à agricultura no Brasil.

Um outro diálogo importante para pensar a fertilidade do solo, a produtividade e a saúde dos camponeses são os princípios da Agricultura Natural. Fukuoka (2014, p. 33-35) apresenta uma reflexão profunda e desafiadora em seus quatro princípios da Agricultura Natural: “não cultivar, não utilizar fertilizante químico nem composto preparado, não mondar (não arrancar ervas entre as plantas) nem mecânica nem quimicamente e nenhuma dependência de produtos químicos”. O livro “A Revolução de uma Palha e a Senda Natural do Cultivo” narra essas experiências de não lavrar a terra e de compreender os processos naturais que as plantas constroem, desde as pequenas ervas até as grandes árvores das florestas. Portanto, a Agroecologia é o único caminho para construir uma relação de equilíbrio entre a agricultura e os ecossistemas que estamos inseridos. Produzir alimentos continua sendo um desafio para os camponeses, que não estão dentro de um sistema de transição, e estão totalmente sugados por estes pacotes que pautam a “agricultura de veneno” para nossa população.

Schmitt (2013, p.191) salienta que “[...] mudanças climáticas globais, crise alimentar e esgotamento dos combustíveis fósseis [...]” são na atualidade realidades que nos forcem a debater com mais intensidade sobre a transição Agroecológica numa proposta de repensar formas mais ecológicas de remodelar a agricultura a nível global. No entanto,

As abordagens Agroecológicas sobre a transição para uma agricultura sustentável agregam a essa discussão um conjunto de reflexões acerca da ligação existentes entre as formas produtivas e de organização social características da agricultura familiar e camponesa e o manejo ecológico dos agroecossistemas (SCHMITT, 2013, p.191).

Muitos são os desafios que encontramos para a construção de sistemas de produção de alimentos que esteja conectada à preservação dos ecossistemas, em consonância com as nossas necessidades básicas e nutricionais – que têm causado impactos irreparáveis à natureza. Múltiplas transições no âmbito social e econômico deverão ocorrer para darmos conta de suprir essas necessidades, e as experiências dos camponeses/as serão de grande

importância para seguir com essa habilidade que os humanos e humanas têm de fazer agricultura há milhares de anos.

### 3.3 Resistência da Agricultura Camponesa em Tempos de Crises

#### **Madrugada camponesa**

Madrugada camponesa,  
Faz escuro ainda no chão,  
mas é preciso plantar.  
A noite já foi mais noite,  
a manhã já vai chegar.  
Não vale mais a canção  
feita de medo e arremedo  
para enganar solidão.  
Agora vale a verdade  
cantada simples e sempre,  
agora vale a alegria  
que se constrói dia a dia  
feita de canto e de pão.  
Breve há de ser (sinto no ar)  
tempo de trigo maduro.  
Vai ser tempo de ceifar.  
Já se levantam prodígios,  
chuva azul no milharal,  
estala em flor o feijão,  
um leite novo minando  
no meu longe seringal.  
Já é quase tempo de amor.  
Colho um sol que arde no chão,  
lavro a luz dentro da cana,  
minha alma no seu pendão.  
Madrugada camponesa.  
Faz escuro (já nem tanto),  
vale a pena trabalhar.  
Faz escuro mas eu canto  
porque a manhã vai chegar.

(MELLO, 2017, p. 27-28).

Iniciamos recitando a poesia de Thiago de Mello, que nos deixou em janeiro de 2022. Revigorante em tempos tão sombrios, e que evidencia o fazer prático do cotidiano conectado com a natureza, desde o despertar da alvorada, passando pelos sentimentos e processos cotidianos das relações de viver que o campo possibilita ainda, para sonharmos com o amanhã. Essa raiz camponesa passa do rememorar modos de vida, saberes populares, experiências contadas de forma simples, que são cheias de ornamentos nas palavras narradas pelos camponesas e camponeses, como poesias que se propõem a comunicar com seus timbres originais de cada localidade que o viver camponês resiste e vai continuar a resistir. É esse viver camponês que queremos trazer para essas páginas como fortalecimento, valorização e resistência, para continuarmos na luta por um mundo mais igualitário no campo e na cidade.

Seguindo esse pensamento, Petersen e Monteiro (2020, p. 01) nos convidam a observar que “no esforço por repensar o mundo, é preciso olhar ao campo. Ali há um sistema de produção cooperativo e sustentável”. Podemos pensar a agricultura camponesa como aquelas famílias que conseguiram adquirir uma terra, o acesso aos recursos naturais que são

indispensáveis para os cultivos e que, a partir desse processo, conseguem dar conta das dificuldades que se apresentam em relação à produção agrícola, extrativista ou de outra natureza, com a possibilidade de se manterem economicamente a partir dessa organização e suas atividades (COSTA, 2000, p. 114).

Para Zarref (2019), a agricultura camponesa Agroecológica tem como objetivo alcançar a soberania alimentar, o empoderamento dos camponeses ao optarem pelas variedades que querem cultivar, as práticas mais ecológicas adotadas na produção e as escolhas das terras e localidades de produção. A agricultura camponesa tem sua função como produtora de alimentos e não de fabricante de produtos que se finalizam apenas na comercialização, mas numa diversidade de cultivos que causam menos impacto ao ambiente, ao utilizar técnicas agrícolas menos degradantes, além da valorização cultural, o pertencimento e o cuidado com as localidades onde esses camponeses estão inseridos. Nesse sentido, os desafios pautados para se alcançar a soberania alimentar são diversos, mas

Hoje, se você vai no bioma Amazônia ou Pampa, você vai encontrar uma diversidade muito grande de experiências em diferentes escalas: artesanal e até agroindustrial, que consegue fornecer grande quantidade de alimentos para o povo brasileiro. Apesar da ausência do Estado ou da debilidade do Estado de fortalecer essas experiências e propostas, elas se concretizam como um caminho real e possível de desenvolvimento do campo brasileiro (ZARREF, 2019, p.05).

Assim, essas características dão a esses/as camponeses/as um lugar importante na formação social brasileira, com suas especificidades e suas regularidades construídas com dedicação, luta, resistência e cooperação, para que os recursos locais (solo, matas e hídricos) por eles administrados se legitimem e se reafirmam no tempo. Nesse processo de apropriação a partir das possibilidades adquiridas, há a valorização do modo de vida entre o cotidiano familiar, a convivência com os vizinhos e com a comunidade entre os múltiplos olhares e fazeres (MOTTA; ZARTH, 2008).

A produção *stricto sensu* se encontra, assim, articulada aos valores da sociabilidade e da reprodução da família, do parentesco, da vizinhança e da construção política de um “nós” que se contrapõe ou se reafirma por projetos comuns de existência e coexistência sociais. O modo de vida, assim estilizado para valorizar formas de apropriação, redistribuição e consumo de bens materiais e sociais, se apresenta, de fato, como um valor de referência, moralidade que se contrapõe aos modos de exploração e de desqualificação, que também foram sendo re-produzidos no decorrer da existência da posição camponesa na sociedade brasileira. (MOTTA; ZARTH, 2008, p. 11-12).

Esse modo de vida camponês familiar de fazer agricultura evidencia os agricultores/as como guardiões e cuidadores do planeta. Esses Camponeses são os verdadeiros ambientalistas que regeneram o solo, as diversas formas de cultivares que possibilitam manter a biodiversidade de inúmeros seres, além de cuidarem e defenderem as nascentes. Toda a mobilização pela saúde tem que admitir que são esses agricultores/as que produzem alimentos saudáveis e nutritivos que irão contribuir para que tenhamos outras perspectivas de saúde. A partir das conexões construídas, iremos possibilitar outras perspectivas de vida através das inter-relações que são estabelecidas nessa junção de cuidado, produção e compartilhamento (SHIVA, 2013).

A denominação de agricultura camponesa vem sendo, nas últimas décadas, apropriada pelos/as camponeses/as como processo de construção identitária e social, e por outros setores de mobilizações sociais no campo, por esferas do poder público, pelos estudiosos e veículos de comunicação populares. Isso nos mostra que a expressão agricultura camponesa se apresenta como resistência de produção que se opõe ao modelo dominante capitalista,

mostrando na sua importância de produção e modo de viver o que diferencia do modelo hegemônico de agricultura industrial (CARVALHO; COSTA, 2012).

Essa forma de agricultura está presente nos dias atuais de múltiplas formas de organização comunitária, proporção em termos de dimensões de áreas cultivadas e composição do núcleo familiar. Pois,

Na economia camponesa, a busca por autossuficiência – alimentar, energética, medicinal, de transporte etc, - se dá pela necessidade. Em geral, as comunidades camponesas aprenderam a lidar com o isolamento, se não completo, mas ao menos o suficiente para que as comodidades da vida urbana não lhe fosse alcançáveis. Assim, produzir o próprio alimento, possuir lenha para cozinhar e aquecer, manufaturar remédios a partir de plantas disponíveis no local, possuir animais de carga e tração para percorrer distâncias maiores - tudo isso faz parte da estratégia de vida camponesa. Na agroecologia, estas mesmas autossuficiências são também preconizadas, não devido a necessidade imposta pelo isolamento, mas sim pelo objetivo de depender o mínimo possível das grandes estruturas de produção, energia e transporte, notadamente insustentáveis do ponto de vista ecológico e injustas do ponto de vista socioeconômico. (CARVALHO, 2013, p. 61-62).

No entanto, “vale mencionar que, no Brasil, a pobreza rural e a desigualdade no acesso à terra estão ainda fortemente presentes, favorecendo a estreita relação entre agroecologia e movimentos sociais” (CARVALHO, 2018, p. 133). Assim, há a necessidade de fortalecer essas práticas camponesas, dando visibilidade às expressões culturais e de cultivos na valorização de modos que possibilitem a regeneração de áreas degradadas pelas múltiplas formas de cultivar esses espaços com maior diversidade de plantas, que irão transformar essas paisagens tanto no modo visual como de forma ecológica, na busca por melhorias sociais dos que estão inseridos nesses contextos.

### **3.4 Relação ser Humano/a com a Natureza: Reconexão para outras Formas de Fazeres Criativos e Inventivos**

#### **Cio da Terra**

Debulhar o trigo  
Recolher cada bago do trigo  
Forjar no trigo o milagre do pão  
E se faltar de pão

Decepar a cana  
Recolher a garapa da cana  
Roubar da cana a doçura do mel  
Se lambuzar de mel  
Afagar a terra  
Conhecer os desejos da terra  
Cio da terra a propícia estação  
E fecundar o chão

Chico Buarque & Milton Nascimento (1977)

A nossa relação com a natureza tem se apresentado de forma predatória e exploratória com todos os seres e com as desigualdades socioambientais enormes entre nós, seres humanos/as. Lidamos com os bens comuns (água, solo, florestas, minerais etc.) como se fossem meros objetos que utilizamos e descartamos, sem ter a preocupação se teremos esses bens no futuro. Mesmo com tantas propostas de práticas mais ecológicas para o nosso

cotidiano, não estamos fora do sistema de produção, consumo e descarte. Nosso diálogo aqui é pensar sobre nossas práticas diárias e repensá-las, para que amenizemos os impactos socioambientais que nos afetam diretamente, e compartilhar esses aprendizados com o maior número de pessoas. Não há uma única forma de como vamos fazer, mas trazemos algumas reflexões e vivências que têm transformado muitos coletivos e lugares com propostas de reconexão com a natureza.

Somos constituídos dessa natureza, cientes ou não, e estamos conectados aos demais seres. Numa organização complexa que construímos, nós, seres humanos, atravessamos grandes desafios para mantermos minimamente condições básicas para viver. Quando pensamos na relação com a natureza, ainda vemos em falas e escritas a expressão “homem natureza”, que coloca o masculino, “homem”, como o centro nessa relação; a expressão “homem natureza” é mencionada pela ciência de séculos anteriores, com menção eurocêntrica de cunho masculino, que o coloca como centro da criação. A partir das contribuições teóricas filosóficas e feministas e os aprofundamentos dos estudos em gênero, essa expressão foi deixada de ser utilizada, sendo mais adequada a denominação “ser humano natureza”, que incluem mulheres e homens nesse processo dialógico (DICTORO, 2019, p. 160).

Ernest Gotsch, com sua sensibilidade de um ser integrado com a natureza, nos convida a pensar sobre o que está ao nosso redor,

Aprofunda-te na matéria! Abre os teus sentidos! Tenta perceber as formas dadas pela própria natureza! E tu chegarás a criar laços mais íntimos com ela. Isto acarretará mais sensibilidade nos tratos, nas relações com nossos irmãos (seres vivos) no campo e na floresta, bem como nas relações entre os seres humanos. (GOTSCH, 1997, p. 05).

O pensamento ocidental tem sua fundamentação na física newtoniana, numa redução da complexidade da vida para evidenciar como os processos do movimento, da gravidade, da combustão ocorrem, isso nos mostra que um mundo tão diversificado foi reduzido numa lógica de dominar e transformar tudo em objetos que são descartados. A proposta de simplificar a vida numa visão newtoniana não parece dar muito certo e as suas evidências são sentidas nos problemas ecológicos e socioeconômicos (GOTSCH, 1997). Essa forma de transformar tudo em mercadoria nos atravessou e nos moldou ao longo de séculos até os dias atuais. Esse olhar para as inter-relações nos desperta desde o mais simples gesto de cuidar da vida até às grandes ações coletivas que podemos estar inseridos a construir.

Seguindo esse pensamento, Primavesi (2015, p.31) salienta que “[...] a natureza não é um amontoado de fatores e partículas de fatores isolados, mas um conjunto de sistemas, composto de ciclos. Tudo é dependente, interdependente e relativo”. Todas as complexidades existentes estão relacionadas ao enfoque fatorial, sendo a natureza simples em sua existência. O foco nos sintomas recorrentes da devastação ganha evidências, assim desempenham todos os esforços para resolverem os problemas causados, como enchentes, erosões e inundações, mas não dão conta dessa problemática e as dificuldades em relação a esses efeitos continuam com as grandes secas, com a falta d’água, o que acarreta em conflitos diversos e planos econômicos para importar um bem que deveria ser disponível para todos/as (PRIMAVESI, 2015, p. 31). A observação dos ecossistemas é imprescindível nessa relação com a natureza. Soluções vindas de fora e que exijam um grande esforço tecnológico, econômico e de construção não darão conta de resolver os problemas recorrentes que têm acontecido por conta das práticas de destruições severas e constantes, pois elas são maiores que as suas soluções.

Cristine Takuá (2019, p.01) nos sensibiliza quando fala sobre os efeitos trágicos que vivemos hoje por “[...] ter virado as costas, ter ocultado, acredito que negado o conhecimento dos povos indígenas do mundo, a grande complexidade que existe nos saberes da floresta”.

Essa ideia de uma natureza intocável, sem a presença de humanos/as, que está longe de nós, é desvendada quando pensamos que:

Essa grande complexidade que existe na floresta dialoga há muitos séculos com uma forte potência criativa de seres vegetais e animais que, assim como nós, há muitos séculos resistem e criam fórmulas de continuar caminhando neste planeta. (TAKUÁ, 2019, p. 01).

A relação com a natureza por esse olhar de pertencimento e cooperação juntamente com todos os seres é nossa inspiração para continuarmos acreditando que iremos dar uma virada de consciência coletiva, construindo inúmeras formas criativas de reaprender com esses saberes que perpassam por nós através do ar que respiramos, da água que bebemos, do alimento que ingerimos, e todas as tonalidades, sonoridades que visualizamos em nossas paisagens. Isso não é uma ilusão inalcançável. Diante do mundo tecnológico, que insiste em simplificar tudo e explicar todos os processos da vida por inúmeras teorias dissociadas e difíceis de serem colocadas em prática, a reconexão com os saberes da natureza é o nosso caminhar para a regeneração da vida para uma possível dignidade para nós humanos/as e todos os demais seres. Diante de algumas reflexões anteriores, sobre como nossa relação com a natureza é endurecida, Steenbock (2021, p. 15) sinaliza que “[...] é tempo de relembrar quem somos, de que natureza a gente é feita [...] é tempo de recordar que somos natureza. Recordar é uma palavra que significa trazer de volta ao coração”. Assim, precisamos aproximar de nós essa conexão vinda dos nossos ancestrais. Escolhemos nos distanciar da natureza, olhando de longe e tentando entendê-la. Em um imaginário, queremos saborear sem ter acesso direto a tudo que ela nos proporciona através das múltiplas sonoridades, odores, calmaria e seus amores. Desde o período da Revolução Industrial vivemos em fuga desse sistema natural, não dando o devido valor ao que nos sustenta como vida, numa busca constante de proporcionar um conforto a um alto custo desses sistemas, para manter nosso modelo de consumo que nos distancia da nossa essência como natureza (STEENBOCK, 2021, p. 16-17).

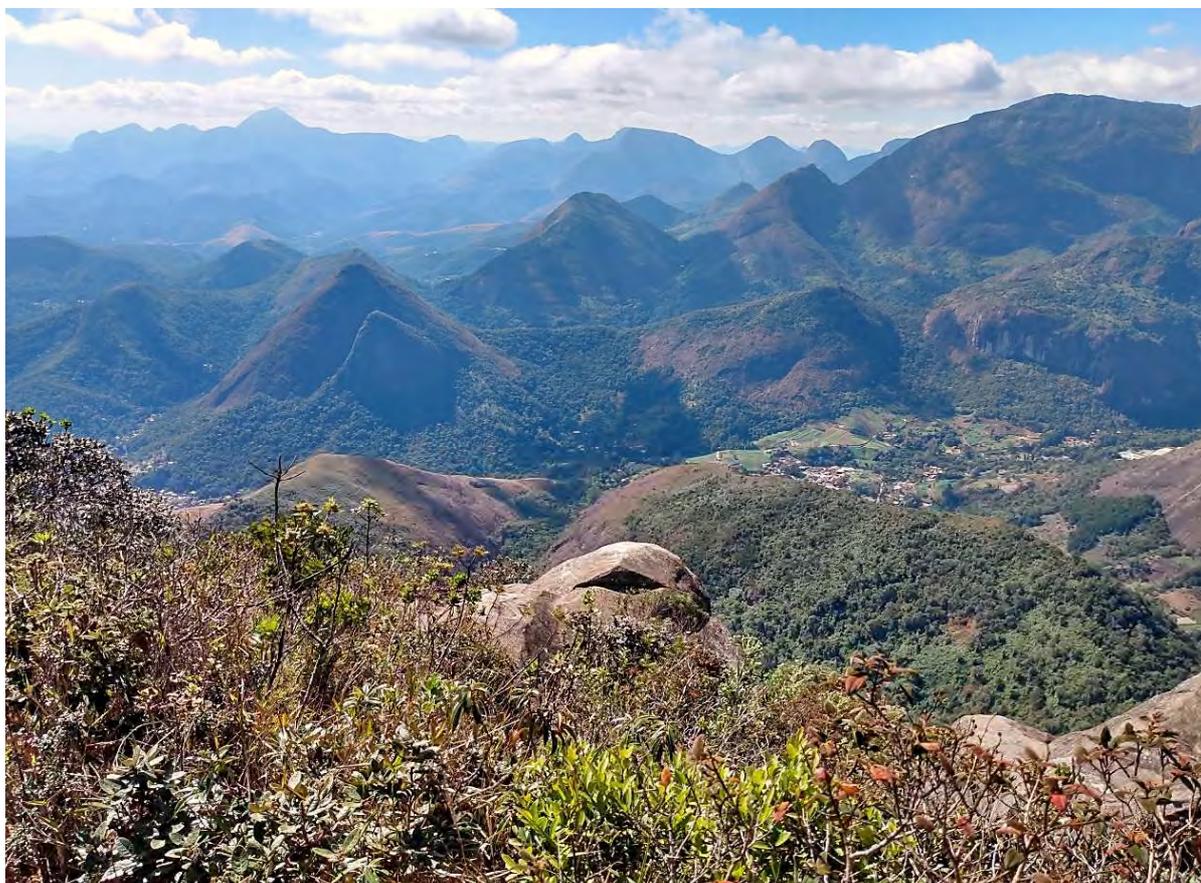
Pensar sobre nossas práticas degradantes nos coloca reflexivos para reconectar com o que nos afeta, nos envolve, nos faz reconhecer humanos/as nas relações de convívios coletivos nos quais estamos todos inseridos. Não é por uma regra, uma imposição ou penalidades duras que vamos nos sensibilizar ao olhar para o espelho da vida e vermos como natureza devastada e adoecida. Assim, “deixemos o sussurro da floresta, nessa roda da fogueira, falar aos nossos corações e mentes, nos convidando a voltar para a casa. Ainda há tempo de regenerar, em conjunto com a Vida” (STEENBOCK, 2021, p. 19).

No entanto, são as práticas que permeiam essa ancestralidade em nós, que nos faz parte da natureza. Estão em nosso cotidiano e são nossas ferramentas para uma reconexão com esse entendimento de que somente vivendo em coletivo, compartilhando saberes, fazeres criativos, produções de diversas formas que atendam nossas necessidades é que vamos fortalecer nossa estada aqui com toda a diversidade de vida. A mudança não é algo dado por um sistema opressor, ela é construída por muitas mãos, sorrisos, lágrimas e reverência aos que aqui passaram e nos deixaram tanta sabedoria, por terem sido natureza na mais completa existência de ser um ser vivo, conectado com todo o seu redor. Ailton Krenak (2020) nos fala que o futuro está conectado com a nossa ancestralidade. Então, voltemos para essa experiência que todos/as nós temos, pois viemos depois de muitos.



**Figura 4** - Diversidade de alimentos do espaço Agroecovida – Bonfim  
Fonte: do autor (2021)

## 4 COMUNIDADE RURAL DO VALE DO BONFIM



**Figura 5** - Vista do Vale do Bonfim do pico da Pedra da Alcobaça

Fonte: do autor (2022)

### 4.1 Suas Paisagens, sua Gente

A Comunidade Rural do Vale do Bonfim localiza-se no município de Petrópolis, região serrana do Estado do Rio de Janeiro. Essa localidade era denominada Fazenda Bonfim ou da Palha, até meados da década de 1940, e essas terras foram sendo adquiridas a partir do final do século XIX pela família Sampaio, que também era proprietária do Banco Construtor do Brasil (ROCHA, 2007). Essa seria mais uma das grandes fazendas, formadas ainda no período do Império, como tantas outras que existiam em Petrópolis (LOURENÇO, 2010). Podemos memorar que alguns moradores da comunidade chamavam de “Fazenda do Banco”, simplificando esse nome.

A Fazenda teve seu momento de desenvolvimento pleno, com construções utilizadas por alguns funcionários, estruturas dos animais e a casa-sede da família Sampaio. A Igreja (capela) começou sua construção no final do século XIX e finalizada em 1903, segundo os relatos. É o prédio que ainda permanece com todas as características originais e com ótima conservação. Além das criações, que são comuns em uma fazenda, o local também mantinha em cativeiro animais como leões, onças, jacarés, ursos e aves diversas (CORRÊA, 2009). Essa era uma prática muito utilizada na época – segundo relatos, havia uma casa ao lado de uma escola no centro de Petrópolis, com a prática de criar leões; um dos leões chegou a pular para o pátio dessa escola, isso na década de 1970, mais de vinte anos após os animais serem removidos do Bonfim.

O auge da Fazenda, em seu momento produtivo “[...] possuía cerca de 180 empregados, energia elétrica, uma extensa criação de bois e uma lavoura com tomates, milho, flores e cravos” (CORRÊA, 2009 p. 140) e era frequentada até pelo presidente da época, Getúlio Vargas. Na década de 1940, a Fazenda começa uma dificuldade financeira (ROCHA, 2007). Os funcionários eram a base desse funcionamento: “os salários atrasaram, o ‘barracão’ deixou de vender fiado e, em pouco tempo, fechou suas portas. Muitos empregados deixaram a área nessa ocasião, indo buscar trabalho em propriedades vizinhas” (Ibid., 2007, p. 49). Com isso, as famílias tiveram que repensar como permaneceriam na localidade, dando continuidade às atividades de subsistência. Toda a estrutura, como energia elétrica, automóveis e animais não estariam mais disponíveis para essas famílias, dificultando ainda mais sua permanência no local. Diante de todo o abandono que ocorreu pelos proprietários:

Os empregados da fazenda e seus descendentes, visando assegurar sua subsistência, apropriaram-se das terras e passaram a viver do cultivo de flores e hortaliças, dando início à comunidade do Bonfim. A região também recebeu outras famílias agricultoras, principalmente imigrantes portugueses que adquiriram terras por meio da compra do “direito de posse”, não existindo escritura de propriedade dos terrenos (LOURENÇO, 2010 p. 62).

Nesse contexto, os rumores de que tinham terras no Bonfim chegaram à comunidade do Caxambu, que se encontra ao lado. Uma parte da comunidade tem o nome “Mato do Banco” por conta dos limites da Fazenda Bonfim. Fatores como solo não degradado, recursos hídricos e extensões maiores de terra iriam facilitar a atividade agrícola. Os novos moradores tiveram que adaptar suas residências a partir das construções da fazenda com jaulas, viveiros, casas que eram dos funcionários, igreja e até a sede da Fazenda, ou então construírem suas casas com técnicas de pau a pique com madeiras e bambus locais. As condições de moradia de cada família dependiam das estruturas que estavam já construídas dentro dos limites do terreno adquirido. Lembrando que o local contava apenas quatro ou cinco casas (CORRÊA, 2009).

Os novos moradores teriam grandes desafios para manter sua produção e comercialização, assim,

Neste período, a prática de plantio era baseada em queimada e a produção era de lavoura bruta: feijão, milho, batata. Alguns produtores plantavam flores. Nesta época, não havia nem estrada, nem energia elétrica, e, a produção da lavoura era levada a pé até Corrêas pelos produtores locais para ser vendida em Petrópolis. Com o tempo, estes produtores passaram a deixar seus produtos em consignação em algumas feiras (Ibid., 2009, p.141).

Diante das reflexões que estamos construindo, podemos perceber o quanto é difícil adquirir um pedaço de terra desde sempre em nosso país. Locais como o Bonfim foram possíveis a partir da decadência dos antigos proprietários, que tinham uma concentração grande de terras e as utilizavam para a construção de um lugar de lazer, com exposições de animais exóticos, cachoeiras, paisagens e onde aconteciam as negociações entre os ricos da região, até mesmo o presidente Getúlio Vargas que, por sinal, chegou a residir no Palácio Rio Negro, na cidade imperial de Petrópolis, durante seu mandato.

Como abordado por Rocha (2007), a família Sampaio, até 1970, tentou diversas vezes reaver o espaço da fazenda, com intimidações aos moradores, solicitando que assinassem documentos como contratos de arrendamento, propostas de construção de guaritas, pessoas que eram enviadas à comunidade para monitorar os moradores etc. A comunidade se organizou e buscou apoio jurídico para resolver essa situação, conseguindo amenizá-la por uns anos. Em 1978, os proprietários fazem pressão para que moradores não façam mais construções (CORRÊA, 2009). Diante de tantas ameaças, a comunidade se organiza e forma a Associação de Moradores e Produtores do Bonfim, com o objetivo de manter a resistência e

defender seus direitos como agricultores que já estavam há várias décadas nessas terras. Os problemas seguiram nos seguintes anos:

No ano de 1984, uma equipe do IBDF de Brasília concentrou grande parte de suas atividades no município de Petrópolis, por ocasião de estudos e negociações para definição dos limites e da tentativa de regularização fundiária do Parnaso. Através dos documentos consultados e das entrevistas realizadas, pôde-se constatar que havia um interesse muito grande do Grupo de Diretores Lojistas e da Prefeitura Municipal de Petrópolis em desenvolver ali um complexo turístico, do qual os agricultores não faziam parte (ROCHA, 2007, p. 49).

Nesse sentido, segundo Rocha (2007), as articulações seguiram entre os representantes do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal – IBDF e os demais atores do município de Petrópolis, propondo para os moradores acordos indefinidos e sem comprovação documental, e que os limites do Parque Nacional da Serra dos Órgãos – PARNASO ficariam entre 300 a 900 metros acima da última área de plantação. A partir desse anúncio, a comunidade ficou aliviada, acreditando que estariam fora dos limites do PARNASO. A presença dos funcionários do PARNASO trazia incômodo pelas restrições que a política oficial de preservação ambiental se propõe a realizar em unidades de conservação, inclusive impor o pensamento deles para uma população que estava acostumada com outras práticas e visões de natureza.

Todos esses trâmites favoreceram o PARNASO e sem um esclarecimento para a comunidade: “[...] apesar da definição destes limites, a fixação dos limites na terra (a demarcação física) não foi realizada até 1994” (CORREIA, 2009 p. 149). No entanto, a luta continuou, não mais com os antigos proprietários, mas com uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, que expandiu seus limites para dentro de uma comunidade que já estava com conflitos fundiários anteriores que não tinham sido resolvidos. Nesse momento, a comunidade já estava mais fortalecida pelas conquistas coletivas, como energia elétrica, linhas telefônicas, melhorias na estrada, e iniciaria a construção de uma escola rural, além da experiência da Associação, nas articulações com o poder público do município.

Durante um longo tempo, a Associação dos Produtores esteve empenhada em participar de inúmeras reuniões junto à administração do Parque e outros órgãos, como ITERJ – Instituto de Terra do Rio de Janeiro, universidades, instituições do poder público na esfera municipal e o Poder Legislativo. Nesse contexto, após muita discussão, ambos os lados conseguiram traçar um diálogo com intuito de buscar possibilidades para dar fim à situação. No entanto, era necessário informações bem detalhadas da questão fundiária. Assim,

[...] a população se mobilizou novamente e estruturou o Grupo de Trabalho do Bonfim para debater a questão fundiária e discuti-la junto à administração do Parque. Este GT desenvolveu uma proposta de redelimitação do Parque e esta foi apresentada ao CONPARNASO, em abril de 2008” (CORREIA, 2009 p. 160).

No entanto, os trâmites seguiram em audiências públicas, manifestações nas praças de Petrópolis e Câmara Municipal, pelos meios de comunicação locais, como jornais e TV's, dentre tantas outras reuniões, para que essa proposta de redelimitação fosse acordada por ambos (comunidade e PARNASO), reafirmando que os agricultores/as não eram invasores dessas terras. No dia 31 de agosto de 2022, por uma votação simbólica no Senado foi votada a lei que retira a Comunidade do Bonfim de dentro do PARNASO (PETRÓPOLIS, 2022). Dentre as ações realizadas, todas as propriedades foram submetidas a medição pelo ITERJ, organizando os limites de cada área, Título de Posse e o Termo de Cooperação Técnica, além de “construir guarita no novo limite sugerido; vigiar e informar sobre ações danosas na zona de amortecimento; desenvolver um pacto socioterritorial e um projeto em agroecologia e

desenvolvimento sustentável” (CORRÊA, 2009, p. 161). Construído em conjunto pela comunidade do Bonfim e Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio (PARNASO), o Termo de Compromisso N° 01/2019 é composto por dez cláusulas, orientando os moradores nos procedimentos de preservação para que a comunidade cumpra nesse período que aguarda a resolução final fundiária. Portanto, são quase 40 anos de espera por uma resolução com o PARNASO, e tantas modificações ocorreram na comunidade, seguindo o fluxo da modernidade no qual estamos todos inseridos.



**Figura 6** - Casa sede da fazenda Bonfim

Fonte: do autor (2022)

## 4.2 Suas Práticas e Modos de Vida Camponês

São aproximadamente 80 famílias que vivem da agricultura na comunidade do Bonfim. Essas múltiplas formas de conhecimentos disponíveis no cotidiano das práticas Agroecológicas remetem a experiências de outros modos educativos, que são de extrema importância e urgência no momento atual. Isso nos possibilita não apenas a construir um memorial narrativo, mas de vivificar na terra esses inúmeros fazeres que socializam o encontro do conviver comunitário em tempos de tantas crises socioambientais.

No que se refere às condições de vida e ao trabalho dos agricultores da comunidade do Bonfim, no início de sua chegada, destaca-se que,

As práticas agrícolas que os primeiros moradores do Bonfim (vindos da comunidade vizinha do Caxambu) utilizavam, estavam diretamente ligadas as condições do local. Tudo indica que, naquela época (na década de 60), as terras do Bonfim eram mais férteis que as do Caxambu e a água mais abundante, o que facilitava a agricultura (CORREAS, 2009, p. 140).

Todo o trabalho de limpeza e arar o solo era realizado de forma manual, com ferramentas simples. Apesar do grande esforço exigido, essas técnicas agrediam menos o solo, evitando um maior grau de erosão, e tinham um resultado muito positivo na diversidade e qualidade dos alimentos produzidos. Os insumos utilizados eram a base de esterco bovino e alguns tipos de capins enterrados uns 20cm no solo. No entanto, os esforços eram muito grandes para o cultivo.

Assim que os pacotes tecnológicos de agrotóxicos, sementes híbridas, fertilizantes, cama de frango, irrigação e maquinários foram sendo adquiridos pelos camponeses, em pouco mais de uma década todas as famílias da comunidade conseguiram adquirir esses pacotes, ou parte deles, de acordo com as condições financeiras de cada família camponesa. Nos anos seguintes, “a penetração do modo de produção capitalista na agricultura, através da sua industrialização, traria sérias consequências na configuração das classes e categorias sociais, no campo e nas relações fundiárias, ou seja, da propriedade da terra” (SIQUEIRA, 2014, p. 116). Nesse sentido, as técnicas mais ecológicas foram substituídas pelos fertilizantes e agrotóxicos em conjunto com as sementes híbridas.

Nesse contexto, Altieri (2012) salienta que, apesar de muitas promessas vinculadas ao agronegócio, tal modelo agrícola apresentou muitos pontos negativos. Ele promove um pacote com variedades híbridas, fertilizantes e irrigação, marginalizando um grande número de agricultores que não podem arcar com os custos da aquisição de tecnologia e são privados do acesso a mercados, assistência técnica etc. Com isso, as práticas agrícolas manuais são substituídas pelas tecnologias da agricultura industrial, que demandam alto valor de investimento, e acarretam também o aumento da concorrência de produção e comercialização, dificultando para os pequenos agricultores acompanhar esse processo. Esse monopólio trazia a promessa de acabar com a fome no mundo, fato que não ocorreu. No entanto,

[...] à medida que se modificam as relações da agricultura camponesa pela contradição inerente à expansão da agricultura industrial capitalista, modificam-se também as formas de trabalho e de relação com a natureza, e, por conseguinte, a forma de produção de conhecimento (SILVA, 2017. P 2).

As experiências de vida a serem evidenciadas têm como intuito trazer as técnicas que eram utilizadas para a recuperação da fertilidade do solo, para a proteção das nascentes e dos rios e o uso de maior variedade de plantas adaptadas ao local. As técnicas utilizadas pelos agricultores para o preparo do solo eram todas manuais. As ferramentas usadas eram basicamente o enxadão, picareta e enxada, que tinham a função de revolver a terra nas áreas de plantios, assim como nos cultivos de flores e hortaliças. Para manter a fertilidade do solo, colocavam esterco bovino, capim gordura ou o próprio mato (plantas espontâneas) enterrados uns 20cm. Nos lugares íngremes, faziam esse processo com mais cuidado, para que o solo permanecesse mais seguro por conta do declínio do terreno. O arado com bois não era utilizado por eles. Há relatos que tinha um desses na casa de um dos moradores mais antigos, se supõe ter sido utilizado nas atividades da fazenda.

Assim, todo o trabalho de preparar os canteiros para os plantios teria que ser braçal. Pelos resultados do desenvolvimento das plantas, colheitas abundantes e de qualidade relatados pelos/as agricultores/as, essas práticas conservavam o solo, mantinham a umidade e causavam menos erosão nessas áreas, evitando o assoreamento dos rios. As mudas eram cultivadas pelos próprios agricultores em espaços específicos para essa prática. Chamavam de “viveiros” esses canteiros que eram semeados por diversas cultivares. Exigia um cuidado na capina (retirar os matos), cuidar e, quando estivesse no ponto, eram transplantadas para os canteiros definitivos. Salientamos aqui que, nesse período, segundo os relatos, as chuvas eram bem mais constantes e volumosas, principalmente nas montanhas do Morro do Açú. A vegetação que crescia ao redor dessas áreas de plantios constituía uma barreira que segurava o

solo em chuvas mais torrenciais. A rotação de culturas é uma das práticas utilizadas até os dias atuais. No atual momento, como nos traz Lawall (2010, p. 77), “o preparo da terra é realizado com arados mecânicos”, utilizando, assim, equipamentos menores, como tobatas (microtratores e motocultivadores) ou tratores de médio porte, para arar e preparar os canteiros. Isso tem modificado o solo, e é visível pela coloração, pois as partes mais profundas são trazidas para a superfície. As práticas de pousio ocorriam no passado, mas não seguiam um tempo muito longo de descanso, esgotadas em poucos anos as áreas que eram férteis para os cultivos sazonais. Hoje, o tempo de um espaço em pousio é bem menor. Uma parte das plantas cultivadas eram flores do campo e arbustos decorativos. Segue abaixo algumas das variedades de flores do campo que eram cultivadas.

**Quadro 1-** Algumas variedades de Flores que eram cultivadas no passado.

<b>Nomes populares</b>	<b>Nomes científicos</b>
Sempre -viva	<i>Helichrysum bracteatum</i>
Esporinha	<i>Delphinium consolida</i> L.
Rodante	<i>Rhodanthe manglesii</i> Lindl
Copo-de-leite	<i>Antedeschia aethiopica</i> (L.) Spreng
Dália	<i>Dahlia pinnata</i>
Agapanto	<i>Agapanthus africanus</i>
Rainha	<i>Callistephus chinensis</i>
Zínia	<i>Zinnia elegans</i>
Boca-de-leão	<i>Antirrhinum majus</i>
Alfinete	<i>Silene armeria</i>
Cravo	<i>Dianthus caryophyllus</i> L.
Cravina	<i>Dianthus caryophyllus</i>
Celósia – Crista de Galo	<i>Celosia cristata</i>
Margarida	<i>Leucanthemum vulgare</i>
Gipsofila – mosquitinho	<i>Gypsophila paniculata</i>
Papoula	<i>Papaver somniferum</i>
Estátice	<i>Limonium sinuatum</i>
Artimijo	<i>Tanacetum parthenium</i>
Arruda (Arbusto)	<i>Ruta graveolens</i> L.
Palma	<i>Gladiolus x hortulanus</i>
Eucalipto prateado (Arbusto)	<i>Eucalyptus cinérea</i>
Cedro (Arbusto)	<i>Hesperocyparis lusitanica</i>
Estrelícia	<i>Strelitzia reginae</i>

Fonte: do autor (2022)

Essas variedades já eram cultivadas por esses agricultores na Comunidade Rural do Caxambu. Quando vieram para o Bonfim, trouxeram suas experiências com esses tipos de cultivos e sabiam que estavam adaptadas ao clima da região. Hoje, os cultivos de flores se resumem ao crisântemo e outras variedades, cultivadas em estufas e áreas abertas, utilizando luz artificial em alguns meses do ano. Comparado ao passado, hoje são poucos agricultores que cultivam flores na comunidade, pois constituíam mercadorias para serem comercializadas. Já os plantios de “roça” eram mais para o consumo próprio; a outra parte era dos cultivos de hortaliças e legumes. Abaixo algumas variedades de hortaliças que eram cultivadas:

**Quadro 2** - Algumas variedades de hortaliças que eram cultivadas no passado

<b>Nomes populares</b>	<b>Nomes científicos</b>
Couve	<i>Brassica oleracea</i>
Alface	<i>Lactuca sativa</i>
Repolho	<i>Brassica oleracea</i> var. <i>capitata</i>
Cenoura	<i>Daucus carota</i> subsp. <i>sativus</i>
Inhame	<i>Colocasia esculenta</i>
Salsa	<i>Petroselinum crispum</i>
Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i>
Coentro	<i>Coriandrum sativum</i>
Chicória	<i>Cichorium endivia</i>
Espinafre	<i>Spinacia oleracea</i>
Couve-chinesa	<i>Brassica pekinensis</i>
Couve-Flor	<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>botrytis</i> L

Fonte: do autor (2022)

**Quadro 3** - Algumas cultivares de roça do passado.

<b>Nomes populares</b>	<b>Nomes científicos</b>
Milho	<i>Zea mays</i>
Abobora	<i>Cucurbita moschata</i>
Mandioca	<i>Manihot esculenta</i>
Bata doce	<i>Ipomoea batatas</i>
Feijão	<i>Phaseolus vulgaris</i>
Inhame	<i>Dioscorea</i>

Fonte: do autor (2022)

As famílias tinham algumas plantas medicinais também nos quintais:

**Quadro 4** - Algumas das cultivares de plantas medicinais.

<b>Nomes populares</b>	<b>Nomes científicos</b>
Hortelã	<i>Mentha spicata</i>
Sálvia	<i>Salvia officinalis</i>
Louro	<i>Laurus nobilis</i>
Malva	<i>Malva sylvestris</i>
Funcho	<i>Foeniculum vulgare</i>
Boldo	<i>Coleus barbatus</i> Benth
Cardo-santo	<i>Cnicus benedictus</i>

Fonte: do autor (2022)

Hoje encontramos em maior quantidade os cultivos de hortaliças e temperos, com poucas pessoas produzindo os plantios de “roça” para alimentação própria. Destacamos aqui que as variedades de hortaliças utilizadas no passado não são as mesmas dos dias atuais, isso ocorre pela modificação da hibridização e o surgimento de outras variedades comercializadas (ex.: rúcula, brócolis americano, alface americana e tantas outras) que não eram cultivadas no passado. Nos dias atuais, ainda encontramos frutíferas nos quintais, mas em menor variedades do que no passado. As principais que eram encontradas nos quintais:

**Quadro 5** - Algumas frutíferas que eram encontradas nos quintais no passado.

<u>Nome popular</u>	<u>Nome Científico</u>
Goiaba	<i>Psidium guajava</i>
Pera	<i>Pyrus communis L.</i>
Banana	<i>Musa cavendishi</i>
Caqui	<i>Diospyros kaki</i>
Laranja	<i>Citrus sinensis</i>
Limão	<i>Citrus limon</i>
Tangerina	<i>Citrus reticulata</i>
Figo	<i>Ficus carica</i>
Amora	<i>Morus nigra</i>
Abacate	<i>Persea americana</i>

Fonte: do autor (2022)

Os agricultores também tinham suas práticas baseadas nas queimadas para o preparo de novas áreas, principalmente nos terrenos mais elevados. A coivara era uma prática muito utilizada para eliminar o excesso de vegetação nas áreas de pousios, onde a vegetação estava já bem desenvolvida, facilitando as capinas ou roçagem após queimar. Nesse sentido, esse processo se define como,

[...] cultivos de derrubada-queimada são praticados em meios arbóreos variados: floresta densa, secundária, capoeira, savana arborizada etc. São praticados em terrenos previamente desmatados por uma roçada, ou seja, por um abate seguido de queimada, mas sem destocagem. As parcelas desmatadas são cultivadas apenas durante um, dois ou no máximo três anos, raramente mais que isso, e depois são abandonadas ao pousio florestal por um ou vários decênios, até serem novamente desmatadas e cultivadas. (MAZOYER & ROUDART, 2010, P. 129).

Após as queimadas, as cinzas que permaneciam no solo eram uma das grandes aliadas dos cultivos, por conter nutrientes como cálcio, potássio, fósforo, magnésio e nitrogênio. Também preparavam aceiros para evitar que o fogo passasse para outras áreas, mas nem sempre funcionava, e anualmente muitas partes da comunidade eram afetadas pelo fogo. Com a presença mais frequente do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, a partir dos anos de 1994, aos poucos essa prática foi diminuindo. Podemos refletir que as culturas cultivadas nas áreas queimadas começaram a não ser mais frequentemente cultivadas; somando com as proibições, chegamos quase a zero incêndios a partir dos anos de 2000. Nas áreas de cultivos frequentes, a prática usada era a roçagem e capina. Assim, para eliminar o volume de matéria orgânica, faziam fogueiras para queimar todo material, que permaneciam acesas por dias, alimentadas pelo material vegetal.

Nos dias atuais, quase todas essas práticas foram substituídas pelo uso de herbicidas para manter suas terras limpas. Essa é a concepção de controlar e manter as plantações sem as plantas espontâneas. O nosso olhar para a vegetação nativa sempre foi no sentido que elas são inços ou mato e que temos que dominá-las e erradicá-las. Para Primavesi (2014), essas plantas só dominam as paisagens pelas condições que o solo as oferece. Se tivermos uma “infestação” de algumas delas é pelo desequilíbrio de nutrientes que favorece seu crescimento, protegendo o solo, aguardando as condições mudarem para diminuírem e darem lugar às outras plantas, numa sucessão natural.

Nesse contexto, utilizar técnicas que possam ser adequadas ao clima e à topografia e, ao mesmo tempo, serem mais naturais, para amenizar os efeitos de degradação que foram causados nessas áreas de cultivos intensivos, é um dos pontos iniciais para mudanças na forma de produzir alimentos. A base para todos os tipos de plantios passa por esse manejo,

que é um dos pontos centrais para transição Agroecológica. Com isso, substituir o uso dos herbicidas para o controle das plantas espontâneas por práticas ecológicas e relacionar-se com o solo é o grande desafio dessa transição. Os camponeses mais antigos se debruçavam na preparação de uma área para o plantio das lavouras anuais de acordo com as condições do clima de cada estação, festividades religiosas e populares. Por mais que as técnicas fossem roçar e queimar a vegetação, havia um trabalho manual que não destruía o solo (como ocorre com os maquinários pesados) e ainda ocorriam os períodos de pousio dessas áreas.

Embora os pacotes tecnológicos trouxessem uma aceleração na prática agrícola, seus efeitos negativos são catastróficos em relação à fertilidade dos solos, à biodiversidade, à manutenção e expansão das florestas e dos corpos hídricos, além da qualidade nutricional dos alimentos que são produzidos por este modelo. Há uma grande degradação dos ecossistemas, onde todas as espécies estão sendo prejudicadas.

Essa abordagem traz um panorama de como eram as práticas agrícolas que foram aplicadas na construção da Comunidade Rural do Bonfim desde a chegada desses moradores que migraram da Comunidade Rural Caxambu. No entanto, tendo a Agroecologia como base, a valorização e o compartilhamento desses saberes possibilitam trazer para a reflexão e prática do cotidiano esse modo de viver, que hoje está somente na lembrança das pessoas mais idosas da comunidade.

Nesse sentido, essas técnicas são de extrema importância para somar com as tecnologias alternativas positivas, que possibilitam a transição Agroecológica, e como premissa manter uma memória viva desse modo de viver mais integrado com a natureza, que aos poucos foi sendo substituído pelo aprisionamento do novo modelo agrícola que é dominante nas áreas rurais da nossa região. Ao visitar essas memórias, é possível identificar o momento que esses saberes não foram mais praticados e o quanto a cultura local foi interferida por esse sistema de mercado de insumos, como também a sua comercialização. Portanto, podemos ainda destacar a perda dos costumes, crenças e manifestações religiosas e culturais da localidade. Essas observações referentes à cultura da Comunidade do Bonfim são percepções que venho refletindo como indivíduo nascido na comunidade. Com isso, faz-se necessário observar quais são os efeitos causados pela mudança da forma de produção e quais deles afetam toda a comunidade local e as demais pessoas que utilizam os recursos hídricos e adquirem os alimentos que são fornecidos.

A Agroecologia rememora essas práticas com outros olhares, para amenizar as necessidades que temos no contemporâneo. Os agricultores/as da Comunidade do Bonfim são os detentores desse saber e podem trazer essa memória viva na prática, como os processos dos cultivos ocorriam no passado e como estão. A base para essas evidências vem dessas experiências agrícolas de manejo, plantios, cuidados, colheitas e comercialização, que necessitam sair do campo da lembrança para caminhar em conjunto com a produção de uma agricultura que cause menos impacto ao solo, às florestas, às nascentes dos rios e à saúde dos trabalhadores e consumidores, fortalecendo o movimento agroecológico em toda a Região. O que levou a pensar possíveis formas de amenizar os efeitos da utilização dos produtos químicos (agrotóxicos e fertilizantes) e o manejo do solo inadequados foi a necessidade urgente de práticas que estejam voltadas para a defesa da biodiversidade (todos os seres), nos colocando inclusos nesse processo e não à parte dele.

A forma manual e mais natural de fazer agricultura foi substituída rapidamente pelos pacotes tecnológicos, deixando para trás lembranças que têm um toque de prazer, mas o que prevalece são as dificuldades que eram enfrentadas na produção, acesso a outros serviços (educação, saúde, lazer e outros) e o escoamento da produção. Evidenciar como esse processo ocorria precisa passar do pensamento para a prática, mas dentro das necessidades atuais que cada família possui. A proposta aqui não é voltar a viver nas mesmas condições do passado, mas sim juntar o que era positivo com algumas das contribuições tecnológicas que temos

hoje. Essas práticas mais ecológicas são de extrema importância para preservarmos os recursos naturais locais, pela construção de um diálogo de reconhecimento dessa localidade como um conjunto de ricas expressões culturais e habilidades agrícolas que foram vivenciadas pelas famílias e transmitidas para seus descendentes e que estão hoje disponíveis, porém adormecidas.

Para finalizar, a aplicação dessas práticas como estratégia para a transição Agroecológica vai contribuir com os agricultores/as nesse processo de mudança, no qual muitos têm interesse, mas não sabem por onde começar. Assim, fortalecendo sua identidade e pertencimento em relação aos cuidados com o manejo do solo, para que este possa ter sua fertilidade recuperada, produzir uma diversidade de alimentos e sementes crioulas, reafirmando que a vida pulsa e se apresenta potente e com mobilidade em todos os seres.



**Figura 7-** Forma de plantios e consórcios das hortas no Bonfim  
Fonte: o autor (2022)



**Figura 8** - Hortas em meio as paisagens do Bonfim.  
Fonte: próprio autor (2022)

## 5 COM LICENÇA, PODEMOS PROSEAR?

Mencionei, lá no início dessa escrita, a pergunta que me inspirou para seguir com essas linhas foi: “como um camponês escreve?”. É uma inquietação que me envolve, no sentido de reviver essas paisagens que partem das minhas memórias para todos os meus poros, que trazem muitos sentimentos que talvez passem despercebidos entre as palavras, mas estarão vivos nessas narrativas de forma delicada, poética, cuidadosa, relatando os saberes e as experiências que perpassam por mim nessas múltiplas formas camponesas que compõem essa comunidade. Trago na escrita as imagens do momento presente, fazendo uma interlocução com os seres que ainda vivem e com aqueles que só restam memorar o lugar que habitavam, ou seus restos que o tempo vai aos poucos decompondo.

As narrativas aqui apresentadas são fragmentos no tempo que me marcaram e estão presentes no meu cotidiano. Foram e são observações que faço quando passo por esses caminhos, sentindo o passado na brisa que permeia meu corpo e os cheiros que têm em cada trecho que se segue nesse caminhar. Penso que uma escrita camponesa traz sutilezas nos sons das palavras, onde estás, e podem ser para alguns um grande conjunto para expressarem sua prosa ou ser uma forma de poucas palavras para aqueles que não se sentem confortáveis ao falar. Quando menciono fragmentos, me refiro aos micro conhecimentos e aprendizados que uma conversa pode trazer. O saber e a experiência estão inseridos em uma vida inteira, são micro na fala, mas grandiosos no viver. Por isso, as rodas de conversas são tão importantes, pois são nesses espaços que toda essa vivência vai circular constantemente, para se recriar, e está viva não só na memória, mas nos fazeres diários.

No decorrer do tempo, vamos sentindo diversas mudanças, que vão se apagando nas formas e expressões de falar e de ser, que ficam no tempo e na memória de poucos. Sou filho dessa transição de não ter com frequência essas expressões presentes na fala e nem na escrita, mas ouvi e guardei o som dessas palavras dos que me precederam no tempo no meu coração. Envolver-me nesse passear como um sujeito da comunidade que recebe vocês, leitores, para conhecer o que é valioso, mas que poucos querem se demorar, pois ouvir não está relacionado com um tirar um tempinho para ir lá e escutar, é se fazer presente com os sentidos sendo exercitados para a curiosidade do que aquela conversa trará.

A cada quintal que adentramos, é importante pedir licença para entrar e pertencer àquele lugar por um instante que seja, o sagrado se faz pelo que ali foi construído ao longo do tempo, e os símbolos que encontramos são essas expressões que deram ao lugar vida, sejam elas plantas, animais ou objetos. Por mais que não entendamos o porquê, existem tantas coisas que não são utilizadas, mas que têm um lugar afetivo, e a partir delas são inúmeras as narrativas que vão surgindo e se conectando.

Reencontrar-me após vinte anos afastado diretamente das práticas agrícolas para dar vida através das palavras a essas narrativas é gratificante para quem vem do campo. Dentro de uma lógica classificadora, seria nossa função somente cultivar alimentos, mas, aqui, observamos que podemos cultivar um pouco de tudo, inclusive escritas afetivas para a academia e tantos outros espaços. Não digo isso nos desmerecendo como produtores de alimentos, mas evidenciando essa realidade para refletir nessa prosa, porque como que um lugar que têm tantas formas de existir a todo o momento querem calar, colocar em gráficos, dar voz, camuflar suas informações e apagar os sinais dos passos ao caminhar por essas terras, deixando um “eu” egoísta prevalecer.

Não tenho a pretensão de ser um coletor de informações, mas um mensageiro de suavidades que precisamos perceber em meio ao caos socioambiental que vivemos nesse momento dessa escrita. Toda a natureza está em vibração, reexistindo diante do que cada ser pode compor no grande cosmo. As amoreiras com seus brotos e flores despontando, as laranjeiras e limoeiros com suas flores perfumadas, os assa-peixes dando toda a sua vida para

as flores se abrirem, para que as diversas abelhinhas possam coletar seu néctar e alimentar suas colmeias, o dançar dos beija-flores entre as flores do boldo e das lavandas e o despertar dos cantos dos sabiás são algumas das expressões que observo ao redor dessa escrita.

## 5.1 O Encontro do Menino e o Sabiá

### **Bola de meio, bola de gude**

Há um menino, há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto balança  
ele vem pra me dar a mão

Há um passado no meu presente  
O sol bem quente lá no meu quintal  
Toda vez que a bruxa me assombra  
o menino me dá a mão

E me fala de coisas bonitas  
Que eu acredito que não deixarão de existir  
Amizade, palavra, respeito,  
caráter, bondade, alegria e amor  
Pois não posso, não devo  
Não quero viver como toda essa gente insiste em viver  
Não posso aceitar sossegado  
Qualquer sacanagem ser coisa normal

Bola de meia  
Bola de gude  
Um solidário não quer solidão  
Toda vez que a tristeza me alcança um menino me dá a mão  
Há um menino, há um moleque morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto fraqueja ele vem pra me dar a mão

Milton Nascimento & Fernando Brant (1988)



**Figura 9** - Obra de Cleonice Fernandes - O menino e o Sabiá  
Fonte: do autor (2022)

Francisco não tem se sentido muito bem nos últimos dias. Após ter completado os seus 40 anos, tem pensado muito sobre outras relações, outros fazeres, outras dinâmicas de vida que façam sentido para ele e para os coletivos no qual faz parte. Ao finalizar suas atividades na roça, vai até a pedra (rocha) que faz divisa do terreno. Senta e se encosta numa manilha velha de concreto, que no passado era reservatório de água. Olha para o horizonte, de frente para a Pedra do Cone, repara que suas mãos estão ásperas, com as cores da terra impregnadas nas suas digitais, com calos e com rachaduras. Com sua roupa surrada, tira seu chapéu de palha, fecha os olhos e medita sobre o seu dia. Como estava muito cansado, cochilou...

Era manhã de inverno úmido no Vale, um ruço (nevoeiro) pairava de forma uniforme nos pés das montanhas, as cobrindo em um silêncio meditativo no branco que tudo recobria. Uma fina camada de gotículas cobre a vegetação e as plantações ao redor do quintal. Toda a natureza desperta com inúmeros cantos dos pássaros que nessa época do ano estão começando a construir seus ninhos para os acasalamentos.

O menino Francisco passava seu dia brincando, ajudando os pais em alguns fazeres e conversando com os mais velhos. O que mais gostava de fazer é andar ao redor do seu quintal e dos vizinhos. Observa tudo que está ao seu alcance. Essa é a forma que se distrai, após o seu acidente e o seu distanciamento da escola.

Antes do café da manhã, ele já está pensando na arapuca que tinha montado ao entardecer no dia anterior, para que bem cedinho ela possa capturar um sabiá adulto, de preferência laranjeira.

– Será que tem um sabiá na arapuca?

Pensou o menino, enquanto comia sua caneca de mingau com biscoito. Ao chegar...

– Poxa, está desarmada e sem nada dentro. Será que ela desarmou durante a noite? Ou será que algum outro animal passou e derrubou?

Indagava o menino que queria de todas as formas ter um sabiá laranjeira na gaiola cantando para ele. Essa era uma prática muito comum na família de Francisco, sua avó por anos criava filhotes de algumas espécies de sabiás, ou capturava os adultos. O menino ouvindo tantas histórias cismou que somente preso o pássaro poderia cantar para ele. E, assim, iria seguir os dias tentando capturar. Dias antes, até capturou um, mas quando foi colocar comida na gaiola, ele fugiu. Às vezes, caía e conseguia fugir por um buraco da arapuca, em outras, ao tentar pegar o pássaro na armadilha, ele fugia. E por aí se vai...

– Até que enfim consegui capturar um. Não é a laranjeira, mas está bom.

Francisco não tinha ideia que capturando um pássaro adulto nessa época do ano comprometeria sua cria, pois certamente a fêmea já estava chocando os ovos e aguardava o macho para se revezar na incubação dos ovos. São pássaros que revezam todos os processos, desde a construção do ninho, incubação dos ovos, ao cuidado e alimentação dos filhotes, o que certamente já estava acontecendo. O pássaro não iria se adaptar no espaço da gaiola, mesmo colocando proteção por dentro para ele não se debater, poderia também não se alimentar e não sobreviver.

– Vou te colocar na gaiola que preparei para ti. Dessa vez, você não vai fugir como aconteceu com a anterior.

A gaiola foi colocada na varanda em um lugar bem no alto, para que o pássaro não ficasse tão assustado com a presença das pessoas que por ali passavam. O pássaro tentava fugir. Pulava em todos os poleiros e se coloca de frente para o lugar que ele certamente cantava no alto do morro, como se estivesse querendo fugir para lá.

– Ele está cantando! Será que ele comeu o que eu coloquei?

Ficava o menino observando para ver se ele estava se alimentando. Assim se passaram uns dois dias.

– Ele parou de cantar e está mais quieto. O que está acontecendo?

Provavelmente o sabiá não tinha se alimentado e estava triste, pois queria estar lá com sua companheira, revezando a incubação dos ovos. No dia seguinte bem cedo, Francisco olha e não vê o sabiá no poleiro. Sobe no muro e pega a gaiola e para sua surpresa...

– Ele morreu...

Sim. O menino ficou triste pela morte do pássaro, mas não entendia o que tinha acontecido. Passaram alguns dias e novamente Francisco começa a pensar em criar os sabiás de filhotes.

– Mãe! Pai! Quero criar filhotes de sabiá. Já vi onde eles fazem seu ninho. Eu quero eles.

Francisco já tinha tentado criar um filhote de sabiá laranjeira que tinha caído do ninho da mangueira do quintal, e tinha quebrado uma das pernas, mas o filhote não resistiu. Por suas andanças, ele visualizou onde tinha um ninho. Monitorou o tamanho dos filhotes para pegar.

– Hoje vou pegar aqueles filhotes.

Com a ajuda do pai, foi lá e pegou os bichinhos que estavam com a plumagem ainda em formação. Um era maior e o outro menor.

– Vou cuidar de vocês com papa de ração, frutas e minhocas.

No dia seguinte.

– Um filhote morreu, poxa não dou sorte.

Nos dias seguintes...

– Por pouco você também não iria sobreviver. Peguei vocês muito pequenos. Deveria ter deixado mais tempo no ninho.

E parou por aí? Não! Francisco retoma a ideia de pegar novamente outros filhotes de outra espécie.

– Dessa vez, vou pegar os filhotes do sabiá-poca que está no cedro perto da igreja. Vi que são três.

Não é que ele pegou os filhotes? Esses estavam com a plumagem mais formada.

– Vou colocar vocês dentro de uma caixa de papelão, e colocar atrás na parte de cima da grade da geladeira para ficarem aquecidos.

Astuto o menino, o que tinha morrido anteriormente deve ter sido por falta de aquecimento.

– Estes sim, vão sobreviver. Vou conseguir ter um deles cantando para mim.

Os filhotes cresceram muito saudáveis. Só que tinha um problema. Entre esses três teriam machos e fêmeas. E como saber?

– Acho que esse aqui é um macho, vou ficar com você e vou doar os outros dois, um para minha avó e outro para um vizinho que me pediu.

Francisco não esperou que os pássaros ficassem totalmente adultos para saber qual deles seria o macho. Deu os bichinhos sem ter a certeza que o escolhido seria o macho. Os meses se passaram...

– Não acredito que dei os dois machos e fiquei com a fêmea?

Isso mesmo. Deu os dois que eram os machos que iriam cantar.

– O jeito é cuidar de você, né!

A ansiedade do menino era tanta para ter o canto de um sabiá, que não aconteceu. Queria ter mais filhotes para aprender a cuidar e identificar. Francisco não tinha só esses pássaros. Tinha coleiro, tico-tico, periquitos e o sabiá laranjeira criado de filhote que não ficou manso. Não tinha como ficar com todos os pássaros, por isso deu os dois.

– Agora vou criar os filhotes do sabiá do campo, que tem lá naquele cedro perto da casa do meu primo.

Vai o menino e seu pai pegar o ninho com os filhotes. O primo de Francisco já tinha tentado criar essa espécie, mas não tinha conseguido. Quando os filhotes chegam a uma determinada idade ficam com uma deficiência nas pernas, definham e morrem.

– Ele que não soube criar. Vou dar várias coisas para vocês comerem e vitamina para pássaros.

Assim foram mais três filhotes. Os dias foram passando e os filhotes apresentaram o mesmo problema que o primo tinha alertado. Os três ficaram paralisados e morreram.

– Fiz de tudo para salvar. Massagem nas pernas, dei vitamina, frutas, minhoca, mas não consegui salvá-los.

Isso deixou Francisco triste e sem entender o que poderia ter acontecido. Os mais velhos diziam que era algum alimento que os pais davam para eles não terem esse problema, ou poderia ser alguma doença que paralisavam as pernas. Enfim, Francisco ainda pegou mais um filhote de sabiá laranjeira que estava caído de um ninho e o criou.

– Não dou sorte com esses pássaros.

O desfecho. O sabiá laranjeira que não conseguiu amansar caiu dentro do pote com água e morreu. A fêmea sabiá-poca ficou muitos anos na gaiola, mas certo dia fugiu e Francisco não conseguiu capturá-la. O outro filhote de laranjeira fugiu. Depois de alguns anos, ele pegou um sabiá laranjeira adulto que não cantava, trocando por um periquito com seu tio. Esse não cantou e foi comido à noite por algum animal.

– Não consegui fazer como a minha avó. Não dou para criar esses pássaros.

Francisco foi deixando essa prática das gaiolas aos poucos. Os que ele tinha presos foi liberando, e outros foram fugindo. Um pássaro depois de muitos anos na gaiola não consegue sobreviver na natureza, mas foi o que o menino conseguiu fazer naquele momento.

Na verdade, Francisco queria capturar ou criar os filhotes do sabiá laranjeira que vivia em um cedro em um terreno vizinho ao lado da casa de seus avós maternos. Era o mais belo canto que ele já tinha ouvido. Um timbre único, um brilho e melodia de arrepiar que ressoava por uma grande parte da comunidade.

O tempo passou. Muitas foram as modificações que ocorreram na comunidade. A fileira de cedros fora cortada, não existe mais, mas o menino Francisco permanece e o canto do sabiá ecoa por entre essa paisagem.

Francisco tem o hábito de caminhar, principalmente, pelos terrenos dos vizinhos, quando estes não têm cercas definidas.

– Hoje acordei com uma sensação estranha e uma vontade de ir ver aquele tronco do cedro que o sabiá cantava.

Francisco passou o dia todo com essa sensação. Ao entardecer deu um jeitinho de fugir e ir lá ver o tal tronco. Entrou no terreno do vizinho e, ao chegar, encontrou apenas o tronco já em decomposição. Tudo ao seu redor limpo por herbicida.

– Nossa, que destruição. O cedro mantinha o chão sem outras plantas, mas ele fazia isso com uma camada de suas minúsculas folhas e com substâncias que inibem o crescimento de outras variedades de plantas.

Tocou o tronco e ficou por alguns instantes de olhos fechados. De repente, Francisco sente um vento passar por cima de sua cabeça. Abre os olhos e se depara com um belo sabiá laranjeira pousado próximo de suas mãos. Fica perplexo diante de tanta beleza e elegância.

– O que houve menino? Por que está com essa cara de paspalho olhando para mim?

– Você fala?

– Não me faça rir. Vocês humanos se acham com essa sua linguagem. Qual o seu nome menino?

– Me chamo Francisco! Prazer!

Francisco estende a mão achando que o pássaro iria lhe cumprimentar, mas ele dá um rodopio no ar e retorna a pousar.

– E você tem nome?

– Sou Liberdade!

– Por que se chama assim?

– Posso voar com as minhas asas. Não preciso de asas de mentiras como as que vocês humanos constroem. Não preciso ir ao mercado fazer compras, a natureza me dá tudo que preciso para viver. Nossas penas são trocadas aos poucos para não ficarmos peladas por completo, e nossos ninhos são construídos anualmente com materiais que estão disponíveis na natureza. E cá para nós, arrasamos com os nossos cantos né?

– Pode cantar para mim?

Liberdade, toda vaidosa, respira fundo e começa a cantar. Francisco se recorda de cada nota, pausa e andamento daquele canto, que era único em toda a região.

– É você o sabiá que vivia aqui nesse cedro? Eu me lembro de te ver de longe, no alto, cantando. Seu peito alaranjado parecia uma bola de fogo.

– Sim! Eu mesma. Vivíamos no alto para nos proteger e protegermos nossos filhotes de vocês, humanos. Por acaso, você é o menino das arapucas?

– Eu mesmo.

– Sempre que eu conseguia, pegava um galho no bico e desarmava a arapuca para que não capturasse um de nós. Depois, eu ficava observando você todo chateado que não pegou um de nós.

– Não tinha ideia do que eu estava fazendo.

Liberdade balança a cabeça em reprovação.

– Essa cultura exploratória de vocês nos fere. Somos tratados como se fossemos objetos que pode capturar, matar, descartar quando não querem mais, ou vender. Não estão conectados com a natureza como nós estamos.

– Eu entendi isso quando percebi o sofrimento dos pássaros que capturei e criei. Além de não terem cantado, não ficaram mansos como você está diante de mim.

- Claro! Nascemos para voar, alegrar com nossos cantos os finais de inverno, anunciando a primavera. Semeamos pelas clareiras muitas sementes, para que a degradação pelo desmatamento possa ser amenizada. Estamos conectados o tempo todo com nossa Mãe Terra.

- Aprendi muito com essa experiência, mas não posso voltar ao passado e não fazer.

- Menino, você percebeu a tempo. O cuidado com a natureza precisa ser no cotidiano das relações. Quando você aprisiona a todo custo o que quer, se torna o próprio prisioneiro de si mesmo.

Liberdade percebeu que Francisco estava triste pelas recordações desagradáveis que tinham ocorrido daquele encontro, mas não podia deixá-lo ir sem essa reflexão.

- Liberdade, percebe como tudo está diferente de quando você habitava aqui?

- Sim! A fileira de cedros ainda estava de pé. Não tinham essas casas aqui perto. Eu sempre sobrevoava a comunidade, ficava atenta e dava sinais quando algo poderia nos ameaçar.

- Está ficando tarde. Preciso voltar para casa, meus pais não sabem que estou aqui.

- Eu preciso pegar carona com essa ventania que está se aproximando...

- Podemos nos encontrar amanhã?

- Vou ver se tenho carona novamente.

- Te espero às 08:00 horas na igreja. Pode ser?

- Farei o possível...

- Que os bons ventos te levem.

O reflexo do sol nas montanhas dava aquela tonalidade alaranjada como o peitoral de Liberdade. Um vento forte passa e Liberdade se joga e é levada. Francisco retorna todo empolgado com o possível reencontro no dia seguinte.

## 5.2 O Passeio pelos Lugares de Convivência da Comunidade



**Figura 10** - Igreja Nosso Senhor do Bonfim - Vale do Bonfim

Fonte: do autor (2022)

Naquela noite, Francisco quase não dormiu pensando no encontro que teve ao entardecer e estava cheio de expectativa para o reencontro com Liberdade na manhã seguinte. Levantou-se às pressas, escovou os dentes, passou o pente nos cabelos e foi comer seu mingau com biscoito. Pegou um boné, alguns biscoitos, bananas, uma garrafa com água, colocou na sua mochila velha e saiu correndo para a igreja.

– O sol já está saindo entre as nuvens. Já são quase 08:00 horas.

Se embalou no galope só pela horta, pulando acerca da casa do primo. Enquanto descia, o vento vinha rodopiando no alto do morro. Passou pelas grades quebradas e subiu correndo as escadas da igreja.

– Oi menino! Cheguei pontualmente.

– Oi! Bom dia, Liberdade. Estou sem ar.

Francisco estava esbaforido. Liberdade ria.

– Que cabelo é esse, menino? E esse bigode de mingau?

– Esqueci de colocar o boné e limpar a boca.

Francisco pega o boné e o coloca para esconder o cabelo arrepiado, passa a mão nos olhos para retirar as remelas e limpa sua boca com a camisa que estava por baixo do casaco.

– Estou pronto!

– Nós nos despreguíamos passando nossas penas na vegetação molhada do orvalho e em um chacoalhar das penas já estamos limpas e renovadas para o dia.

– Que legal!

– O que vamos fazer hoje, Francisco?

– Pensei em fazermos um passeio pela comunidade. O que acha?

– Estou dentro!

Os dois, antes de sair para a caminhada, foram para a lateral esquerda da igreja para observar sua estrutura e bater um papo sobre.

– Tenho lembranças de bem pequeno participar das missas. Não tinha energia elétrica, era a luz de lampião a gás e velas. Lembro de uma coruja que ficava na lateral do forro olhando para a gente durante a missa. Não tinha bancos ainda na igreja.

– Nossos ancestrais acompanharam essa edificação. Na verdade, toda a destruição da floresta que aqui existia antes dessas terras serem fazenda.

– Deveria de ser lindo esse lugar.

– Sim. Uma exuberância só. Pena que os humanos brancos, esses que invadiram essas terras aqui, não se dão conta de conviver com toda a natureza.

Liberdade se refere à forma como os humanos tornam tudo em objetos, para manipular e transformar em mercadorias. Modificaram e transformaram em degradantes paisagens que perdem sua função de gerar vida.

– Sim! Isso sempre me incomodou. Sinto um desconforto enorme da forma como nós construímos nossas casas, que são blocos de cimento. Compreendo que precisamos de um lar para morar, mas esse não é em conexão com a natureza.

– Francisco! Olhe para a natureza. Veja os milhares e milhões de seres que existem. Nenhum deles está sem moradia, mesmo com a degradação gerada pelos humanos, a natureza mesmo com seus limites os acolhe. Estou me sentindo numa gaiola aqui com essas grades.

– No passado, aqui era o lugar de encontro de todas e todos da comunidade. Se reuniram para construir uma casa para a família que morava dentro da capela. Aos poucos, foram melhorando as estruturas para ter as celebrações, as reuniões da associação no salão e as inúmeras festas comemorando o padroeiro.

– Lembro sim. Setembro é o mês que nossos filhotes já estão bem crescidinhos e ficávamos observando de longe a claridade e o som da festa.

– Hoje não há mais essas comemorações com muitas pessoas, mas ainda é um lugar de referência para a comunidade. Vamos caminhar?

- Sim, vamos.

A igreja do Bonfim é um destes lugares que nos impacta. Tem seu simbolismo religioso imponente como em tantos lugares, mas é o lugar em que toda a comunidade um dia se encontrou com todos os seus problemas de relações e dificuldades. Um tempo onde todas e todos tinham as mesmas condições sociais e se ajudavam.

- São tantos os lugares de convivência na comunidade para passarmos.

- Qual vai ser o próximo?

- Vamos lá do outro lado, onde tem as estufas.

Os dois partiram correndo e brincando até o local.

- Aqui tinha um campo de futebol. Todos os domingos se reuniam para jogar bola. Eram só os homens que jogavam, mas era um lugar de encontros.

- Agora virou plantação de flores nessas estufas.

- Sim. Era grande e plano, bem convidativo para essas estruturas. Essa casa ao lado era as antigas coqueiras, que foram adaptadas para uma das famílias morarem.

Os dois voltaram fazendo maior algazarra pelo caminho, não estavam nem aí para o que as pessoas poderiam pensar.

- Vamos passar aqui no restaurante onde eram os lagos dos jacarés, rapidinho.

- Hum. O que tem de especial?

- Comida caipira, fogão a lenha, doces caseiros. É o lugar hoje na comunidade que mais recebe pessoas vindas de várias localidades da cidade e fora dela. Muitas pessoas da comunidade vêm aqui também. Penso que é o lugar mais popular da comunidade. Recebe pessoas de várias denominações religiosas e classes sociais.

- Gostei da proposta.

Ao sair do espaço, Francisco mostrou para Liberdade onde era a jaula das onças e foram caminhando.

- Francisco! Essas árvores enormes são as paineiras?

- Sim. Contam que foram plantadas na época da fazenda. Devem ser centenárias e são as maiores que temos por aqui.

- Tínhamos parentes que faziam ninhos aqui. Sempre passávamos por aqui para visitá-los. Uma vista incrível. Vou lá em cima ver.

- Beleza. Te espero lá no ponto final do ônibus para vermos a escolinha rural.

Liberdade lança um voo e vai ao topo observar a paisagem linda sobre a paineira. Depois, vai encontrar Francisco.



**Figura 11** - Centro Educacional Infantil Marluce de Sousa Pestana (Antiga Escola Rural do Bonfim)

Fonte do autor (2022)

- Adorei subir lá. Vi que tem parentes já construindo ninhos.
- Aqui é a nossa antiga Escola Rural do Bonfim.
- Eu me lembro do início da construção. A máquina fazia um barulhão.
- A professora do fusca azul ficou por quinze anos aqui.

Os dois se sentaram no ponto do ônibus de frente para o muro que foi recentemente pintado com o nome da professora, e Francisco conta como seu projeto e construção aconteceram.

- Caminhávamos bastante para estudar. Uma parte da comunidade queria que fosse construída uma escola e começaram a se mobilizar. O terreno que ela se reergueria seria na igreja.

- Por que não foi lá, Francisco?

- As pessoas vão mudando ao longo do tempo. Por divergências não conseguiram construir lá. Meus avós doaram esse terreno e as obras começaram com diversos recursos de doações, mutirões e arrecadações com festas. A escola tinha como proposta ser multiseriada, por ter quantidade de crianças de idades diferentes, não haveria possibilidades de montar séries fechadas. Todos iriam estudar em um ambiente coletivo. Isso é bem diferente do que estamos acostumados, mas uma parte da comunidade não gostou da proposta.

- Vocês humanos são muito complexos. Não entendo. Querem construir uma escola e depois não querem colocar os seus filhos para estudar.

- Pois é. Hoje é um Centro Educacional Infantil (uma creche). Lá em cima atrás da escola tinham casas que eram dos funcionários da fazenda, umas seis moradias. Também havia uma oficina. Essa casa à nossa frente é a sede da Fazenda. Ninguém mora nela.

O ônibus acabara de chegar. Um conhecido passa com um carro de caçamba e Francisco pergunta até onde ele iria. O rapaz disse que iria até Corrêas. Francisco pede uma

carona até a Escola Odette Yong Monteiro que se encontra na parte urbana do bairro. Sobe na caçamba do carro e Liberdade, que estava em um galho escondida, voa e pousa no braço de Francisco.

– Liberdade! Olha o tigre pintado na pedra. Aqui é o Pinheiral. Um lugar onde as pessoas da comunidade frequentavam muito no passado. Você deve lembrar bem dos transtornos em dias de verão com tantas pessoas vindo tomar banho e congestionando a rua com tantos carros.

– Sim. Quando estava muito calor eu ia tomar um banho nas poças que ficavam na beira da pedra. E as vezes esquecia que tinha esse tigre e quando abria meus olhos eu levava um baita susto que quase perdia todas as minhas penas e pulava fora de lá.

Francisco cai em gargalhadas... Ao passar na curva do “atalho” ...

– Aqui tem um trilho que chamam de atalho. É um lugar que todos passávamos para encurtar o caminho. Olha como essa montanha é linda! Vamos também lá no mirante para contemplá-la.

Seguiram...

– Aqui é o Posto de Saúde. Uma grande parte da comunidade vem se consultar aqui. Ele ficou posicionado em um lugar que facilita para a parte urbana da comunidade e da rural.

Seguiram mais um pouco desvendando os caminhos, brincando e observando.

– Chegamos na Escola. Obrigado, amigo, pela carona. Aqui eu estudei por dois anos, fiz amigos, depois que me afastei nunca mais os vi.

– Mas você não os procurou?

– Não. Fiquei muito acuado, e como não voltei para a escola, como iria encontrá-los?

– Francisco, nunca é tarde para buscarmos os reencontros. Não sei se seria agradável você os procurar, mas se tem esse desejo, precisa fazer e aí você vai ver se será bom ou não.

O portão estava aberto e os dois entraram e deram uma volta pelo pátio da escola e pararam na porta de entrada. Ali, ficaram por alguns minutos, deram as costas para a porta e foram em silêncio em passos lentos, saindo... Sentaram-se na calçada do lado de fora da escola.

– Francisco, você está triste?

– Não! Só pensativo. Sempre que passo na rua e olho para esse pátio sinto ao mesmo tempo um amedrontamento e um sentimento bom. Não sei o porquê. Sinto o cheiro do álcool do mimeógrafo, as salas tinham um cheiro diferente. Adorava o cheiro dos materiais escolares, principalmente dos lápis de cores novos. Veio-me isso tudo.

– Essas lembranças são o que nos toca lá no profundo, os lugares também guardam essas energias, e quando retornamos a esses espaços temos esses encontros.

Os dois ficaram ali por mais alguns minutos, conversando sobre o que sentiam.

### **5.3 A Música do Rio e o Dançar das Águas**

Francisco e Liberdade se levantaram e foram pela calçada do lado direito até a ponte. Lá, o menino se debruçou e o sabiá pousou sobre o corrimão. Pairava um longo silêncio...

– Eu sempre apreciei o rio, mas nunca o frequentei de tomar banho. Meus pais diziam que a água era muito gelada e também perigosa. Quando vinha para a escola, eu observava o movimento das águas, as margens e sua sonoridade ao tocar nas pedras.

– O rio nos assusta. Tomamos nossos banhos nas poças em suas laterais. Olha para o nosso tamanho e peso.

– Estou sentindo-o triste nesse trecho. Pouca água, muito esgoto, dá para sentir e ver a coloração da água e cheiro desagradável.

Os dois permaneceram com os olhos fitos naquele fundo de rio, que expressa o não cuidado que os humanos têm com a água que passa por eles e vai abastecer outras pessoas.

- Ouve? O ônibus está vindo. Vou pedir uma carona ao motorista. Poxa, não trouxe grana. Vou bater um papo com ele ali na frente, que nem vai lembrar de me cobrar. Me espere lá na paineira...

Francisco dispara para o ponto do ônibus, faz sinal e entra, e começa a conversa com o motorista. E sobe a comunidade novamente.

- Liberdade! Cheguei! Onde você está?

- Oi!

- Nossa! Que susto.

- Estava fazendo uma boquinha no quintal ali. Achei umas frutas lá. Uma delícia.

- Esqueci de comer as minhas bananas e meu biscoito. Nem te ofereci. Vou te levar em um lugar lindo.

- Seguimos! Senhor!

Os dois seguem pela rua empoeirada entre gargalhadas e brincadeiras, chutando pedrinhas pelo caminho.

- Precisamos entrar aqui nessa trilha para sairmos depois da guarita do Parque.

- Pensei que fosse bobinho, mas é bem esperto.

- Tive que dar meu jeito para poder vir aqui escondido.

Passaram por essa trilha que dava bem lá dentro do Parque. Esse é um caminho que os agricultores utilizam para ver suas tubulações de água. Saíram na trilha que vai para os poços e para a trilha do Açú.

- Ouve Liberdade?

- O quê?

- Essa música que vem do rio.

- Nossa! Ouço, mas baixinha.

- É a música do rio e o dançar das águas.

- Nunca tinha parado para apreciar.

- Venha, vamos chegar mais perto...

Ao se aproximarem, o som das águas se encontrando com as pedras ia aumentando, numa sonoridade esplêndida. O movimento suave entre as posições das rochas dava às águas um dançar que se seguia pelo curso em mudanças constantes pelo rio a baixo.

- Nossa! Que diferença, Francisco, dessas águas aqui das que vimos lá na ponte.

- Sim! Se olharmos ao redor, vemos que são incontáveis os seres que vivem aqui se alimentando, se reproduzindo, fazendo seus cocozinhos e a água permanece cristalina para beber. Quando chove, o rio fica muito cheio e violento e, por muitas vezes, mais no passado, suas águas transbordavam e passavam por cima de todas as pontes, eu já cheguei a ver isso. Depois de uns dias, as suas águas ficam calmas e transparentes novamente.

Francisco arregança sua calça, entra numa parte mais rasa do rio e pega a água com suas mãos para lavar seu rosto e depois bebe. Liberdade aproveita para se deliciar tomando seu banho naquelas águas transparentes.

- Por que todos os humanos não são assim como a floresta, Liberdade?

- Caro Francisco, uma parte de vocês acredita que tudo pode ser dominado e transformado em objetos para vender, inclusive força de trabalho dos humanos das classes mais empobrecidas. Esses sempre foram excluídos e explorados. Tantos e tantas gostariam de viver como esses seres aqui, mas foram caçados, escravizados e não tiveram acesso à terra e a condições financeiras para adquirir. Por isso, moram tumultuados nas cidades, como vimos lá perto da sua escola.

- Eu busco entender esses processos da natureza, para pensar outras formas e propostas para praticarmos outras práticas, mas todos estão apenas pensando em si mesmos. Quem vai ouvir um menino camponês chato como eu?

– Aí que você se engana pequeno! Eu estou aqui te ouvindo e muitas outras pessoas também vão querer te ouvir e estar com você nessas outras formas de fazeres criativo que você tanto me fala. A nossa fala tem que partir do que vivemos no cotidiano, não pode ser atravessada por ideias que não estejam conectadas com a vida na sua função plena de existir. Todos os seres têm uma função grandiosa, sejam eles visíveis como também os invisíveis guardiões das florestas. Sem essa conexão, não existe vida como a conhecemos. Todos aqui estão vibrando em manter o equilíbrio para ainda termos essas águas para bebermos.

Liberdade e Francisco ficaram por mais um tempo descontraídos conversando e apreciando aquelas belezas. A tarde estava indo, e um vento começa a passar, seguindo o curso do rio.

– Preciso voltar para casa. Meus pais já devem ter retornado e me pediram para não sair.

– E quando é que vamos nos ver novamente?

– Pode ser amanhã?

– Sim. Onde?

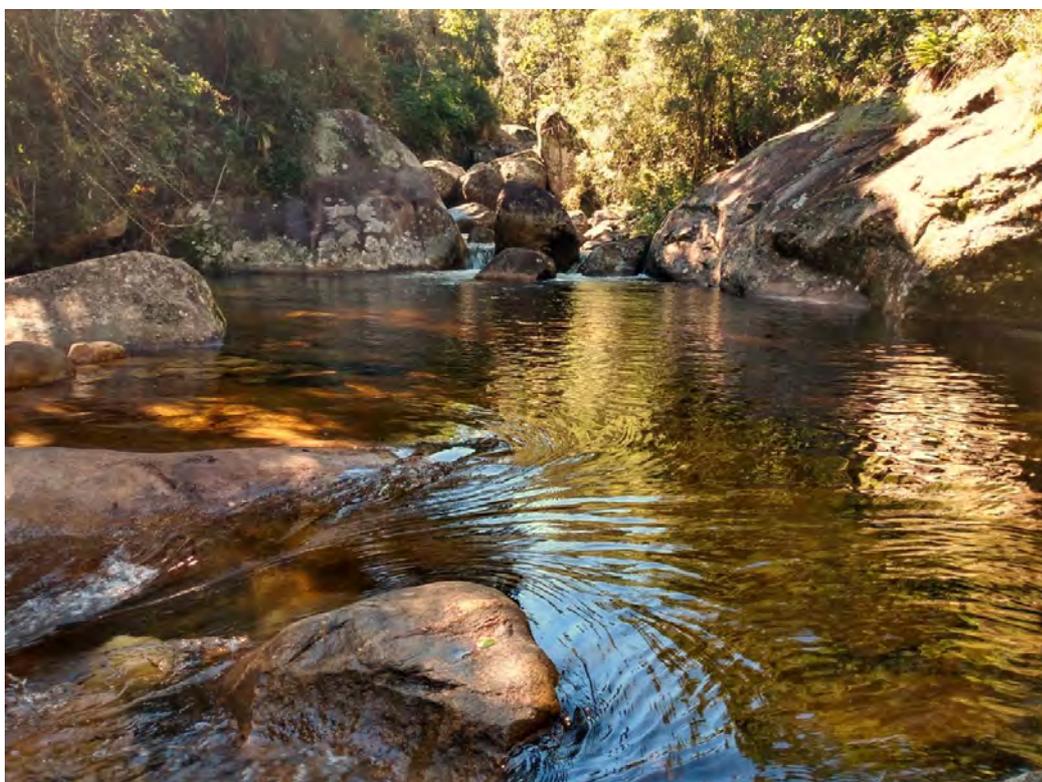
– No ponto de ônibus, em frente à casa velha da Fazenda.

– Que horas?

– Após o almoço, às 13:00 horas. Nesse horário eu consigo dar uma fugidinha... Até, Liberdade.

– Até, Francisco.

Liberdade se lança na corrente que acompanha o dançar das águas e vai rio abaixo, seguindo essas águas, cantarolando junto com a música do rio. Francisco retorna às pressas para casa, rezando para que seus pais ainda não tivessem retornado.



**Figura 12** - Poço do Paraíso - Serra dos Órgãos - Bonfim

Fonte: do autor (2021)

#### **5.4 O Encontro nos Quintais - Fazer a Vassoura de Mato para Varrer o Terreiro**

Francisco passou a noite pensando em tudo o que estava vivenciando com Liberdade ao caminhar pela comunidade. Ao retornar, ele passou pelo quintal da sua tia e tio avós. Esse era um dos quintais que ele mais frequentava, além da casa de sua bisá e seus avós maternos. O menino pegou um caderno velho e um lápis gasto e começou a escrever com suas letras tortas, com força, um texto sobre esse quintal. Adorreceu com o caderno em seu colo. Acordou com toda empolgação.



**Figura 13** – Estrada que vai para o Sítio Vale Verde – mirante da Pedra do Cone – Bonfim  
Fonte: próprio autor (2022)

– Hoje não vou perder a hora. Marquei com ela mais tarde. Vou levar Liberdade para conhecer o mirante que dá para a Pedra do Cone.

Francisco organizou tudo que faria durante a manhã, para de tarde encontrar sua amiga sabiá. Pega sua mochila velha, coloca uma garrafa com água, algumas frutas, seu caderno velho com as suas anotações e parte escondido dos pais. Ao chegar próximo da casa velha, avista Liberdade no telhado da casa. Acena para ela e segue rua a fora.

– Esqueci de te falar. Lá do outro lado, onde tem aquelas casas, tinham jaulas também, dizem que eram dos leões. Havia muito viveiros de pássaros e outras construções, como as colunas perto das paineiras e essas aqui nessa pedra que só tem os ferros. Tudo vai desaparecendo com o tempo. Vamos correndo para que o pessoal não nos veja. Estão voltando do almoço.

– Adoro essas aventuras de viver livre se escondendo.

– Esse caminho era a antiga estrada que subia lá perto do Posto de Saúde e vinha por este lado para a sede da Fazenda. Mas por ser muito inclinado, eles devem ter depois construído pelo outro lado. Vamos passar aqui em silêncio para os cachorros não nos ouvirem.

Chegaram na entrada do sítio, passaram por baixo da cancela e seguiram a passos largos por ali afora.

– Que bambuzal lindo Francisco.

– Sim. Dizem que já está aqui há muitos anos.

Passaram pelo riacho e subiram até o mirante.

– Não é linda a majestosa Pedra do Cone?

– Esplendida. Está de frente para nós, nos olhando.

– Pena que o capim melado está seco. No final de maio ele começa a florescer e fica tudo avermelhado. Eu adoro o cheiro que ele exala. Já sentimos que o frio vai vir. Tudo está mudando, mas a natureza ainda permanece com sua resistência.

– A vista aqui é linda, Francisco.

– Ouvi dizer que essas enormes montanhas aqui têm a mesma formação rochosa das montanhas lá de África, por conta da separação dos continentes. Estou tentando entender essas coisas. Esse capim melado também é de lá...

– Tudo está conectado e se relaciona o tempo todo.

– Aquelas montanhas lá no horizonte, onde o sol se põe, são o Monumento Natural Estadual da Serra da Maria Comprida, essas aqui atrás de nós são Mãe d'água e Alcobaça, essas que seguem à direita da Pedra do Cone são as montanhas que compõem a Serra dos Órgãos. Esse nome é pelo formato das montanhas lembrarem os tubos dos órgãos das igrejas antigas. A Catedral de Petrópolis tem um órgão desses.



**Figura 14** - Pedra do Cone - Bonfim

Fonte: do autor (2022)

– Quanta informação.

– As pessoas vão falando, eu vou guardando. Essa noite, eu peguei meu caderno velho e escrevi um texto sobre uma memória de um quintal que tanto eu frequentei.

– O menino escritor.

Ria Liberdade, ao se espreguiçar em um galho retorcido.

– Francisco, você vai me contar sobre suas conversas e andanças pela comunidade?

– Sim! Mas antes vou ler para ti o que escrevi. Pode ser?

– Comece, por favor!

O menino pega o caderno, abre e começa a ler em voz alta:

– No adentrar desses meses de calmaria, a claridade do dia vai diminuindo e as estações nos proporcionam ainda suas características, mesmo em meio a crises que atravessamos. Me vem na memória as manhãs nubladas, com a vegetação com uma fina camada de minúsculas gotículas da neblina fina que caíram durante a noite. O terreiro de terra socada pelo pisoteio dos que ali vivem está úmido. Vassoura feita de guanxuma (*Sida rhombifolia* L.), uma planta que nasce em solos compactados, que têm suas raízes profundas e que é chamada por aqui de “vassoura preta”, sua infusão também era utilizada para lavar os cabelos e fortalecê-los. É um arbusto pequeno que não passa de um metro. Seus galhos são colhidos e amarrados ao redor de um bambu ou outra madeira redonda, com voltas e nós feitos com tiras de tecido de roupas rasgadas. Lá vai a sabedoria ancestral feminina, com lenço na cabeça, blusa fina com as mangas arregaçadas, de saia e com os pés inchados, varrer as folhas, pedras e galhos aproveitando que a terra está semi-molhada. Com o passar da vassoura, vai apagando as pegadas e tantas expressões que foram intuitivamente acontecendo entre esse intervalo, entre as varreduras. Com isso, deixando o terreiro pronto para que novos desenhos possam ser configurados pelos que ali passarem e brincarem. O cheiro que sai do solo é de um frescor que ainda sinto nas minhas narinas. Penso nessa função da guanxuma de descompactar o solo lentamente no nosso lento movimento de existir. Que tal observarmos essa “vassoura preta”, experimentar quebrar essa laje das relações e dos espaços onde estamos atuando? As pegadas que compactam e deixam suas gravuras são varridas para dar espaço a outras criatividadees, e nesse intervalo o perfume que sai da terra prepara o ambiente para novos caminhar.

– Que lindo Francisco.

– Obrigado!

Pairou um silêncio naquele mirante. O caderno lentamente foi fechado. O sol estava quente, mas uma nuvem veio e sombreou os dois.

– Vou contar essas minhas caminhadas pela comunidade.

– E qual o motivo de você fazer essas conversas?

– Eu quero entender como que essas pessoas viviam na sua infância, juventude e o que pensam sobre as mudanças. Tem um modo de vida que era mais conectado com a natureza e a espiritualidade.

– Os lugares têm as suas histórias e suas memórias. Revisitá-las é importante para pensarmos sobre nossas práticas do cotidiano e o que podemos fazer de melhor para o instante em que vivemos e o futuro que virá.



**Figura 15** - Montanhas da Serra dos Órgãos - Bonfim.

Fonte: do autor (2022)

Francisco pega novamente seu caderno velho, abre nas páginas em que estão as anotações das conversas que fez com os camponeses/as em suas caminhadas pela comunidade. Cada conversa partiu de um ponto comum entre as pessoas, a chegada delas na comunidade. Foi remontando as anotações em forma de versos, para que aquelas falas possam dizer por si mesmas, trazendo um microfragmento dos saberes e experiências que essas pessoas compartilham de suas trajetórias de vida. Não se medem saberes e nem se contabilizam experiências. Esses espaços nos convidam a sentir e permitir que essas vivências nos envolvam, para ouvir e acolher seus conhecimentos.

-Liberdade, transcrevi as falas que fui ouvindo e as organizei como textos em formato de versos. Foram cinco que escrevi: transição; trabalhava, mas tinha tempo; acho que está morrendo; legado; evolução. Acomode-se. Vamos à leitura.

#### 5.4.1 Transição

*“Já passamo por muita transição.  
Plantava verdura, depois foi pra flor.  
Flores que hoje em dia nem existe.  
Adorava plantar margarida.  
Hoje é mais chuva de prata e monsenhor.*

*Vim pra cá com dois anos.  
Só vieram mesmo os pequeninhos.  
As gente brincava nesses pasto.  
Não podia ir em rio.  
Brinquedo nós não tivemos não.  
Brincava de pique, de correr atrás dos outros, se esconder e procurar.*

*Eu sei que tinha pouca gente morando, bonito assim não era não, agora que tá bonito.  
Domingo vinha todo mundo para uma casa só.  
A gente quando era criança brincava.  
Hoje em dia as criança não brinca.  
Hoje em dia as criança não sabe o que é pular uma amarelinha, pular um elástico  
brinca de pique esconde, de bolinha de gude.  
Hoje em dia é só celular.*

*Quando nós era pequena, o pai tinha dificuldade de criar todo mundo.  
A mãe fazia em casa pão, dez broa de cada vez, que ela fazia de pão caseiro.  
Escutava um assobio e sumia uma broa de pão. Dizia que era o saci.  
Tinha dificuldade, mas fome não.*

*Tinha que trabalha, quando tinha tempo, tinha que arrumar casa, lavar roupa.  
Não tinha essas coisas que tem agora, máquina de lavar.  
Os princípios básico vai passar pra eles.  
Mesmo com toda a educação ele chama de você, e não de senhora é educado, mas não  
chama de senhora.  
A gente sempre ensinou as criança a chamar de tio e tia.*

*As dificuldade era tanta que não sinto falta de nada não.  
Só de sentar e conversar, hoje em dia ninguém visita ninguém mais.  
Não se junta para bater um papo, cada um seguiu sua vida.  
Depois do almoço a gente sempre ia no pinheiral, ia na lage passeia.  
Na cabeça do atalho, chegava uma dez pessoa, sentava e ficava batendo papo.*

*A maior dificuldade era levantar cedo e regar a chácara com regador, ficar até nove  
hora-dez hora, de manhã e de tarde.  
Cavava com enxada.  
Eu era apaixonada por margarida.  
Muita flor que acabou.  
Saia com dois caminhão – o que levava vendia.  
Hoje vende menos com um preço melhor.*

*Eu tenho muito medo, assim a vinte trinta anos vai ter dinheiro e não vai ter o que  
come.  
O jovem de hoje não tá na roça mais, ninguém quer ficar na roça trabalhando.  
A Agricultura familiar está acabando.  
Os filhos dos filhos não quer mais fica na terra.  
As menina não quer ficar debaixo desse sol, catucando a unha no chão.*

*Plantava as coisas com capim, esterco de cabrito.  
Fazia o buraco enterrava tipo de uma compostagem.  
Capinava e enterrava o mato.  
Uma hora de tobata rende mais do que três horas de enxada.  
Hoje passa essas calda orgânica.*

*União e valorização.  
Hoje em dia ninguém ajuda ninguém.*

*Antigamente eram mais unidos*

*Vai na prática, aprender fazendo.*

*Quando os mais velhos senta conversa.*

*Levava pra reza, rezadeira.*

*Sapinho, caxumba vento virado, leva pra reza.*

*Hoje em dia se falar de rezadeira você quase apanha como se a rezadeira fosse uma coisa do outro mundo.*

*Tradição da minha vó passou pra minha mãe da minha mãe vai passa pra mim e para os primos.*

*Tradição tá acabando tudo.*

*Hoje em dia tem dificuldade, mais as coisas estão muito mais fácil.*

*A passividade a gente tem que ter.*

*O futuro do Bonfim vai ser só turismo.*

*A agricultura vai acabando.”*

*(Margarida e Rodante, tarde de verão de 2022.)*

\*\*\*\*\*

#### **5.4.2 Trabalhava, mas tinha tempo**

*O pai comprou o terreno que era plantação de flores.*

*Mas foi uma vida dura.*

*Não tinha luz, não tinha ônibus, não tinha telefone.*

*Eu gosto de trabalhar na terra, desde os nove ano.*

*Apesar de ser um bairro grande, eram poucas família,*

*A gente mesmo plantava e colhia e arrumava carona para vender no Rio.*

*Tinha criação de galinha, coelho, porco e cabrito.*

*Tá tudo na agricultura.*

*Estudei muito pouco.*

*A vó era rezadeira.*

*A minha fé eu não posso abandonar.*

*Com oito anos minha avó me ensinou.*

*O pai, toda noite ele sentava e todo mundo rezava o terço.*

*Todo santo dia ele ensinava a gente a reza o terço.*

*Está se perdendo tudo, os jovem de hoje é só celular e computador.*

*Eu sinto saudade do convívio das pessoas.*

*Juntava as mulheres para conversar e as crianças brinca.*

*Antigamente tinha aquela união.*

*Algumas coisas do passado eu tento fazer mais tá muito difícil.*

*A vida tá muito corrida.*

*No passado trabalhava, mas tinha tempo.*

*Os homens tinham tempo de jogar bola, jogar carta as mulheres arrumar casa e conversa.*

*Minha mãe lavava roupa no rio.*

*Fim de semana fazia pão no forno de barro.*

*Cada dia que passa parece que vai ficando pior.  
Os jovens de hoje não tão querendo saber de agricultura.  
As mulheres de hoje, elas não querem encarar isso não.  
Mas alguém tem que cuida.*

*Os maquinários substituindo os humano.  
O ser humano vai ficando de lado.  
Muita gente depende da agricultura, é um ramo muito forte.  
Voltar àquela vida boa, chega domingo poder reunir o povo a gente ter mais um tempo  
para ter convivência.  
Eu era criança mas eu lembro, a gente brincava, vinha da escola e balançava dos  
galhos de cedro”.*

*(Sempre-Viva, noite de Verão de 2022).*

\*\*\*\*\*

### **5.4.3 Acho que ela está morrendo**

*Eu vim para cá com a idade de um ano.  
Com nove ano comecei a capina canteiro.  
Trabalha na chácara de flor.  
Não tinha nada aqui.  
Luz de querosene, agua na bica.*

*Vida de solteiro jogava bola.  
Tinha tanta lama na estrada.  
Tinha poucas casa.  
Tinha uns quarenta ou cinquenta cavalo de tudo conta é cor.  
Aqui tinha muito pé de pera.  
O forte nessa ocasião era flor.*

*Era tudo no regador todo dia.  
No inverno não tinha bota e ficava até os pés fica duro.  
Saia lá de baixo seis hora.  
Quando descia era de noite.  
As mangueira já chegou perto dos anos 1970.*

*O adubo o pessoal tinha muito animal na cocheira.  
Os caminhão de estrume de galinha começou antes de começarem a colocar a guarita  
Nós não vendia com a nossa mão.  
Nesses anos 1980 o camarada com uma picape ele pegava estrume, dava para manter a  
horta, porque entregava uma vez por semana, dava para fazer a entrega, dava para  
fazer um dinheiro.  
Hoje em dia o empregado corre o risco de tudo.  
Aqui já é um tipo de lugar, é bom, só que é um tipo de lugar bom pra tu trabalhar  
tranquilo.  
Tem lugar aí pra fora que é lugar baixo é melhor para as maquinas.*

*Em 1986 eu tava acabando de colocar cano em tudo.*

*No verão ficava um pouco meio ruim.  
Mas Pé de alface mesmo retado, mas ainda foi na época que tava usando esterco de coqueira.  
Mas aquele estrume que funcionava, dava planta boa e terra melhor ainda era a vaca na coqueira.  
Naquele tempo ela era direto na coqueira, então dava capim de manhã na hora do almoço e de noite.  
Naquele tempo a gente metia a enxada para cavar cada minhocona, se a terra não tiver minhoca a aterra não presta, acho que ela está morrendo e ela também não respira.”  
(Lírio, noite de verão de 2022)*

\*\*\*\*\*

#### **5.4.4 Legado**

*Eu nasci já aqui.  
Minha vida é aqui no Bonfim.  
Já nasci nesse berço da agricultura.  
Trabalhou muito tempo com flor, depois verdura e depois com os dois.  
Apreendi tudo com meu pai.  
Um lugar sossegado, a família toda aqui.*

*Muitas melhorias o Bonfim teve de lá para cá.  
Estrada, não tinha, a luz de lamparina a querosene, não tinha telefone.  
Criei minhas filhas na lavoura.  
É um serviço sacrificante.  
Manter minha família na horta.  
Passamos alguns apertos, mas conseguimos.*

*Me sinto orgulhosa.  
Eu vejo as vezes as pessoas falarem: a não, serviço de horta já deu o que tinha que da.  
Eu falo mesmo! Já deu o que tinha que da não, vai continuar dando sempre.  
Acho assim, quando a pessoa gosta de trabalhar na horta, você se dedica naquilo, você vê os resultados.  
Claro, é sacrificante é, mas quantas outras profissões também não são?  
Todo trabalho tem sua parte boa e a parte do sacrifício, tem que ter um jogo de cintura para lidar.  
Eu vejo até pessoas da família quando vai fazer um cadastro em algum lugar, a vez de colocar agricultor coloca outra coisa.  
Eu não boto não, boto com muito orgulho, sou agricultora.  
Quando alguém me pergunta qual é a minha profissão eu tenho orgulho disso.*

*Tinha uns terrenos aqui.  
Vieram pra cá.  
Trabalhavam no campo.  
Tira um pouco o sossego da gente essa questão do movimento no período do verão com a melhoria veio a pousada, essa coisa do turismo os restaurantes que agora tem.  
Antes não tinha, era só as lavouras e os moradores.  
A gente planta, mas a gente compra.*

*Passou a ter a associação mais organizada, trouxe muita melhoria.  
São coisas boas.  
Até para agricultura tem conseguido melhorias boas.*

*Tem muita gente que a gente não conhece.  
As famílias mais antigas, ainda tem aquele costume dos nosso pais, algumas coisas a gente vem trazendo aqueles costumes.  
É uma convivência boa de família.  
Não temos uma rotina de violência.  
Avançou muito se a gente for pega bem lá trás do início. Agora graças a Deus avançou muito, temos o trator para arar a terra.  
No trabalho manual a gente usa enxada ainda, mas assim antes era tudo na enxada.  
Hoje tem a roçadeira, o trator as maquinas menores.  
Hoje tem as estufas.*

*Fico vendo elas conversar sobre isso: “A gente chegava da escola a minha mãe falava tem que capinar viveiro. Ir para o barracão amarrar cheiro, limpa cebola.”  
É uma coisa boa. Eu acho bonito elas falarem, eu capinava viveiro, eu capinava canteiro a gente ia capinar a gente ia colher a gente ia amarrar o cheiro.  
Elas não estão nisso, mas eu cresci nisso, a minha profissão que eu ensinei pra elas que elas não tão, mas tem noção do que é e se elas um dia se precisar fazer isso elas sabem fazer.  
Traz essa memória, tradição de família.  
Fica na história as filhas contando e os netos se interessando.  
As meninas que casam com um rapaz que não está na lavoura não fica.  
Falta incentivo do governo, programas que incentivam mais.  
Na hora de vender o produto não é valorizado.  
Uma das coisas mais cara é o transporte. Combustível caro, Você não consegue repassar esse valor para o cliente.*

*Aprendi tudo com ele e com a minha mãe.  
Ainda não me vejo parada, aposentada.  
Ainda quero trabalhar.  
A tradição da nossa família não é de mudar muito.  
Um Legado que meu pai passou pra nós.  
Está no nosso sangue.  
Hoje é o legado da minha vida que é a história que eu vou deixar para minhas filhas e para minha família.  
Viver o momento que estamos vivendo.*

*(Cravina, noite de verão de 2022)*

\*\*\*\*\*

### **1.1.1. Evolução**

*Sempre fez tudo muito básico.  
A tecnologia chegou agora.  
A maioria plantava flor.  
Todo mundo plantou o zipe.  
Teve a restrição de ter que queimar.*

*E ai plantava verdura.  
A estrada era de chão daqui até Correas.*

*A gente ficou geralmente sem mão de obra.  
As pessoas que ficaram trabalhando são as que tem filhos para ficar no lugar.  
O trabalho é pesado.  
Isso é impossível uma mulher fazer.*

*Na verdade todas as coisas que você for bota em pauta tem dois lados.  
A dificuldade era muito grande para escoar a mercadoria.  
Para começar a população petropolitana era menor.  
Hoje em dia a concorrência é muita grande.*

*A estrada melhorou.  
A atenção da estrada melhorou.  
Na plantação a dificuldade é a mão de obra.  
A idade vai chegando, as força vão diminuindo e não tem mão de obra.  
É muito desvalorizado.*

*A plantação tá diminuindo cada vez mais.  
Quem trabalha na agricultura não tem valor.  
A mercadoria é exigente.  
Antigamente não tinha técnica, era tudo básico.  
As pessoas acham que o leite nasce dentro da caixinha.  
Tem criança da cidade acha que a galinha nasce depenada.  
Isso perdeu o valor.  
O valor hoje é a internet.  
Chegava da escola tinha que lava a bacia de louça não era na pia era na bica.  
O passado vira história.  
Importante é o futuro.  
A realidade é que nós vamos ficar na história.*

*Antigamente as pessoa visitava, ia na casa uns dos outros para prosear.  
Aproveitar o hoje que amanhã a gente não sabe se vai chegar.  
A feira era satisfatória.  
Você faz uma amizade com o cliente.  
Ele comprou, gostou era muito satisfatório.  
A lado pior era cultivar a mercadoria.  
Não tinha ninguém para ajudar.  
Tem que procurar ter uma empatia com o freguês.*

*A agricultura te dá uma liberdade esse jogo de cintura. Hoje eu vou adiantar para  
amanhã folgar.  
Vai sempre dá continuidade de uma forma diferente.  
A tecnologia avançou então vai ser de uma forma diferente, mas sempre vai existir a  
produção, não tem como.  
Tudo vai evoluindo. No nosso tempo nós cavamos terra em enxada, ai veio a  
maquininha pequenininha ai essa máquina já cresceu foi para o micro, agora já tem o  
trator mas já deixa a rua mais ou menos, mas já deixa pronto.  
Eu penso que o futuro é esse, evoluções.*

*Aí tem agora as estufas. Isso é bom. É caro? É, porque é novidade. Na hora que surge é muito caro, mas eu penso que futuramente vai ficar mais viável. Por que vai mais gente fazendo, e vai ficar mais viável.*

*Eu creio que o futuro vai ser isso. As estufas hidropônicas é um negócio que vai precisar de menos mão de obra. Mão de obra sempre vai precisar. Mas de menos. A hidropônica tem um trabalho diferente. Tá chovendo você não está no tempo, na chuva, no céu aberto não, choveu tu tá na chuva. Fez sol tu tá no sol. As estufas vai ter essa melhoria na sua vida. É a evolução dos tempo, não tem jeito. Quem puder acompanhar vai ser o futuro.*

*(Cravo e Státice, manhã de verão de 2022)*

\*\*\*\*\*

- Nossa! Que forte essas palavras, Francisco. Me emocionei.

- Também achei. O que mais me toca é a forma que falam dessas memórias. Saem como poemas naturalmente. O campo é um lugar mágico. Não sei se eles percebem toda essa beleza que há aqui.

- Talvez não dessa forma que você observa, mas eles sabem o valor que tem.

- Observei nas conversas muitos processos de mudanças, mas mantiveram princípios que vão reexistindo ao longo das gerações, apesar das modificações que ocorreram. É uma trajetória coletiva de muitas pessoas da mesma família que vêm de uma comunidade vizinha. É uma travessia no tempo que, nesse momento, se torna lugar de resistência, está na memória e se estende no dia a dia delas.

- Os aprendizados são muitos nessas poucas linhas, que trazem uma poeira das experiências dessas pessoas. O simples do cotidiano é colocado de forma objetiva e com cuidado. As brincadeiras associadas com as tarefas de trabalho da infância. Reconhecem as dificuldades, mas o que prevalece são os momentos bons. Falam da terra estando nela por inteiros. Uma conexão forte de querer permanecer. Tem plena consciência que a agricultura é importante e que dela dependem. Sabem que o solo precisa estar vivo para que as plantas possam se desenvolver. E as práticas degradantes que vieram com todo o avanço das tecnologias foram facilidades que encontraram para continuarem suas atividades. Não há um julgamento em relação a isso. Percebemos, Francisco, que só a convivência e o encontro podem mobilizar as pessoas para terem outros olhares para essa natureza que vemos aqui. Eles sentem os efeitos que o mundo moderno e tecnológico impõem, e mencionam a falta de não terem tempo para se encontrarem e vivenciarem outras experiências. Antes, tinham que fazer tudo manualmente, tinham muitos filhos, poucos recursos, mas tinham tempo de sentar e conversar, se visitarem, estarem disponíveis para receber e ir até o outro, se ajudando nas tarefas ao longo do ano. Era o tempo da natureza. Ainda não tinham sentido o tempo da modernidade com tanta força, esse tem destruído tudo que existe de conexão com a vida em todas as suas dimensões.

-Eu percebo essa conexão de estar juntos para conversar, estar ao redor de uma mesa com alimentos. São lugares onde as pessoas se reconhecem e festejam a vida, falam de coisas boas e se divertem. A nossa função como seres que se sentem natureza, ouvem a música do rio e veem o dançar das águas, percebem a sonoridade do cantar dos pássaros, sentem e veem uma conexão perfeita de todos os seres buscando manter a vida na sua plenitude. É simplesmente conviver, e se for possível facilitar esses encontros para que as pessoas possam se conectar com essa maravilha que é saber que todos somos importantes.

- Há um lugar bem definido no passado, e ainda hoje, dos fazeres das mulheres e dos homens. Nós, sabiás, dividimos todas as tarefas para criamos nossos filhotes. Estamos muito à frente de vocês, humanos. Mas percebemos a força camponesa feminina nas linhas que você

trouxe. São elas que trazem essa força da fé popular, da convivência, do compartilhamento dos saberes e são as guardiãs de passarem essas experiências de vida para os que vêm. As mulheres podem e sempre fizeram tudo na agricultura. Há um pensamento limitante dos humanos homens.

O sol vai se inclinando no horizonte. Francisco e Liberdade sobem mais um pouco para avistar as montanhas. Uma brisa leve começa a soprar em direção ao pôr do sol. Os dois ficam em silêncio observando o capim seco a se ondular ao vento. Se olham e continuam a prostrar.



**Figura 16** - Pôr do sol no Bonfim. Ao fundo a Serra da Maria Comprida.

Fonte: do autor (2022)

-O sol está para se pôr, Liberdade.  
- Sim. O vento está aumentando.  
- Isso é sinal de que vamos ter que partir.  
- Isso mesmo, menino sábio. Já percebeu como as coisas funcionam comigo.  
- Obrigado por querer conviver comigo, depois de tudo que fiz com seus parentes.  
- Todos nós aprendemos com isso tudo. Eu que agradeço por me fazer reviver com você esses dias aqui nesse vale.

- Amigos?

- Sim! Amigos.

Francisco estende a mão para Liberdade, que abre sua asa e toca a mão do menino.

- Vamos nos ver sempre, Liberdade?

- Teremos muitas tarefas pela frente, mas sempre estaremos juntos, conectados pela natureza através do vento, do rio, do céu azul, pelas nuvens, pelo frio e, principalmente, pelo pôr do sol.

Os dois se olham, sorriem, e ficam de frente para o pôr do sol. A corrente de vento passa com mais intensidade e Liberdade abre suas asas e se lança, passando sua barriga alaranjada pelas pontas do capim seco, mergulhando no horizonte alaranjado com o sol.

Francisco corre pela trilha, passa pelo riacho, pelo bambuzal escuro e segue morro abaixo, voltando para sua casa cheio de alegria pelo encontro que tivera por aqueles dias.

## 5.5 O Agroecovida Ecoa o Canto do Sabiá

Francisco continua adormecido encostado na manilha. De repente, passa um vento por ele que o desperta. Ao abrir os olhos avista a sua frente, pousado no topo da grutinha de pedra, um sabiá laranjeira majestoso, que olha para ele, balança a cabeça e se lança na corrente de vento que estava passando, seguindo para o horizonte deixando no ar seu lindo canto. Francisco se levanta às pressas e acompanha com o olhar fixo o pássaro desaparecer no horizonte. Ao colocar o seu chapéu na cabeça o celular cai de seu bolso e começa a tocar a música (Tristeza do Jeca) que Francisco tinha gravado no celular cantando e tocando com seu violão.

Nestes versos tão singelos  
Minha bela, meu amor  
Pra você quero contar  
O meu sofrer e a minha dor  
Eu sou como um sabiá  
Que quando canta é só tristeza  
Desde o galho onde ele está

Nesta viola canto e gemo de verdade  
Cada toada representa uma saudade

Eu nasci naquela serra  
Num ranchinho beira-chão  
Todo cheio de buracos  
Onde a lua faz clarão  
Quando chega a madrugada  
Lá no mato a passarada  
Principia um barulhão

Nesta viola, canto e gemo de verdade  
Cada toada representa uma saudade

Lá no mato tudo é triste  
Desde o jeito de falar  
Pois o Jeca quando canta  
Dá vontade de chorar  
Vontade de chorar  
E o choro que vai caindo  
Devagar vai-se sumindo  
Como as águas vão pro mar.

Angelino de Oliveira (1918)

Francisco se emociona e relembra o sonho que teve durante o seu cochilo naquela tarde, com o “menino e o sabiá”. Ao retornar para casa, pega seu caderno e começa a escrever uma carta de apresentação sobre suas atividades, onde conta os processos que ocorreram no sítio da família onde Francisco nasceu. Esse lugar vem passando por transformações a partir das práticas Agroecológicas que ao longo desses anos foram sendo experimentadas.



**Figura 17** - Entardecer na pedra do sítio Agroecovida - Bonfim

Fonte: do autor (2022)

### **5.5.1 A construção do espaço Agroecovida.**

Esse percurso teve início em 2008, após o intercâmbio com agricultores(as) agroecológicos no Rio Grande do Sul. De lá para cá, muitas experiências foram construídas, dentre elas, processos de compostagem, manejos de podas, consórcios diversos (temperos, hortaliças, plantas medicinais, grãos e raízes), produção de mudas, construção de canteiros circulares e cobertura do solo com matéria orgânica seca. Isso ocorreu em uma parte do terreno destinada para essas práticas. Em 2010, houve uma doação em dinheiro para a construção de uma estufa de mudas, compra de sementeiras, sementes diversas e substrato. Essa iniciativa contribuiu, naquele momento, na tentativa da transição Agroecológica, porém, dificuldades de conhecimentos técnicos, planejamento com um cronograma organizado, estruturas como transporte e insumos para os plantios foram alguns dos impedimentos que ocorreram.



**Figura 18** - Organização do sítio Agroecovida em 2010

Fonte: do autor (2010)

De 2010 a 2019, as práticas foram concentradas no quintal, por conta da disposição de tempo para os cuidados. Essas experiências foram construídas utilizando diversos recipientes para os plantios, desde caixa d'água, potes, baldes caçamba de carrinho de mão velho, garrafas pets e outros. No entanto, a narrativa que segue, tem como proposta trazer de forma objetiva, as etapas da construção, dificuldades, aprendizados e desafios desse espaço agroecológico que venho pensando a partir de muitos encontros que tive ao longo desses anos.

O Agroecovida é um espaço de Práticas Agroecológicas, localizado na Região Serrana, na Comunidade Rural do Vale do Bonfim – Petrópolis – RJ. Tem como objetivo a produção de alimentos com base nos princípios da Agroecologia, que unem saberes ancestrais de cultivos, regeneração natural do solo, aumento da biodiversidade de plantas e animais e o cuidado com os recursos hídricos. Esse processo de transição Agroecológica vem se consolidando por etapas desde 2008, e aos poucos foi deixando de utilizar os pacotes químicos (agrotóxicos e adubos sintéticos), dando lugar a inúmeras formas mais ecológicas e integrativas de produção de alimentos.

Todos esses aprendizados ocorreram a partir de trocas de saberes e de experiências com instituições e agricultores(as) locais e de diversas partes da América Latina. A partir de janeiro de 2020, os cultivos foram ampliados, já que os aprendizados nesses doze anos nos deram segurança para continuarmos a transição Agroecológica. Buscamos, como premissa, construir múltiplos aprendizados, que unam produção de alimentos – saberes ancestrais – relação de cuidado com a Mãe Terra, integração de todos os seres que compõem o agroecossistema para o alcance de um equilíbrio harmonioso, sendo esta cooperação o ponto central para encontrarmos o bem-estar do corpo e da mente.

A primeira etapa ocorreu de janeiro a maio de 2020. Com isso, foram iniciadas as primeiras observações no terreno, com o intuito de identificar quais seriam as áreas mais acessíveis para começar a fazer a limpeza do espaço. Após, foram iniciados os processos de roçagem, retirada e deposição da matéria orgânica para produzir composto, revolvimento do

solo, aplicação de calcário para a correção de pH, construção dos canteiros e os plantios de hortaliças, temperos e plantas medicinais. Foram construídos três espaços de aproximadamente 300m<sup>2</sup>, um com canteiros lineares e os demais em formato de mandalas. Além desses, foi construída uma mandala de um raio de 17m<sup>2</sup>, com cinco anéis com o diâmetro de 1,10m de largura.

Outro ponto foi a organização dos limites do terreno com os vizinhos, construindo um pequeno muro de 40cm de altura e uns 40 metros de comprimento, utilizando as rochas que fomos retirando durante a limpeza, possibilitando definir esses limites para os plantios de cerca viva para um parcial isolamento dos agrotóxicos que são utilizados nos terrenos ao redor. Juntamente com essas primeiras atividades, pensamos um nome para o espaço; após algumas sugestões, escolhemos Agroecovida, que traz a junção dos conceitos de Agroecologia – ecologia – vida.

A segunda etapa ocorreu de junho a setembro de 2020. Esse foi um período de muitas descobertas, destacando aqui os consórcios entre os diversos cultivos (hortaliças, raízes, flores, frutas e árvores), manejo do que havia cultivado anteriormente como bananeiras, algumas frutíferas, árvores, arbustos, aquisição de um triturador de galhos e folhas para melhorar a cobertura do solo, utilização de folhas de bananeira para cobrir os canteiros, troncos nas laterais de alguns canteiros. Também ocorreu a ampliação na criação de galinhas. Outro experimento foi o desenvolvimento na produção das mudas nas sementeiras plásticas, utilizando o composto produzido no espaço.

Foi desenvolvida uma formulação de um misturado com torta de mamona, farinha de ossos, composto (húmus de minhoca) e cinzas para colocar nos plantios. Para o fertilizante render e ficar no solo, foi feito nos canteiros uma abertura (valas) de uns 5cm, onde o composto era depositado posteriormente os plantios das mudas. Esse foi o período mais empolgante e com resultados positivos em relação aos plantios, colheitas abundantes de cenoura, beterraba, repolho, brócolis e outras hortaliças. A transição do outono para o inverno traz uma calma, suavidade na temperatura, mais prazeroso para o trabalho.

Já na terceira etapa, os desafios foram maiores. A primavera vem com sua explosão de vida que estava adormecida. Momento de fazer os plantios de roça, como mandioca, inhame, feijão, milho, abóbora e tantas outros. Mas o clima muda muito rápido e logo começa a temperatura se elevar, trazendo dificuldades para os plantios, principalmente de hortaliças. Não conseguimos nos organizar para o verão, que veio com muito sol e chuvas moderadas, mas já foi suficiente para dificultar o desenvolvimento das plantas, utilizando as mesmas técnicas anteriores.

Pelas observações em campo, para cada ciclo (outono-inverno e primavera-verão) a relação das plantas com o solo é diferente. Tudo se modifica em poucos dias, após a entrada da nova estação, mesmo com as mudanças climáticas. Nesse período, houveram muitas tentativas que não foram bem-sucedidas. Nesse contexto, o espaço Agroecovida completou seu primeiro ciclo. Esse tempo se mostrou suficiente para entendermos que os processos da natureza são opostos aos processos do sistema capitalista no qual estamos inseridos. Há um incômodo, e uma sensação de que o espaço precisa produzir uma infinidade de variedades e quantidades durante todo ano. Dentro de uma perspectiva de mercado, seria o ideal, mas em um processo agroecológico, sem recursos para os investimentos com insumos, mudas, equipamentos, não é possível em tão pouco tempo.

No entanto, podemos pensar o espaço Agroecovida como um lugar de resistência, fortalecimento da agroecologia, educacional que reflete e aplica os saberes populares, que herdamos dos nossos ancestrais, que construíram a comunidade do Bonfim. Porém, há desafios que precisam de uma atenção específica, como manter a fertilidade do solo, os consórcios para cada ciclo de solstício, a produção de sementes locais e a sistematização dessas experiências com o objetivo de serem multiplicadas para a comunidade e demais

grupos urbanos. Portanto, não há um método pronto a ser seguido, mas sim trocas de experiências com outros espaços agroecológicos que já estão a mais tempo construindo práticas mais sustentáveis e integrativas com os ecossistemas.



**Figura 19** - Construção da Agroecovida.

Fonte: do autor (2020)

A proposta de construir parcerias entre os camponeses e consumidores possibilita que o/a agricultor/a possa se dedicar à produção Agroecológica, pois sabe que tem o apoio de um grupo para compartilhar e vender seus produtos. Nesse contexto, as entregas das cestas Agroecológicas iniciaram em abril de 2020, após dois meses do início dos plantios no espaço Agroecovida. A proposta inicial foi compartilhar o que vínhamos já produzindo no momento de pandemia COVID19 e isolamento social. Uma lista com os itens disponíveis da cesta era enviada para as pessoas e elas confirmavam se iriam querer ou não. As entregas são quinzenais. No início combinávamos o dia da entrega, mas depois deixamos aos sábados e sextas pela manhã como referência. O valor é voluntário dentro das possibilidades financeiras de cada pessoa.

**Quadro 6 – 33 Variedades produzidas ao longo da construção do espaço Agroecovida**



Fonte: do autor (2022)

A proposta de compartilhar alimentos agroecológicos está atrelada a uma concepção de alimentação saudável, viável financeiramente e ecologicamente e socialmente integradas. Por outro lado, temos que pensar: estamos dentro de um sistema de produção e consumo na busca de conforto em relação à escolha do que comprar nos espaços de comercialização, mas isso está atrelado ao valor que podemos pagar por esses alimentos, não refletindo muito sobre a origem da comida que consumimos. Nessa experiência percebe-se a dificuldade de construir parcerias, para que os camponeses possam produzir maior diversidade de alimentos. Em um processo agroecológico, com poucos recursos, esse apoio é fundamental para darmos continuidade às vivências no espaço da Agroecovida, buscando unir camponês e consumidor.

Ressaltamos aqui a importância e resistência dos camponeses/as que mantêm viva a agricultura Camponesa, como uma das práticas mais diversificadas de produção de diversas expressões do campo, como: cultura, troca de saberes ancestrais, intercâmbio de experiências, produção diversificada de alimentos sem venenos e outros químicos para o consumo próprio e para comercializar de forma justa, modo de vida intimamente relacionado com os ciclos da natureza, possibilitando nos dias atuais uma das propostas e formas sustentáveis de viver no campo sem explorar seus recursos, gerando biodiversidade local.

Durante esse período, participamos de várias atividades como: rodas de conversas, ciclos de formação, palestras com temáticas relacionados a produção de alimentos agroecológicos em tempos de pandemia; elaboração de propostas para pensarmos iniciativas coletivas e políticas em relação a soberania alimentar; construção de vídeos narrando os

processos agroecológicos para programas de TV e para a plataforma do YouTube; e dois vídeos contando as experiências em Agroecologia aqui na comunidade do Bonfim, sendo um para o Projeto Construindo Caminhos, intitulado “Encontro de arte e educação ambiental”, e um segundo para o projeto Contando a História do Agroecovida, ambos apoiados pela Lei Aldir Blanc nº 14.017/2020 e pela Secretaria Municipal do Município de Petrópolis-RJ.

Hoje, o Agroecovida ecoa o canto do sabiá, não em forma metafórica, mas como prática viva de se rememorar que esse lugar faz parte de um espaço maior que é a comunidade do Bonfim. Há conexões entre o passado e o presente, com uma pausa, para o futuro que ainda não sabemos como será, mas se pressupõem que nossas escolhas do ontem, nossa omissão do hoje, trará consequências terríveis para o amanhã. Esse que muitos de nós iremos alcançar logo ali em poucos anos. Quanto mais tivermos práticas de cultivos coletivos, mas possibilidades teremos de mudar essa realidade de fome, desespero, frustrações do que fazer em um mundo cada vez mais competitivo e sem lugar para a maioria. A tecnologia que traz conforto para os humanos está a serviço do sistema explorador e, cada vez que ela avança, mais humanos estarão excluídos. Por isso os movimentos diversos coletivos são as propostas que podem amenizar e incluir todos os humanos. Os espaços precisam ser construídos a partir de suas realidades. Quais as práticas que podem ser aplicadas nos dias atuais, e que possam trazer os conhecimentos locais como ouvimos nos versos dos/das agricultores/as? Será que nosso olhar não está direcionado para modelos que são vendidos como os padrões de sucesso de produção? Se assim for, não estamos conectados a tal ponto que possamos sentir a vibração da terra que pisamos, pois elas têm as memórias desse tempo de abundância do passado?



**Figura 20** - Vista de cima do espaço Agroecovida.

Fonte: Vídeo Tempo de Plantar - Florian Kopp (2021)

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega o momento de despedida dessa caminhada que se deu por essas muitas páginas, a escrita que me desafiou a pensar sobre esse lugar em que estou inserido e atravessado por diversos processos ao longo do tempo, e que ainda permanecem. Essa percepção que defendo perpassa pelo coletivo, não se dispõe a trazer uma interpretação pessoal do processo de tantas mudanças que a comunidade passa, mas compartilha um olhar sensível de quem viveu e vive muitos momentos intensos juntamente a essas paisagens e pessoas. Por isso, o objetivo dessa dissertação é construir um diálogo entre os saberes e experiências camponesas através de narrativas. A escrevivência possibilitou que os processos que ocorrem entre tantos acontecimentos que não ganham protagonismo sejam compartilhados como conhecimentos e aprendizados que nos tocam, nos colocam reflexivos para entender que as mudanças ocorrem pelos encontros que construímos, sejam eles mais ou menos prazerosos.

Outro desafio é trazer para o espaço acadêmico esses saberes do campo como vivências vivas, de um lugar que busca resistir e reexistir na agricultura, mesmo diante de tantas ameaças que se apresentam. Uma educação agrícola, na minha compreensão, se propõe fortalecer esses espaços e pensar contribuições com a comunidade. Para isso, é preciso conhecer, viver e estar dentro desse processo no cotidiano desses fazeres. É um acenar constante para dizer que estamos aqui, entendemos como funciona o mundo e que não há limitações que nos paralise. Sempre haverá um de nós que vai escapar para falar sobre nosso processo de ser e estar camponês.

Por isso, farei uma síntese sobre os caminhos que percorremos para tecer as propostas e contribuições que se apresentam dentro de uma naturalidade de olhar, ouvir e sentir. O diálogo na mandala é um convite para perceber que essas relações de trocas podem acontecer em qualquer espaço, e o importante é que todos que estejam presentes se sintam pertencentes a esse lugar. Quanto mais espontâneo ele for, mais possibilidades de trocas vai proporcionar. A forma que chegamos aos espaços vai determinar se essa troca vai ou não acontecer. Uma percepção que me veio agora é em relação a nós, pesquisadores, que em sua quase maioria busca marcar horários que sejam compatíveis para realizarmos nossas entrevistas ou conversas. Raramente vão se dispor como voluntários para passar alguns dias na dinâmica de vida daquelas pessoas e são diversas as justificativas que surgem impeditivas para essa proposta, mas não vemos essa vontade com frequência de estar lá em campo. Ao se demorar nos espaços podemos observar um micro fragmento daquela realidade. Sem envolvimento não há como compreendermos uma realidade e sua complexidade.

Em seguida, me propus a trazer um memorial sobre os atravessamentos da infância até à fase adulta. Ora em uma sequência cronológica, ora em idas e vindas, numa dinâmica de memórias importantes. Aqui me expresso trazendo o coletivo de pessoas que fizeram parte da minha formação como ser humano e agricultor/camponês, que contribuíram para meu processo de educador: a prática do ouvir o que as pessoas têm para falar de suas realidades, sem a pretensão de atravessamentos que possam desfocar o que faz sentido para a pessoa falar. Claro que há questões pessoais, emocionais e coletivas que se entrelaçam a todo momento, pois a vida se constrói nesses encontros. Aqui me apresento nesse processo de trazer esse diálogo dos saberes e experiências.

Segui com a Reconexão com a Natureza. Trouxemos alguns temas atuais que permeiam a dinâmica da agricultura e que são urgentes para serem dinamizados no cotidiano, em forma de práticas, reflexões e propostas coletivas. Pensar a partir da realidade em que estamos inseridos e os desafios que ela nos lança todos os dias. Quando nos propomos a olhar para as localidades rurais, reconhecendo e valorizando toda a construção cultural que há nesses espaços, é para mostrar que essas pessoas têm uma compreensão de muitos acontecimentos relacionados às crises que passamos, para, assim, pensar propostas de

transições Agroecológicas que são múltiplas dentro da complexidade de uma comunidade rural. Somos nós que ainda estamos nesses espaços e temos esse saber de cultivar a terra. Somente se fazendo presente dentro desses fatos para observar e construir outras formas de resistir e recompor com a natureza.

Sobre a Comunidade Rural do Vale do Bonfim, apresentei sua formação através de pesquisas já feitas sobre os momentos históricos em que a fazenda se transforma em comunidade, mas demos um passo mais detalhado sobre as práticas agrícolas e a forma como as pessoas vivem aqui; são repetições ao longo do tempo que ouvimos, tentamos remontar as paisagens, como as pessoas trabalhavam, as variedades que cultivavam e suas dificuldades. Esses detalhes não são perceptíveis em entrevistas, pois o foco é outro. Essa forma de fazer agricultura manual tem muito a nos ensinar, para atravessarmos essas dificuldades que estamos passando em relação à agricultura moderna.

Finalmente chego na pesquisa, parte que é a mais esperada de uma dissertação. Aqui me senti pertencente por completo, pois a escrevivência me despertou para trazer um fato que me marcou e somente consegui ver os aprendizados quando entrei em contato com essas memórias ao começar a escrever. Esse menino que está presente em minhas memórias continua me ensinando a partir de suas vivências. A prática de aprisionar pássaros é problemática, mas aqui não a trago como uma lição punitiva e de proibição, mas sim como possibilidade para mudar as percepções ao nosso redor e percebermos que as conexões ocorrem em todos os momentos. Essa construção social coletiva que nos cerca e nos impulsiona para a vida. Esse encontro do menino e o sabiá me trouxe outros olhares para a vida em meio a um caos que vivemos. Não se trata de viver na imaginação, mas utilizá-la para se debruçar em nossos desejos pessoais e coletivos, aqueles que queremos construir. Trazer as falas dos/as agricultores/as numa proposta de “poemas”, identificando que eles têm um ritmo na fala, frases que se montam por si só. Eu não tinha percebido isso, e foi a partir do caminhar com o sabiá que consegui ter essa percepção. Eu que sempre vivi aqui e só me dei conta dessa sutileza somente agora. Isso nos mostra que o demorar nos processos independe do tempo, que pode ser mais para uns e menos para outros.

Cada escrita-poema traz em si suas contribuições sobre as múltiplas transições na agricultura. Essas são algumas perguntas que ficam para a nossa reflexão: os problemas são maiores do que suas resoluções? Estamos caminhando para quais lugares de resistência? Estamos sensíveis para acolher esses saberes e experiências dentro dos espaços acadêmicos? Os espaços acadêmicos estão dando espaços para nós que habitamos as bordas dos sistemas educacionais? Estamos construindo espaços de trocas dessas vivências pessoais, ou montando um cenário que diz que essas trocas estão ocorrendo? São muitas realidades que trouxemos nessa escrita, e tudo está acontecendo ao mesmo tempo; o passado se transforma no presente constantemente. A vida está dessa forma, e ao olharmos para ela como um todo não é possível separar partes específicas para analisar e depois recolocar, pois ela está inserida no movimento que continua caótico, que se fragmenta e se reconstrói a todo momento por meio dos saberes e das experiências. Como educadores e educandos nos deixemos ser afetados por esta construção do saber que se apresenta na espontaneidade dos encontros, dos fazeres e dos envoltimentos emotivos que nos impulsiona para criações inventivas e que nos reconecta como humanos/as.

A narrativa do menino e o sabiá é uma escrevivência que traz uma experiência pessoal em consonância com esse coletivo que constitui a comunidade Rural do Bonfim. A sua construção ocorre através de uma linguagem camponesa, destaca fatos ocorridos que nos fazem pensar sobre as relações com a localidade em que vivemos, atravessamentos temáticos que retratam a relação dos humanos com a natureza, assim como a importância da memória como afirmação e resistência do saber do campo, elementos que fazem dessa escrita um material didático para ser compartilhado em vários espaços educacionais, para diferentes

idades. Claro que por haver uma narrativa que retrata uma fase da infância, nos leva a crer que possa ser compartilhado em atividades diversas das primeiras séries do Ensino Fundamental. Por trazer uma paisagem de natureza, podemos pensar como possibilidade compor com a Educação Ambiental, que não tem ocupado seu espaço nas instituições, e que é necessária em tempos tão caóticos de contaminações, poluições, desmatamentos, entre tantas atrocidades com a biodiversidade. Mas, como somos ousados, e por ser uma escrita viva abre-se para todas as idades. Expressa uma forma de escrita que nos desafia a pensar sobre nossos processos enquanto acadêmicos/as inseridos nos mais diversos campos dos conhecimentos; também contribui para que outros modos de escritas possam aflorar por outros/as estudantes, como teias de troca de experiências múltiplas, potentes e capazes de construir uma revolução para os espaços acadêmicos. Gratidão aos que chegaram até aqui. Fiquemos com os cantos dos Sabiás que se embalam juntamente com a primavera.

O Menino e o Sabiá trazem em seu diálogo possibilidades de imaginar, pensar e sentir o campo.

Este campo que aqui trago, são como um mosaico de pequenas porções de terra com suas experiências, seus formatos e suas histórias.

Um recorte na espiral da vida que é dialogada em um “eu” que pode soar de muitas formas que aqui não vou nomear.

A cada dia somos menos nesse modo de viver, sou uma geração que sente essa mudança com muita força no espaço do tempo de olhar a geração dos meus pais e avós e ver as gerações futuras que vieram depois de mim.

Não somos uma memória impregnada em objetos, paisagens ou fotos que ficaram no passado, somos o hoje vivo e inserido em um caminhar da humanidade que se diz evoluída, mas caminha para o caos, e não consegue se conectar nas entranhas da sua própria existência.

Na identificação de habitar as bordas das diversas oportunidades que não nos foram apresentadas como escolhas ou condição, mas sim realidades que compareceram naquele momento.

Isso nos põem fora de um círculo que cabem poucos no centro, pois em um espaço de centro a cada passo que damos cabem menos pessoas.

As bordas são potentes, pois nelas encontramos a vida pulsar, infinitas manifestações de amor, solidariedade e diversos modos de viver.

Sempre haverá um de nós que vai escapar para se aventurar nos anéis estreitos e dolorosos para se chegar mais próximo desse centro, para mostrar que existimos e somos resistência.

Sinto que os que tem esse caminhar em suas veias vai ao centro se juntar com os demais que ali lutaram para chegar e saem para as bordas para fortalecer outros que possam também chegar.

Esse movimento de ir e vir fortalece a luta coletiva, pois não somos privilegiados e nem exemplos para ser comparado (se se esforçar você chega lá).

Entre medos, inseguranças, decepções, solidões, interrupções, reprovações e desgostos, estamos aqui para reconhecer as muitas conquistas que tivemos, agradecer por esses espaços, mas lembrar a todas e todos que a caminhada é árdua e cheia de muitos desafios e não podemos permitir que os nossos saberes e experiências sejam desvalorizados e reduzidos, somos nós que vamos reafirmar nosso lugar no mundo.

Fabiano Francisco de Azevedo (2022)

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3ª. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012.

ANDRADE, T. O.; CANIMI, R. N. Revolução Verde e a apropriação Capitalista. **CES Revista**, Juiz de Fora, v. XXI, p. 43-56, 2007.

BARROS, M. **Livro sobre Nada**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BESSA, Bráulio. **Poesia que transforma**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2018. Disponível em: <https://salesianosp.org.br/osbomretiro/wp-content/uploads/2021/08/Bra%CC%81ulio-Bessa-Poesia-que-Transforma.pdf>. Acesso em: 09 ago 2022.

BOHRER, Larissa. Veneno: 2021 teve 550 registros de agrotóxicos aprovados pelo governo Bolsonaro. Coluna – Ambiente. **Rádio Brasil Atual**, São Paulo, 12 de jan. de 2022. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/ambiente/2022/01/agrotoxicos-2021-recorde-550-registros-aprovados-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 01 set. de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Alimentos Regionais Brasileiros**. 2º Ed. Brasília, 2015. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/biblioteca/visualizar/MTMyMg==>. Acesso em: 04 set. 2022.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria da Agricultura Familiar. **Programa de aquisição de alimentos da agricultura familiar**: renda para quem produz e comida na mesa de quem precisa! Brasília, 2012. Disponível em: [https://www.conab.gov.br/imagens/arquivos/agricultura\\_familiar/Cartilha\\_PAA.pdf](https://www.conab.gov.br/imagens/arquivos/agricultura_familiar/Cartilha_PAA.pdf). Acesso em: 09 ago 2022.

BUARQUE, Chico; NASCIMENTO, Milton. O Cio da Terra. In: BUARQUE, C.; NASCIMENTO, M. **MILTON & CHICOCHICO & MILTON**. Brasil: Philipps, 1977. 1CP. Faixa 2.

BURITY, Valéria. **Prato do Dia**: O que é essencial? A vida ou o veneno? O STF dirá. Disponível em: <https://fianbrasil.org.br/tag/agrotoxicos/>. Acesso em: 29 fev 2020.

CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. Trabalho, Agroecologia e educação politécnica nas escolas do campo. In: PIRES, João Henrique et al. (Orgs.). **Questão agrária, cooperação e Agroecologia**. Vol.3. Uberlândia: Navegando, 2017. p. 263-328. Disponível em: [https://issuu.com/navegandopublicacoes/docs/livro\\_henrique\\_flash](https://issuu.com/navegandopublicacoes/docs/livro_henrique_flash). Acesso em: 09 ago 2022.

CAPORAL, F. R. Em defesa de um Plano Nacional de Transição Agroecológica: compromisso com as atuais e nosso legado para as futuras gerações. In: SAUER, S. e BALESTRO, M. V(ORGs). **Agroecologia e os desafios da transição agroecológica**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 261-304.

CARVALHO, Horácio Martins de; COSTA, Francisco de Assis. Agricultura Camponesa. In: CALDART, Roseli Salete. et al. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: Expressão Popular, 2012.

CARVALHO, I.S.H. A agroecologia como ciência, movimento e prática. Uma revisão. **RETTA - Revista de Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas**, v. 9, p. 123-133, 2018.

CARVALHO, Igor Simoni Homem de. **Campesinato e biodiversidade no Cerrado**: um estudo sobre o Assentamento Americana (Grão Mogol, MG) à luz da agroecologia. 2013. 213 f. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

CHABOUSSOU, F. **Plantas doentes pelo uso de agrotóxicos**: novas bases de uma prevenção contra doenças e parasitas - a teoria da trofobiose. Tradução de Maria José G. 2º. Ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CORRÊA, F. V. **O Parque Nacional da Serra dos Órgãos: Entendendo a dinâmica do conflito na gestão**. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

COSTA, F. A. **Formação Agropecuária da Amozônia: os desafios do desenvolvimento sustentável**. Belém: UFPA. NAEA. 2000.

DICTORO, V. P. Et al. A relação ser humano e natureza a partir da visão de alguns pensadores históricos. *Revbea*, São Paulo, V. 14, nº 4: 159-169, 2019.

EVARISTO, C. A escrevivência serve também para as pessoas pensarem. Entrevista concedida a Tayrine Santana e Alecsandra Zapparoli. **Itaú Social & Rede Galápagos**. São Paulo, 09 nov 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em 06 ago. 2022.

EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N. M. de B.; SCHNEIDER, L. (Org.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FERREIRA, A. B. H. **O minidicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUKUOKA, M. **A revolução de uma Palha**: uma introdução à agricultura Selvagem. Tradução de Isabela Lopes. Porto: Editora Via Óptima reimpresso 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa** - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GLIESSMAN, S. Transformando sistemas alimentares com agroecologia. **Agroecologia e Sistemas Alimentares Sustentáveis**, v. 40, n. 3, p.187, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21683565.2015.1130765>. Acesso em: 15 mai 2022.

GONDIM, A. **Catálogo brasileiro de hortaliças: saiba como plantar e aproveitar 50 das espécies mais comercializadas no país**. Brasília, DF: Embrapa Hortaliças: SEBRAE, 2010. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/handle/doc/887213>. Acesso em 04 set 2022.

GONZALEZ, A. Betinho, a fome, e o botão vermelho do fim do mundo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 ago. 2017. Caderno Razão Social. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/blog/nova-etica-social/post/betinho-fome-e-o-botao-vermelho-do-fim-do-mundo.html>. Acesso em: 07 mai 2022.

GÖTSCH, E. **Homem e Natureza: Cultura na Agricultura**. 2ª. ed. Recife: Recife Gráfica Editora, 1997.

GOTTINARI, Marco. Aprendiz. In: GOTTINARI, Marco. **Tudo uma Canção**. Brasil: Gravado no Estúdio Livre Casa Brasil, 2011. 1 CD. Faixa 4.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. Pesquisa e organização Rita Carelli. 1º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

LARROSA, J; KOHAN, W. **Elogio da escola** (coleção Educação: Experiência e Sentido. Organização Jorge Larrosa; tradução Fernando Coelho). 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LAWALL, Sarah. **Modificações na hidrologia dos solos em resposta as alterações de uso cobertura na Bacia Hidrográfica do Bonfim, Região Serrana do Rio de Janeiro**. 2010. 197 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

LOURENÇO, A. E. P. **O Bonfim na balança: perfil nutricional e percepção sobre prática alimentares e de atividade física em um bairro rural de Petrópolis, Rio de Janeiro**. 2010. Tese. (Doutorado em Ciências na área de Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010.

MELLO, M. B. C. de. O diário de bordo: criando uma linha de fuga sobre uma linha de montagem. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)**, [S. l.], n. 25, p. 192–209, 2016. DOI: 10.26512/resafe.v0i25.4798. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4798>. Acesso em: 21 jan. 2022.

MELLO, Thiago de. **Faz escuro mas eu canto**. 1. ed. – São Paulo: Global Editora, 2017.  
MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MOTTA, Mácia; ZARTH, Paulo. Apresentação à Coleção. In: NEVES, Delma Pessanha & SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Et al. **Processo de Construção e Reprodução do Camponato no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. Tradução de Cláudia F. F. B. F. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

PALUDO, Conceição. Educação Popular. In: CALDART, Roseli Salette. et al. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

FELISBERTO, Fernanda. Escrivência como rota de escrita acadêmica. In: Constância Lima Duarte. Et al. **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

PENSSAN- Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar. **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil**. VIGISAN. São Paulo, 2020 Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/pesquisa2020/>. Acesso em: 09 ago 2022.

PENSSAN- Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar. **II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID- 19 no Brasil. II** VIGISAN. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/> Acesso em: 09 ago 2022.

PETERSEN, P.; MONTEIRO, D. Agroecologia ou Colapso. **Outras Palavras – Jornalismo de profundidade e pós-capitalista**. São Paulo, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-brasileira/agroecologia-ou-colapso-1/>. Acesso em: 09 ago 2022.

PLOEG, J. D. O sistema alimentar em tempos de covid-19: Ensinaamentos para o Futuro. **Revista Agriculturas – Cadernos para debate**, Rio de Janeiro, v. 47, nº 5, p. 1-34, ago de 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/wp-content/uploads/2021/10/211001-VanderPloegCriseAgricola.pdf>. Acesso em: 09 ago 2022.

PRIMAVESI, A. Agroecologia e Manejo de Solo. **Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. V, n. 3, p. 7-10, set de 2008. Disponível em: <http://aspta.org.br/files/2014/10/Artigo-1-Agroecologia-e-manejo-do-solo.pdf>. Acesso em: 09 ago 2022.

PRIMAVESI, A. **Pergunte ao solo e às raízes: uma análise do solo tropical e mais de 70 casos resolvidos pela agroecologia**. 1ª. ed. São Paulo: Nobel, 2014.

PRIMAVESI, A. 1 Vídeo (1h28 min). Palestra – A evolução e o potencial da Agroecologia no desenvolvimento da agricultura Brasileira – 1º Jornada Paraense de Agroecologia. **Publicado pelo canal Ana Primavesi**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ge7ryjnD0uA&t=131s>. Acesso em: 09 ago 2022.

ROCHA, L.G.M. A situação Fundiária do Parque Nacional da Serra do Órgãos. In:

RONENEMBERG, C.; CASTRO, E. B.V. (Org.) **Ciência e Conservação na Serra dos Órgãos**. Brasília: Ibama, 2007.

RODRIGUES, V. G. S. **Publicação com informações sintéticas sobre o uso de plantas medicinais**. Folders. Rondônia: Embrapa Plantas Mediciniais, 2001. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/984060/plantas-mediciniais>. Acesso em: 04 de set. 2022.

SANTOS, A. B. Somos da Terra / Emergência climática. Entrevista concedida a Thiago Mota Cardoso. **Revista de divulgação científica Coletiva**, Recife, Dossiê 27, p 1-7, abr. 2020. Disponível em: <https://www.coletiva.org/dossie-emergencia-climatica-n27-entrevista-com-antonio-bispo>. Acesso em 06 ago. 2022.

SCHAPPO, S. **Fome e insegurança alimentar em tempos de pandemia**. Ser Social – Alimentação, Abastecimento e Crise, Brasília, V. 23, n. 48, p. 28-52. Jan a Jun 2021.

SCHMITT, C. J. Transição agroecológica e desenvolvimento rural: um olhar a partir da experiência brasileira. In: SAUER, S. e BALESTRO, M. V. (Org.). **Agroecologia e os desafios de transição agroecológica**. 2. ed. São Paulo. Expressão Popular, 2013. P. 173-198.

SEIXAS, Raul. **Metamorfose Ambulante**. In: SEIXAS, Raul. **Metamorfose Ambulante**. Brasil: Polygram, 1988.

SHIVA, Vandana. Inimiga nº1 dos transgênicos, física indiana denuncia ditadura da indústria alimentícia. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 24 ago. 2013. Coluna Empreendedor Social. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/empreendedor-social/2013/08/1331170-inimiga-n1-dos-transgenicos-fisica-indiana-denuncia-ditadura-da-industria-alimenticia.shtml>. Acesso em: 07 de mai. 2022.

SHIVA, Vandana. **Recuperar a terra, nosso alimento e nossa agricultura (traduzido por CEPAT - Instituto Humanista Unisinos)**. São Leopoldo: El Salto, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597095-recuperar-a-terra-nosso-alimento-e-nossa-agricultura-artigo-de-vandana-shiva>. Acesso em: 09 ago 2022.

SILVA, M. G. da. Trabalho, agricultura camponesa e produção do conhecimento agroecológico. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 2, p. 347-357, maio/ago. 2017.

STEENBOCK, Walter. **A Arte de Guarda o Sol: Padrões da Natureza na reconexão entre Florestas, cultivos e gentes**. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2021.

TAKUÁ, Cristine. **Seres Criativos da Floresta**. Rio de Janeiro: Cadernos Selvagens. Publicação Digital. Dantes Editora Biosfera, 2020. Disponível em: [http://selvagenciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO\\_4\\_TAKUA.pdf](http://selvagenciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO_4_TAKUA.pdf). Acesso em 03 de set. 2022.

TENZIN-DOLMA, LIZA. **Mandalas da natureza: 30 novas meditações para você ampliar a consciência e encontrar paz de espírito nas belezas naturais**. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.

THEODOR, S. H. et al. **Agroecologia: um novo caminho para extensão rural sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2009. 236p.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 13<sup>a</sup>. Ed. São Paulo; Editora Cortez, 2004.

ZARREF, L. A agricultura camponesa não produz mercadoria, mas alimento, afirma membro do MST. Entrevista concedida a Emilly Dulce. **Brasil de Fato**. Debate – Direitos Humanos, São Paulo, 03 set. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/09/03/seminario-na-camara-propoealternativaaoagronegocioeafinancieirizacaodanatureza#:~:text=O%20MST%20%C3%A9%20o%20maior,%C3%A9%20o%20papel%20do%20Estado>. Acesso em: 22 mai. 2022.

## **8 ANEXOS**

## Anexos I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



### UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE AGRONOMIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Adultos)

#### UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

**Título do Projeto: O MENINO E O SABIÁ: PROSEANDO ENTRE SABERES E EXPERIÊNCIAS CAMPONESAS NA COMUNIDADE RURAL DO VALE DO BONFIM – PETRÓPOLIS – RJ**

**Pesquisador(a):** Fabiano Francisco de Azevedo(mestrando)

**Pesquisador(a) responsável (professor(a) orientador(a)):**Prof. Dr. Igor Simoni Homem de Carvalho(orientador)

Este documento que você está lendo é chamado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido(TCLE). Ele contém explicações sobre o estudo que você está sendo convidado(a) participar. Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado/a a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

O pesquisador declara que garantirá o cumprimento das condições contidas neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

#### **Natureza e os objetivos do estudo:**

A pesquisa desta dissertação tem como proposta entrelaçar as memórias e as vivências que me perpassam como sujeito integrante da Comunidade Rural do Vale do Bonfim, Petrópolis – RJ, e apresenta como objetivo a construção de um diálogo entre os saberes e as experiências camponesas da comunidade, numa abordagem narrativa que tem sua imersão nos conhecimentos que foram tecendo esse lugar epistêmico como camponês. No envolvimento de observar esses lugares pelo Vale do Bonfim, busco compor com essas paisagens uma escuta sensível, o olhar aguçado, o olfato apurado e sorrisos receptíveis aos encontros ao longo dessa caminhada. Nesses passos, vamos revisitar as memórias do passado em diálogo com o presente, para compreendermos como se deu sua construção e mudanças que ocorreram ao longo do tempo; sentir nas conversas pelo passear o que as paisagens e os/as

agricultores/as trazem em suas memórias e vivências de vida; na percepção com a natureza, observar como se encontram e transmitem as alterações que foram ocorrendo ao longo dos anos; o encontro entre os saberes e experiências como possibilidades para outras formas de reconexão com a natureza e contribuições para a transição Agroecológica.

### **Justificativa:**

Envolver-me aqui como um agricultor/camponês que nasceu nessa comunidade e me embalo dentro da sua construção como a geração de filho e neto que teve o próprio “umbigo” enterrado nessas terras. Por ter vivenciado na prática a agricultura até os meus vinte anos, muitos foram os atravessamentos que ocorreram por inúmeras mudanças, e sempre senti que os saberes vividos e guardados na minha memória me acompanhavam nos processos da vida. Mesmo passando pela formação de licenciatura em Ciências Biológicas, me voltei sempre para os saberes populares, que têm esses encontros com as vivências e experiências do papear, da poesia sem plural, do acolhimento, das palavras que saem do coração expressando a grandiosidade de pessoas tão sábias e invisibilizadas por residirem no campo e nas periferias urbanas.

### **Procedimentos do estudo:**

Em um primeiro momento os participantes serão contatados por telefone pelo pesquisador, que irá detalhar os objetivos e procedimentos da pesquisa. Em seguida os participantes serão convidados(as) a participarem da pesquisa. Caso aceite, avaliaremos juntos a possibilidade da entrevista ser presencial cumprindo todos os protocolos da Covid19 como: distanciamento, uso de máscaras e álcool gel e local aberto para esse procedimento. Caso não seja possível, faremos por via virtual. Mediante todos os esclarecimentos e concordâncias, essas entrevistas serão gravadas por áudios, para que as informações fiquem registradas sem que o pesquisador fique fazendo anotações, e se distancie ou constranja o entrevistado. Serão adotadas entrevistas abertas, para que a conversa possa fluir de forma bem natural, sem direcionamentos programados que possam desviar o curso natural do pensamento do narrador. Caso seja necessário faremos uma segunda entrevista para detalhar alguns fatos ou assuntos que não foram aprofundados sendo relevante registrar.

### **Esboço para a conversas**

1º etapa tem a proposta de ser mais exploratória, deixando a pessoa falar naturalmente. Após as entrevistas, analisar e sistematizar as narrativas.

2º etapa elabora perguntas mais específicas e retorna para uma segunda conversa caso seja necessário.

Perguntas/tópicos para o início da conversa:

- Tempo que mora na comunidade
- Membros da família
- História da sua vida na agricultura
- Suas lembranças sobre a formação da comunidade/ sobre os eventos coletivos/ celebrações religiosas e outros...
- Como era antes a localidade, onde vendiam o que usava para o desenvolvimento das plantas
- Memórias das histórias dos mais antigos
- O que plantava e não planta mais, que práticas agrícolas vocês faziam e não fazem mais, e quais vocês continuam fazendo?

**Forma de acompanhamento e assistência:**

O acompanhamento do entrevistado(a) será feito pelo pesquisador, durante todo o período da pesquisa, e será assistido pelo mesmo em todos os momentos (antes, durante e depois) da pesquisa.

**Riscos e benefícios:**

Os riscos apresentados são mínimos, por se tratar de uma entrevista aberta são os mesmos recorrentes em uma conversa do cotidiano, deixando o participante bem livre para dialogar de forma bem a vontade sem ter que se constranger diante de perguntas que sejam invasivas a sua privacidade. Caso ocorra alguma pergunta inadequada o entrevistado(a) ficará a vontade em não responder.

Caso ocorra danos pessoais por conta a pesquisa, o participante poderá recorrer as vias jurídicas com comprovações que o problema foi decorrente da pesquisa.

Com a sua participação será possível identificar e fortalecer os saberes e experiências relacionados as práticas agrícolas, na comunidade do Bonfim – Petrópolis-RJ, e sua contribuição para a transição agroecológica.

**Providências e Cautelas:**

Todos os cuidados serão minuciosamente tomados, para que não ocorra danos ao participante. Será garantido sua liberdade para responder e falar sobre o que se sentir a vontade de compartilhar, para não haver constrangimento e desconforto. Será garantido sua privacidade em relação ao lugar que ocorrerá a conversa, valoração e respeito diante de todos os seus saberes e experiências que possa compartilhar.

**Participação, recusa e direito de se retirar do estudo:**

Essa pesquisa conta com a sua participação voluntária. Não há obrigatoriedade em participar. Caso não se sinta a vontade em continuar sua participação, solicitamos que entre em contato com o pesquisador para comunicar sua saída.

**Confidencialidade:**

As conversas (anotações e áudios gravados nas entrevistas) ficarão sob a responsabilidade do pesquisador. Os resultados serão utilizados apenas academicamente em eventos (seminários, simpósios e encontros), aulas e artigos para revistas científicas.

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Petrópolis, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Participante

---

Orientador(a)

---

Pesquisador(a)

Se persistir alguma dúvida, entre em contato com o(a) Coordenador(a) da pesquisa:

Nome: Prof. Dr. Igor Simoni Homem de Carvalho

Telefone: (21) 99066-7751

E-mail: igorshc@yahoo.com

## Anexo II - Carta de Princípios do Flora

### CARTA DE PRINCÍPIOS

O Grupo Flora – Filosofias, Lógicas e Reescritas Acadêmico-Afetivas nasce em meio a um percurso e a uma jornada acadêmica, em um processo de profunda reflexão. Não nasce de forma prévia, idealizada e nem individualmente. Ele é catalisado a partir de uma necessidade fundamental de um trabalho de orientação, mas nasce-em-grupo e nasce-como-grupo. Emerge de uma experiência coletiva, de muitos estudantes, professores e pesquisadores cansados de uma lógica acadêmica, que persiste sendo colonial; de uma pesquisa e escrita acadêmicas, que persistem em uma forma monológica, legitimando o “conformismo linguístico”, que está na base de todos os outros, como diz Larrosa. Nasce, igualmente, como “invenção de dispositivo de interrupção” (Pál Pélbart) em relação ao tempo linear, produtivista e saturante, importado de uma lógica do capital na Academia. Nasce da convicção de que escrita é arte e de que orientação precisa ser sempre processo coletivo. E que fazer perguntas continua sendo uma forma potente de conhecimento.

Sendo assim, aspira ser um grupo que tem como compromisso “confluir” (Nego Bispo) no prazer de estudar coletiva-interdisciplinar-intergeracionalmente, na fruição do pensar, na educação do gosto, na alegria de se reunir, na experiência coletiva de apoio e fortalecimento mútuo. Tem na Logomarca um compromisso com a Vida. Além do mais:

- É um grupo interdisciplinar (aberto à diversidade de estudos, de temas e pesquisas), desejando tornar-se transdisciplinar, ou seja, capaz de promover diálogos para além dos territórios disciplinares, sendo capaz de forjar outros conhecimentos;
- É um grupo que se reúne de forma dialogal, já que se baseia em uma concepção complexa do conhecimento, que não se configura linearmente e nem hierarquicamente, em que todos os participantes têm voz, são oriundos de vários espaços e tempos e representam a própria complexidade e diversidade da vida – dentro e fora da Universidade;
- É um grupo formado também por pessoas que prezam o estudo e a reflexão e se encontram outras condições epistêmicas da vida, para além da Academia, fortalecendo um “diálogo de saberes”;
- É um grupo comprometido por uma ética da solidariedade, da cooperação e da filosofia “slow” (Domenico De Masi), que caminha forjando um tempo próprio e cíclico, humano e finito, e não o determinado exteriormente pela lógica do capital, que impõe prazos, currículo lattes, ambições de produtividade e competição, processos extrativistas, monológicos e excludentes de escritas. Pretende caminhar forjando um tempo próprio e cíclico.
- É um grupo comprometido com o estudo, aprofundamento e diálogos com os textos lidos e não com quantidade de textos. Não acreditamos no conteudismo nas formas de leituras, nem nas formas de escritas, nem na forma de participação de eventos;

Apesar de toda a diversidade interdisciplinar, o eixo dos estudos são Filosofias, Artes (Estética), Lógicas e Reescritas outras (também acadêmicas), mas afetivas, no sentido espinosiano<sup>5</sup>. E o compromisso primeiro é repensar os modos de pensar e as lógicas de

---

<sup>5</sup> Afetivas aqui remetem à Ética de Espinosa e ao encontro dos corpos. Uma das ideias mais importantes de Espinosa, para o debate filosófico, é saber não o que somos, mas “do que nossos corpos são capazes”. É através de afecções consideradas bons encontros que aumentamos a nossa potência de agir, como é através dos maus encontros que somos diminuídos em nossa potência. Espinosa denomina “ideias-noções”, o estágio em que

pensamento e racionalidade e inventar contra-epistemologias (Entendemos a perspectiva decolonial e a contra-colonial como invenção de outros modos e não apenas a realização da crítica às epistemologias dominantes), assim como promover sempre o diálogo de saberes com todos os sistemas de conhecimento.

### **Metodologia dos Encontros:**

1. Leituras e diálogos sobre textos propostos escolhidos coletivamente.
2. Oficinas de Escritas / Diário de Bordo?
3. Realização de Projetos de Escrita e Publicação de Materiais.
4. Elaboração de projetos diversos.
5. Orientações coletivas de trabalhos (TCC's, Dissertações de Mestrado, Teses de Doutorado e Outros).

### **Limite de Participação:**

### **Crítérios para participar do Grupo:**

- Identificar-se e comprometer-se com os princípios do grupo;
- Ter disponibilidade para realizar leituras e escritas;
- Ter disponibilidade para participar dos encontros, às sextas-feiras, de 08 às 11 horas.
- Princípio 2
- Experiência
- Processo
- Formação Coletiva

---

temos consciência das causas das afecções e não apenas de seus efeitos. Aqui podemos nos libertar das paixões de alegria e tristeza, do automatismo espiritual que nos fabrica e termos domínio das “auto-afecções” ou “afetos ativos”, que nos conferem autonomia para controlar nossa potência de agir, cessando a variação contínua da potência, que nos subjugam ao acaso dos encontros. Aqui sabemos o que nos é conveniente e o que nos é inconveniente na relação entre dois corpos. As ‘ideias-noções’ são, portanto, uma espécie de saída, de emancipação do sujeito. Significam que noções se compõem quando os corpos e as almas se encontram, produzindo alguma coisa que é comum aos corpos e à coletividade, aumentando a potência de agir.